

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE**

**O TUTOR EM EAD: UM METAPONTO DE VISTA**

**NADIA ROCKENBACK**

São Paulo

2 012

NADIA ROCKENBACK

**O TUTOR EM EAD: UM METAPONTO DE VISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, à banca de defesa, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

São Paulo

2012

Rockenback, Nadia.

O tutor em EAD: um metaponto de vista. /Nadia Josiane Rockenback de Almeida. 2012.

152 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2012.

Orientador (a): Profa. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

1. Complexidade. 2. Educação a Distância. 4. Tutor.

I. Dias, Elaine Teresinha Dal Mas. II. Título

CDU 37

NADIA ROCKENBACK

## **O TUTOR EM EAD: UM METAPONTO DE VISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, à banca de defesa, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

---

Membro: Professora Dr<sup>ª</sup>. Elaine Teresinha Dal Mas Dias- Orientadora- Uninove- SP

---

Membro: Professora Dr<sup>ª</sup>. Maria Margarina Cavalcanti Limena – PUC-SP

---

Membro: Professora Dr<sup>ª</sup>. Cleide Rita Silvério de Almeida - Uninove- SP

---

Membro: Professor Dr. Marcos Antônio Lorieri, - Uninove- SP

São Paulo, 21 de Novembro de 2012.

## DEDICATÓRIA

*In memoriam*, dedico a João Luiz e a Martina, meus pais, que sempre serão as minhas raízes e galhos.

Dedico ao meu esposo Paulo e à minha filha Marina, pelos momentos de parceria e compreensão.

## AGRADECIMENTOS

À Uninove pela oferta de bolsas de estudo e apostar na pesquisa acadêmica.

À banca de qualificação que muito contribuiu na composição do meu trabalho final.

Em especial, à minha orientadora Professora Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias, pela parceria e dedicação com a Pesquisa; por não ter resistência às inovações; pelos momentos de solidariedade e disponibilidade pessoais e acadêmicos que tanto colaboraram com o nosso trabalho.

Aos diretores das escolas nas quais eu trabalhei nos anos que coexistiram ao curso de mestrado, pelo ajuste nos meus horários.

Ao Professor Dr. Marcos Antônio Lorieri, ouvinte das minhas poesias, grande mestre que me ensinou muito sobre a Arte de pensar.

Ao Professor Dr. José Moran que disponibilizou seu tempo para uma conversa generosa e extremamente válida para o progresso da minha pesquisa.

Aos “meus” tutores, sujeitos atuantes e participativos, sujeitos da sua história presente, responsáveis e afetuosos nas suas funções ainda em construção neste mundo da EAD.

Aos meus amigos Complexos, fiéis loucos e sãos, que permaneceram ao meu lado na minha extrema ausência. Em especial, a Valter Bastos, por reclamar muito do meu telefone desligado.

*[...] O maior apetite dos homens é desejar ser. Se os olhos vêem com amor o que não é. Tem ser. [...]*

*Padre Antônio vieira*

## RESUMO

As questões do sujeito ganham espaço nas discussões que norteiam os processos de ensino e de aprendizagem ao longo do tempo. Por conseguinte, a Educação a Distância (EAD) exige reflexão das dimensões que o sujeito abrange e estratégias para a flexibilização do processo. Tem como objeto o tutor em EAD. À necessidade de percepção da complexidade do pensamento, e das mudanças em relação à Educação, insere-se a figura do tutor como ator ativo e criativo nas inter-relações com o outro e consigo mesmo, não disjunto das funções que exerce como indivíduo e sujeito. Objetiva a busca pela compreensão desse sujeito-tutor com vistas a superar a visão dicotomizada e redutora que dificulta a percepção de um caráter integrador que mobilize o conhecimento. Apresenta uma breve reflexão sobre a Educação a Distância, a utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação, a relação sistêmica que as envolve e, o ser-tutor, nesse contexto geral e específico. Para tanto, fundamenta-se na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, com base na noção de sujeito e nos operadores hologramático, recursivo e dialógico. Optou-se pela abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e de campo, para tratar os objetos. O método escolhido foi a entrevista não-dirigida oportunizada pela questão norteadora “O que é ser tutor em EAD?”, com a utilização do *Skype* e do *MP3 player*, como recursos tecnológicos. Optou-se por escolher tutores vinculados a Universidade Aberta do Brasil e tutores dos cursos da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ). As análises das entrevistas mostraram que o tutor preocupa-se com as funções que exerce como agente mediador e acredita que o ensino a distância, embora marcado pela rigidez e disciplina do sistema educacional, possibilita maior aproximação com o aluno e com o conhecimento construído. Resulta que os entrevistados alegam gostar da modalidade em questão, sentem-se como mediadores do processo ensino/aprendizagem, acreditam que a EAD possibilita mais efetivamente a



troca entre os pares e percebem-se como agentes ainda em formação profissional. Concluiu-se que dar voz aos tutores favoreceu para o entendimento das atribuições do tutor e a explicitação das suas expectativas no âmbito educacional, dos seus sentimentos recorrentes a isso e da maneira peculiar com que constroem cada relação, recursivamente, dentro e fora de si.

Palavras-chave: Complexidade. Educação a Distância. Tutor.

### **ABSTRACT**

The issues of the knowing subject gains ground in discussions that guide the processes of teaching and learning over time. Thus, Distance Learning (DL) requires strategies and reflection upon the dimensions that the subject covers for the flexibility of the process. It has as objects the tutor DL. The image of the tutor as an active and creative actor in the interrelations with one another and himself is inserted to the necessity of perception of the complexity of the thought and the changes concerning Education, not disjunct of the functions he carries out as character and subject. It aims the subject-tutor search for comprehension intending to overcome the dichotomized and reductant view that hampers the perception of an integrating character that mobilizes the knowledge. It presents a brief reflection upon Distance Learning, the use of Communication and Information Technologies, the systemic relation that includes them and the tutor-being in this general and specific context. To such purpose, it underlies the Theory of Complexity, by Edgar Morin, based on the notion of the subject and on the hologramatic, recursive and dialogic operator. It was decided to use the qualitative approach with field and bibliographic research to deal with the objects. The chosen method was the non-directed interviews experienced through the guiding question "What is to be a DL tutor?" with the use of Skype and an MP3 player as technological resources. The decision was to choose tutors linked to Universidade Aberta do Brasil and Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ) courses. The analyses of the interviews present that the tutor is concerned with the functions he puts into practice as a mediator agent and believes that the distance learning, although marked by the harshness and discipline of the educational system, enables a greater proximity to the student and the built knowledge. The results show that the interviewed ones enjoy this kind of teaching and feel as

mediators of the teaching/learning process, believe that the DL makes the changes between the pairs possible and feel as if they are still in professional formation. It was concluded that giving the tutors the opportunity to speak was important to understand their tasks and the explicitness of their expectations in the educational field, of their feelings concerning this and the particular mode in which they built each relation, recursively, in and outside themselves.

Keywords: Complexity. Distance Learning. Tutor.

## SUMÁRIO

<b>ALGUNS MOMENTOS .....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b><i>Pensamento Complexo: Alguns pontos de Reflexão.....</i></b>	<b>18</b>
<b>1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD):</b>	
<b><i>NAS LINHAS DE UMA TRAMA INICIAL.....</i></b>	<b>26</b>
<b><i>1.1. Sistemas: um olhar na Educação a Distância.....</i></b>	<b>33</b>
<b><i>1.1.1. Componentes de um sistema educacional em EAD.....</i></b>	<b>35</b>
<b><i>1.2. EAD no mundo: um breve passeio pela linha do tempo.....</i></b>	<b>39</b>
<b><i>1.3. As gerações da EAD e o cenário Brasileiro: um passo a diante.....</i></b>	<b>43</b>
<b><i>1.3.1.O cenário Brasileiro em movimento contínuo.....</i></b>	<b>47</b>
<b><i>1.3.2.O cenário Brasileiro mais próximo.....</i></b>	<b>50</b>
<b>2. O TUTOR: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TUTORIA.....</b>	<b>57</b>
<b><i>2.1. Interação e Aprendizagem: processos de múltiplas vias.....</i></b>	<b>61</b>
<b><i>2.2. Mediação pedagógica e Material didático.....</i></b>	<b>65</b>
<b><i>2.3. A formação do Tutor.....</i></b>	<b>68</b>
<b><i>2.4. Avaliação em EAD.....</i></b>	<b>72</b>
<b><i>2.5. Algumas pesquisas.....</i></b>	<b>74</b>
<b>3. A TRAJETÓRIA: UM OLHAR METODOLÓGICO.....</b>	<b>80</b>
<b><i>3.1. Os tutores, sujeitos da pesquisa.....</i></b>	<b>81</b>
<b><i>3.2. Instrumentos utilizados.....</i></b>	<b>81</b>
<b><i>3.3. Entrevistas.....</i></b>	<b>83</b>
<b>4. Análises das Entrevistas.....</b>	<b>100</b>
<b><i>4.1. Resultado Geral.....</i></b>	<b>130</b>

<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>148</b>

## **ALGUNS MOMENTOS**

---

*Do lugar onde estou já fui embora.*

*Manoel de Barros*

Lembro-me do meu primeiro contato com a Educação propriamente dita. Em 1979, aluna da antiga segunda série primária, oito anos de idade, ouvi a professora falar sobre algumas pessoas que não sabiam ler.

Fiquei intrigada. Como poderia, neste mundo, alguém não saber ler ou escrever! Fiz questão, naturalmente, de questioná-la.

Convidou-me, então, depois de meia dúzia de “*por quês?*” insistentes, para acompanhá-la em suas aulas no centro paroquial da vila na qual morávamos. Não tinha ideia do que era o finalzinho histórico/social que significava o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), nem as repercussões político-administrativas que isso implicava para a população tão dominada. Eu queria saber, entender por que eu pequena sabia ler e aquela gente grande não sabia. Aceitei de imediato; aquilo era emocionante demais para deixar passar.

Pude ver mãos enrugadas, maltratadas pelos calos e rasgos da enxada - região agropecuária do interior do Rio Grande do Sul - agarrando o lápis como se fossem um garfo torto ou uma vara de pescar sem muito controle.

Apagavam as falhas desesperadamente... Enquanto achavam graça da menina que pensava estar ensinando algo. Ali, naquele momento, fui professora.

Penso que não há recorte mais evidente para falar das mazelas encontradas, da luta pela interação e da conseqüente adaptação neste processo de aprendizagem contínua. Somos culturalmente construídos e fazemos a diferença quando olhamos para o lado e para o que nos mobiliza a diferenciar.

Apreendi, e ainda aprendo, a não emprestar os meus olhos a um ponto único, sem que continue a perceber outros pontos que o alimentam. Por isso, quando entrei pela primeira vez em contato com os *metapontos* de Edgar Morin, espantei-me de forma tão positiva o que contribuiu para o delinear deste trabalho.

Retomando a trajetória. Em suma, posteriormente, ministrei aulas particulares, trabalhei em lojas, para pagar as passagens de ensino médio custoso e público, em outra cidade: não se pagava a mensalidade, mas as passagens e os livros ficavam por nossa conta. Algum tempo sem estudar, por conta das atividades de mãe e retorno, às salas de aula, sem muita demora, como aluna no curso de Formação de Professores e, às salas de aula, como professora.

Posteriormente, cursar graduação em Letras fez-me refletir sobre as associações entre o significante e os significados, e alargar isso para o entender... e participar como ser humano ativo e permanentemente aprendente. Possibilitou-me pensar a ampliação do que se diz e pensa, por intermédio do conhecer, do compreender afinal como eu construía o meu conhecimento e do outro. Todavia, nem sempre se consegue levar à prática a flexibilidade de ações e esbarra-se na frustração de um abismo entre teoria e prática, entre língua falada e escrita etc.

Mas, o que parecia desmotivador contribuiu para o entendimento de que tudo precisa ser discutido, avaliado, dosado e, principalmente, sintetizado e analisado, ao mesmo tempo e a tempo ou sem tempo completo e acabado. A Literatura faz de mim um ser inquieto e corrobora para que os meus textos sejam marcados pela escrita conotativa, pelo mergulhar no questionamento contínuo e para a ideia de que nada está finalizado.

Surgiu, então, a possibilidade de uma Pós graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa e possibilidade de participar dos grupos de pesquisa - Estudos da Linguagem: Discurso e interação (Centro Universitário Augusto Motta- UNISUAM) e Literatura e Outras Linguagens (Universidade do Rio de Janeiro- UERJ).

Fui professora no curso de Nivelamento em Língua Portuguesa, ofertado pela UNISUAM para os alunos da graduação que precisavam de reforço na disciplina. Nesse projeto, conheci pessoas interessantes. Duas delas, em especial consideração, a Professora Ana Maria Pires, minha orientadora e uma das coordenadoras do projeto, e a professora Luciana Gavioli, coordenadora do curso de Letras, na época, uma das pessoas que eu mais admiro pela força, ética profissional e pessoal, determinação, respeito e compromisso com que lida na área educacional.

Atualmente, pude ver de perto mais esta proposta de cursos de nivelamento, com esta amiga tão querida, na Universidade Flama, como professora convidada. Aprendo e observo muito o quão difícil é chegar à Universidade sem a bagagem textual que lhes é cobrada. Questiono-me onde está a falha neste processo de não aprender a Língua que nos retroalimenta desde cedo.

Porém, eu precisava saber também mais sobre o ensino em um ambiente corporativo, porque não é só na escola que se aprende. Concluí um curso de MBA Executivo em Gestão de Pessoas, na Universidade Gama Filho. Nesse curso a distância, percebi o grau de dificuldade entre os próprios colegas para lidar com um curso que, à primeira vista, é muito diferente de um curso presencial. E, como o curso exigiu uma postura diferenciada, percebi que essa nova maneira de aprendizagem merecia um destaque na minha vida.

Um momento de pausa forçada, no início de 2008, por motivos de saúde, impossibilitou-me de realizar cursos presenciais e deixou-me com alguns meses para escrever. Resgatei, ou descobri, então, que gostava de brincar com a escrita e faço disso o meu momento mais precioso. Resultado atual disso: alguns cursos a Distância; muitos textos escritos e quatro livros, de 2009 a 2012, com muita humildade e felicidade – *Outono; 45 Dias e Noite; Cidade Cinza e O que os ouvidos cantam?*.

Mais alguns passos, o curso de Pedagogia – Universidade estadual do Rio de Janeiro (UERJ); e a dificuldade de aprendizagem de alguns alunos aproximou-me da Psicopedagogia. Ambos os cursos auxiliaram-me a entender melhor a relação do conhecimento com os sujeitos em ambientes escolares, corporativos ou virtuais. Uma Pós-graduação *lato sensu* em Educação a Distância levou-me refletir ainda mais sobre essa modalidade e ao processo seletivo pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

para outra Pós-graduação em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância.

Sou professora concursada, trabalho atualmente em três escolas da rede Estadual do Rio de Janeiro. Ministro aulas para turmas de 7º Ano e de 1ª Série do Ensino Médio- Formação Geral. A sala de aula ajuda-me a perceber a prática e fortaleço-me da Teoria da Complexidade para elaborar novas propostas de ensino e faço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), parceiras, que possibilitam a aproximação com meus alunos e auxiliam no fazer do ensino algo “além portas”.

Matriculei-me em diversos cursos, em diferentes momentos ao longo desse caminho, em diferentes modalidades da educação a distância, para perceber o papel do sujeito-aluno nesse processo entre presencial e a distância, nessas mudanças provocadas pela aceleração tecnológica e pela pressa na qual a sociedade contemporânea se alimenta.

Surge, então, um desafio tão desejado: O Mestrado em Educação. Momento de prova física e mental, mas que me possibilitou aprender muito e a conhecer pessoas maravilhosas. Destaco o Professor Marco Antônio Lorieri, a quem agradeço por dar-me uma “fatia do fermento” e, sem saber, não me deixar desistir.

Continuando a caminhada, em 2011, participei do processo seletivo da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) do curso de Qualificação Profissional em Tutoria a Distância. Passei pela seleção prévia e cumpri as horas determinadas pelo curso. Fui tutora no curso de extensão de Leitura e Formação de Leitores, tendo como professora-conteudista a Professora Doutora Luzia de Maria e como público-alvo professores da rede estadual de ensino.

Neste contexto, foi possível observar o perfil dos alunos em EAD, o material didático oferecido e as atribuições dos tutores. Um ambiente cujo veículo de interação estava vinculado ao ambiente *moodle- Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*.-um ambiente virtual de aprendizagem que possibilita a leitura do material didático, o acesso aos ambientes externos de secretaria e coordenação, a postagem das respostas às atividades e a interação entre todos os participantes do curso.

A experiência de seis meses estudando e atuando como tutora, como requisito para obtenção do certificado de tutor, contribuiu para a presente pesquisa,

porque proporcionou maior entendimento sobre a formação continuada de professores e a respeito do universo de capacitação profissional em tutoria.

## **INTRODUÇÃO**

---

No contexto educacional, a quebra de modelos e a implantação de outros, que reverenciam as demandas e a busca incessante por habilidades e adaptabilidades, servem de parâmetros para o nosso estudo sobre o sujeito-tutor.

A Educação a distância (EAD) não poderia espantar menos do que qualquer outro processo em desenvolvimento e, diante da possibilidade de entender melhor como é esse modelo, faz-se necessária uma articulação entre os sistemas educacionais: presencial e a distância.

Não se deseja marcar temporalmente a Educação como um todo ou contar toda a história da EAD, até o momento presente. Não se consegue abranger tamanha proposta, neste trabalho, porque tratamos de um processo contínuo e pela impossibilidade de delimitar onde e quando, e se houve alguma ruptura ou apenas uma mistura; e, se fosse possível marcar uma verdadeira limitação entre o educar antes da EAD e posterior a isso, decerto, seria uma constatação singular e disjuntiva.

Nas palavras de Moran (2011a, p. 15) a educação “olha pra trás, buscando e transmitindo referências sólidas no passado. Olha para hoje, ensinando os alunos a

compreender a si mesmos e à sociedade em que vivem. Olha também para o amanhã, preparando os alunos para os desafios que virão.”.

Procurou-se compreender o tutor no ambiente a distância e sustenta-se que o diferencial entre Educação a Distância e Educação Presencial as valida; porque as diferenças não são pautadas em desigualdades, mas em possibilidades, e, embora pareçam modalidades distintas, complementam-se. Duas hipóteses são levantadas: que a modalidade em EAD faz o tutor compreender o processo de mudanças que lhe alteram a prática anterior. E pelo caráter de interação, respaldado em muitos autores, o ser-tutor aproxima-se mais dos alunos do que o professor em sala de aula presencial.

Percebe-se que “Estamos caminhando rapidamente para uma sociedade muito diferente, que em parte vislumbramos, mas que ainda nos reserva inúmeras surpresas.” (MORAN, 2011a, p.145).

O ensino presencial, marcado por um tempo cronológico determinado e por uma sala de aula espacialmente acolhedora, necessita de pessoas que promovam a interação entre os envolvidos no processo do conhecimento. Todavia, não seria a presença, nem tampouco o espaço geográfico marcado por essa presença, que vai garantir o sucesso desse modelo. Assim como, a Educação a Distância não poderia ser avaliada como uma nova fórmula do conhecimento, porque não são a comodidade de estudar em casa e a quebra das fronteiras geográficas e temporais que possibilitam o aprendizado ao indivíduo. Cada qual tem em si as suas características e viabilidades.

É pertinente atentar para a necessidade de mudanças no sistema educacional, presencial ou a distância, que tenha como proposta principal propiciar que o conhecimento se efetive sem refletir sobre as possibilidades para que isso aconteça. Ao fortalecer as diferenças metodológicas que cada modalidade de ensino apresenta, sem adaptá-las às possibilidades, sem avaliação contínua, observar-se-ia parte do processo, ao deixar de lado a diversidade de propostas que poderiam surgir com a reflexão e execução de práticas.

Moran (2011a, p. 146, grifos do autor) prevê que “*Em poucos anos dificilmente teremos um curso totalmente presencial.*”. Por isso, caminhamos para muitas fórmulas de organização de processos de ensino-aprendizagem. Segundo o autor “Vale a pena inovar, testar, experimentar, porque avançaremos mais rapidamente e com segurança na busca destes novos modelos que estejam de acordo com as mudanças



rápidas que experimentamos em todos os campos e com a necessidade de aprender continuamente.” (p.165)

Se as mudanças vêm muito rapidamente e com elas a necessidade de inovar ou adaptar-se a elas é decorrente do processo, é de grande valia atentar para o que é inovação e o que é novidade. Simão Neto (2010, p. 13) esclarece: “Novidades vêm e vão[...] Inovações vêm para ficar; provocam transformações, trazem mudanças mais duradouras.”.

Observadas essas questões, propõe-se um trabalho que tem com objeto a compreensão do tutor na modalidade EAD. Fundamenta-se na Teoria da Complexidade, em Edgar Morin, com base na noção de sujeito e nos operadores hologramático, recursivo e dialógico, anteriormente citados.

Os objetivos direcionam-se aos seguintes pontos: tratar de conceitos que permeiam a Educação a Distância e refletir sobre alguns dos elementos que a constituem; relatar parte da história da EAD no Mundo e no Brasil, com o propósito de perceber a construção do contexto atual; relacionar tutoria e tutor; analisar a fala dos tutores em trechos das entrevistas, a fim de compreender o que dizem a respeito de si e das inter-relações com e na EAD.

Optou-se pela abordagem metodológica qualitativa e com referência às fontes para a abordagem e tratamento do objeto utilizamos as pesquisas: bibliográfica e de campo. Quanto aos objetivos, escolhemos a pesquisa explicativa. O método escolhido foi a entrevista não-dirigida, com a utilização do *Skype* e do *MP3 player*, como recursos tecnológicos. Tais conceitos serão elucidados no terceiro capítulo deste trabalho.

A seleção dos tutores e o percurso desse processo serão abordados também de forma mais significativa no decorrer do capítulo referente à metodologia, mas, a princípio, é importante explicar como se deu tal escolha; primeiramente, optei por tutores vinculados a Universidade Aberta do Brasil, porque se destacou parte da proposta desta política pública, na pesquisa. Posteriormente, tutores dos cursos da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ), porque a formação em tutoria e a minha ação como tutora no curso de Leitura e Formação de Leitores auxiliou-me no decorrer do trabalho. A inclusão de tutores do Pré-vestibular Social, ofertado também pela CECIERJ, se deu porque me

chamou a atenção a proposta diferenciada e a metodologia de contato via telefone que o curso utiliza. Em suma, tutores que englobam cursos de pré-vestibular, graduação, extensão, em uma tentativa de demonstrar que a EAD permeia em graus de escolaridade diversos.

Como o intuito é partir do geral ao específico, o **Primeiro Capítulo, Educação a Distância (EAD): nas linhas de uma trama inicial**, permitirá uma breve reflexão sobre a Educação a Distância, a utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação e sobre a relação sistêmica que a envolve e o contexto histórico das gerações em EAD no mundo e no Brasil.

A tutoria e o ser-tutor compõem o **Segundo Capítulo, O tutor: educação a distância e tutoria**. No qual, abordam-se alguns pontos a respeito das funções do tutor, da interação e aprendizagem, da mediação pedagógica e material didático, da avaliação em EAD, da formação dos tutores; e algumas pesquisas que apontem o tutor como tema.

A abordagem metodológica do presente estudo está detalhada no **Terceiro Capítulo, A Trajetória: um olhar metodológico**. Apontam-se, nesta seção, o percurso metodológico escolhido, as especificações dos sujeitos entrevistados, os instrumentos utilizados para coletas de dados e as entrevistas transcritas *ipsis litteris*. Buscou-se demonstrar o caminho percorrido e as diretrizes deste estudo.

No **Quarto Capítulo, Análise das entrevistas**, propõe-se evidenciar alguns trechos significativos das entrevistas, analisá-los relacionando-os ao referencial teórico.

Por fim, apresentam-se as **Considerações finais**.

## **O PENSAMENTO COMPLEXO: ALGUNS PONTOS DE REFLEXÃO.**

A relação paradoxal do uno e do múltiplo amplia a ideia de que a complexidade não exclui a simplicidade, ou o pensamento simplificador, mas o engloba e demonstra a importância de compreender de forma significativa a aplicabilidade da Teoria da Complexidade em seus aspectos. Incluindo-se, nesses aspectos, a própria reforma do pensamento, o processo ensino/aprendizagem, o paradoxo objetividade/subjetividade e tantos outros caminhos que se estruturam de forma complexa. Segundo Morin (2007b, p.13), a “complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas e que coloca o paradoxo do uno e do múltiplo.”.

Morin (2007b, p.74) aponta os operadores: o dialógico, que “associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.”; o da recursão organizacional, “processo onde os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do

que os produz.”; hologramático, no qual “não apenas a parte está no todo mas o todo está na parte”.

Com base nesses três operadores, esta pesquisa está pautada. Sob esta ótica, tenta-se analisar a fala dos tutores, considerando o contexto geral da EAD e da Educação.

Quando falamos em termos complementares e antagônicos, vem à cabeça, à primeira vista, contrários que se separam: razão e emoção; sensível e inteligível; real e imaginário; ordem e desordem, afeto e desafeto, entre tantos termos que nos parecem avessos, quase que colocados lado a lado numa relação paralela simplificada. Mas, o operador dialógico desfaz essa ideia simplista e amplia a noção dessas relações, mantendo “[...] a dualidade no seio da unidade.” (MORIN, 2007b, p.74).

Rever a forma como se dá o pensamento voltado para a síntese, abrir a mente para uma maneira diferenciada e não linear abre portas para o pensar complexo. O sujeito ajustou-se tanto à simplificação, à fragmentação, que lhe garantem certo conforto ou controle das situações, no corre-corre dos dias, nas atribuições cada vez mais diversificadas, nos saberes compartimentados e na dificuldade de articulá-los ao global. A proposta dialógica de pensar faz-nos refletir o quanto somos reféns de diretrizes em vias mutiladas e de informações que fluem de forma devastadora, fazendo do sujeito um apanhador de pedaços da sua técnica, naquele momento e espaço que lhe exigem as informações na ponta da língua, inclusive, no ato educativo e no ensino de uma forma geral. Por vezes, o sujeito gerencia as informações que “[...] constituem parcelas dispersas de saber.”. (MORIN, 2008, p.16). E as deixa passar da mesma forma que elas se moldam à velocidade do cortar aos pedaços o conhecimento.

Nesse prisma, as ciências e as disciplinas estariam reunidas, as dimensões da realidade humana seriam descobertas e o “ensino poderia ser o veículo entre os conhecimentos parciais e o conhecimento global.”. (MORIN, 2008, p.75).

Outro ponto a tratar é o processo recursivo, “o processo do turbilhão [...] uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor.”. (MORIN, 2007b, p. 74).

A título de reflexão, o pensamento da complexidade auxilia-nos a entender também a pesquisa, propriamente dita, o ato de selecionar este ou aquele assunto como ponto central de um trabalho, diante de qualquer sistema de pensamento que se encontra aberto e amplo o suficiente para tornar-se inatingível a sua totalidade.

Faz-se necessário conceber um metaponto de vista que “só é possível se o observador conceitor se integrar na observação e na concepção.”. (MORIN, 2007b, p.76). Na impossibilidade de abarcar o megassistema, o pesquisador destaca um metaponto de vista, sem, no entanto, manter uma proposta de disjunção e/ou redução desse ou de outros metapontos de vista, porque “[...] os princípios do pensamento complexo serão necessariamente princípios de disjunção, de conjunção e de implicação.” (p,77)

As questões biológicas e culturais são evidenciadas ao tratarmos da relação hologramática, cada célula é uma parte do organismo global, mas também a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual. Na continuidade do pensamento, “a sociedade está presente em cada indivíduo, enquanto todo, através de sua linguagem, sua cultura, suas normas.”. (MORIN, 2008, p. 94).

Para o pensamento complexo, portanto:

*A complexidade surge então no coração do Uno simultaneamente como relatividade, relacionalidade, diversidade, alteridade, duplicidade, ambigüidade, incerteza, antagonismo e na união destas noções, que são, uma em relação às outras, complementares, concorrentes e antagônicas. O sistema é o ser complexo que é mais, menos, diferente dele próprio. Ele é simultaneamente aberto e fechado. Não há organização sem antiorganização. Não há funcionamento sem disfunção... (MORIN, 2008, p.185, grifos do autor.)*

Não há como desassociar, no âmbito educacional, por exemplo, a multiplicidade de indivíduos e seus *hiperlinks*<sup>1</sup>. Em um pensamento delimitador, temporário e relativo, sim, percebe-se cada qual com suas funções. Mas, são sistemas

---

<sup>1</sup> A hiperligação, termo também associado à construção de páginas na internet, aqui escolhido para demonstrar a não linearidade do sujeito. Ajustado o termo à questão dos atalhos do pensamento, metapontos de vista do sujeito, os seus *hiperlinks* acarretam outros *hiperlinks*.

que coexistem e se inter-relacionam. Por um lado, realidades ou problemas cada vez mais globais, planetários; por outro, os saberes fragmentados compartimentados em disciplinas. Há uma inadequação nessa situação que faz com que se tornem invisíveis “[...] - os conjuntos complexos, - as interações e retroações entre partes e todo; - as entidades multidimensionais; - os problemas essenciais.”. (MORIN, 2008, p.13)

Faz-se necessário considerar a noção ambivalente de um sistema, simultaneamente aberto e fechado, a multiplicidade dos fatores que o envolve e que esse sistema abarca; além do caráter multidimensional de todas as coisas, onde o todo faz parte do uno e, vice versa.

Como aborda Petraglia (2001) o ser humano apresenta uma identidade genética e, do mesmo modo, uma identidade cultural. Múltiplo e uno, simultaneamente, o ser humano é e está, nas identidades citadas, por isso, pertence e não-pertence, também de forma simultânea a outros sistemas que lhe circundam.

Nas palavras de Morin (2005), o que dá o ser vivo é a união do *genos* e do *fenon*, porque o *genos* não poderia ficar fora da vida e a vida é mais do que uma existência, ou existência. E o indivíduo não é uma categoria que se encaixe na espécie, mas uma categoria que oscila entre duas lógicas aparentemente incompatíveis, mas “[...] inseparáveis na dialógica da vida.” (p.171). Porque a nova concepção de espécie liga o geral e o individual. Portanto, o *genos* traz consigo um princípio de individualização.

O autor trata também do ser vivo que sobrevive e vive, enquanto “paradoxalmente passa a vida a produzir, manter, salva-guardar a sua vida, e a sua vida coincide com a sua unidade... com a sua identidade: si mesmo”. (MORIN, 2005,179). A noção de sujeito abrange ou comporta as dimensões: lógica, ontológica, ética e etológica. Sequencialmente relacionadas: à referência do si; ao ego-autocentrismo decorrente da ego-auto-trascendência; à distribuição de valores e à ego-autofinalidade. (p. 189). “Ser sujeito impõe ser indivíduo, mas a noção de indivíduo só ganha sentido ao comportar o sujeito”. (MORIN, 2007c, p.74).

A complexidade da noção de sujeito:

Contrariamente aos dois dogmas em oposição – para um o sujeito é nada; para o outro, o sujeito é tudo -, o sujeito oscila entre o tudo e o nada. Eu sou tudo para mim, não serei nada no Universo. O princípio do egocentrismo é o princípio pelo qual eu sou tudo; mas já que o meu mundo se desintegrará com a minha morte, justamente por essa

mortalidade, eu sou nada. O “Eu” é um privilégio inaudito e, ao mesmo tempo, a coisa mais banal, porquanto todo mundo pode dizer “Eu”. Da mesma forma, o sujeito oscila entre o egoísmo e o altruísmo. No egoísmo, eu sou tudo, e os outros são nada; mas, no altruísmo, eu me dou, eu me devoto, sou inteiramente secundário para aqueles aos quais me dou. O indivíduo sujeito recusa a morte que o devora; e, no entanto, é capaz de oferecer sua vida por suas idéias, pela pátria ou pela humanidade. Aí está a complexidade própria da noção de sujeito. (MORIN, 2002, p. 127).

Mas qual é a noção de sujeito proferida? Morin nos diz que a nossa mente está dividida em dois, de acordo com a maneira de olharmos o mundo de modo reflexivo ou compreensível, ou de modo científico e determinista. E ainda, que “o sujeito aparece na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito, que podemos chamar de compreensão. Contrariamente, ele desaparece no conhecimento determinista, objetivista, reducionista sobre o homem e a sociedade.” (MORIN, 2008, p.118).

Nesse contexto, ser autônomo não significa em termo absoluto, mas, relacionais e relativos. A autonomia vem em parceria com o processo de fazer parte do meio em que o sujeito vive. Em um recursivo processo de depender para ser autônomo o sujeito de auto-organização.

Outro ponto ressaltado por Morin é a noção de indivíduo como pré-requisito à noção de sujeito. Nas palavras do autor:

Do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução; mas este produto é, ele próprio, reprodutor em seu ciclo, já que é o indivíduo que, ao se acasalar com indivíduo de outro sexo, produz esse ciclo. Somos, portanto, produtos e produtores, ao mesmo tempo. (MORIN, 2008, p. 119)

O que se entende é que, da mesma forma que o sujeito depende dos elementos externos e é autônomo a esses fatores, o indivíduo é dependente da espécie e

produtor da mesma. Num ciclo recursivo e interdependente, o sujeito aparece e desaparece, de acordo com o foco de análise.

Tratou-se das noções de dependência, de auto-organização, de indivíduo. O que Morin nos diz a partir daí é que para chegar-se a noção de sujeito é necessário perceber que toda organização biológica necessita de uma dimensão cognitiva.<sup>2</sup> “É um cômputo. O cômputo é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa etc.” (MORIN, 2008, p.120)

A primeira definição para sujeito é definida como egocentrismo. Bastante complexa esta questão, porque faz vir à tona os conceitos de “Eu” subjetivo e “eu” sujeito objetivado. Em um princípio que deixa a identidade do sujeito indissolúvel: “Eu” sou o ato de ocupar o centro de um espaço no mundo e “eu” sou o ser objetivo que está neste espaço. “Ou seja, a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação.” (MORIN, 2008, p. 120).

Morin (2008, p. 121) afirma que “[...]o primeiro princípio de identidade do sujeito que permite a unidade subjetiva/objetiva do “Eu sou eu” e a distinção entre o exterior e o interior.” E que “[...]há um segundo princípio de identidade, inseparável, que é: “Eu” continua o mesmo a despeito das modificações internas do “eu” (mudança de caráter, de humor), do “si mesmo” (modificações físicas devidas à idade).”

Morin, ainda trata dos princípios da exclusão e inclusão. Exclusão no sentido de que ninguém pode ser o meu “Eu”, ou seja, ninguém pode dizer “Eu” no meu lugar, sou egocêntrico nesse sentido; e inclusão, quando posso ser altruísta e dedicar o meu “Eu” a um “Nós”. “[...] ou seja, o sujeito oscila entre o egocentrismo absoluto e a devoção absoluta.” (MORIN,2008, p.122)

Princípios que ressaltamos, porque são importantes para o entendimento da noção de sujeito, mas, também se fazem presente na própria noção de compreensão, conhecimento intersubjetivo de sujeito a sujeito, que justifica o nosso trabalho de pesquisa. Nessa comunicação entre o excluir e incluir, o sujeito faz parte de si mesmo e do mundo que o rodeia. É capaz de exercer papéis e voltar-se a si; comunicar-se e isolar-se; reproduzir-se e reproduzir; é coautor de si e do outro.

---

<sup>2</sup> “Essa dimensão cognitiva pode ser chamada de computacional. A computação é o tratamento de estímulos, de dados, de signos, de símbolos, de mensagens, que nos permite agir dentro do universo exterior, assim como de nosso universo interior, e conhecê-los”. (MORIN, 2008, p. 120)



A subjetividade é produto das relações desse sujeito, ao mesmo passo que produz essas mesmas relações em um processo complexo, no qual o afeto que o sujeito sente pelo outro, por exemplo, faz parte de ambos e se manifesta na forma individual de sentir. Às manifestações de afeto inferimos outros conceitos elencados por Morin: a possibilidade egoísta de sacrificar tudo em benefício de si mesmo e uma possibilidade de altruísmo que leva ao autosacrifício. “Tudo se passa como se houvesse em nossa subjetividade um quase duplo programa; um comando, o ‘para si’; outro, o ‘para nós’ ou ‘para outros’.” (MORIN, 2007c, p.76). E “Quando uma relação intersubjetiva profunda se estabelece, mimetismos inconscientes produzem-se (imitação, riso, certas expressões do rosto, entoações vocacionais, modos de comportamento)” (p.78).

Afirma Morin (2007c, p.78) que “a relação com o outro está na origem. O outro é virtual em cada um e deve atualizar-se para que cada um se torne si mesmo.”. Ao analisarmos o ser-tutor e as intersubjetividades que lhe permitem compreender, perceber e perceber-se como indivíduo que “não se dissolve na espécie nem na sociedade, que está nele como ele está nelas” (p.78) e como sujeito que também é indissolúvel na intersubjetividade que lhe torna pleno, permite-nos situar o outro também nas nossas inter-relações intersubjetivas.

“A vida humana necessita de verificação empírica, da correção lógica, do exercício racional da argumentação. Mas precisa ser nutrida da sensibilidade e de imaginário”. (MORIN, 2007c, p.122).

Convém elucidar também o conceito que acolhemos de subjetividade:

A subjetividade é um sistema organizador do mundo interno e do mundo externo do sujeito, construído nas relações interpessoais e por sua influência. Ela se manifesta na singularidade e na peculiaridade de cada um, podendo ser conhecida ou desconhecida. Esta subjetividade permite ou obstrui o desenvolvimento e o crescimento pessoal. Impede ou resgata lembranças do passado que se mostram e interferem no presente. (ALMEIDA et.al., 2006, p.13-14)

Neste contexto complexo, observa-se a relação tutoria e Educação a Distância e o que norteia os papéis do tutor. Analisa-se a fala dos tutores nas afirmações, indagações e respostas, Seu modo de organizar seu trabalho, assim como, as

desordens geradas pelas atribuições e contextualizações sociais, culturais e individuais desse sujeito, no âmbito educacional.

Duas hipóteses são levantadas: que a modalidade faz o tutor compreender o processo de mudanças que lhe alteram a prática anterior. E pelo caráter de interação, que no decorrer da pesquisa será respaldado em muitos autores, o ser-tutor aproxima-se mais dos alunos do que o professor em sala de aula convencional.

Propõe-se, ao longo do trabalho, demonstrar, do geral ao específico, as relações da EAD e seus elementos constituintes, para compreender o que é ser tutor e ter como fonte a própria compreensão que o tutor tem de si. Quando se optou pela ideia de um metaponto de vista, escolheu-se como objeto a compreensão do tutor em EAD, percebeu-se que os termos do objeto gerariam ambiguidade, mas explica-se que se tenta compreender o tutor sob a sua própria compreensão de si mesmo no decorrer das falas analisadas, nas análises da pesquisadora, no estado da arte. Tenta-se compreender o tutor além das partes que o compõem e refletir sobre as partes que o resignificam.

O capítulo que se segue permeia a Educação a Distância sob alguns conceitos, a noção de sistema e os componentes que a abrangem e, em linhas gerais, um pouco da história da EAD no mundo e no Brasil.

## Capítulo I

---

*Meus rumos não têm termômetro.*

*Manoel de Barros*

### **1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): NAS LINHAS DE UMA TRAMA INICIAL.**

A Educação a Distância (EAD) apresenta-se como uma modalidade educativa consolidada em diversos países, o que possibilita uma análise, ao menos parcial, da literatura especializada e discorrer sobre a evolução histórica da EAD no mundo e no Brasil.

Segundo a Legislação Brasileira: “Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação”. (Decreto n. 2.494, art. 1º, DOU 10/02/1998).

Mediante a definição do parágrafo anterior, acredita-se que tal conceito valida-se também para outras modalidades de ensino, incluindo a presencial.

Tratamos, portanto, não de explorar uma definição fixa para o termo EAD, mas de perceber que essa modalidade gera possíveis inovações didáticas, aliadas às tecnológicas, que se destacam, que podem sim permear educação presencial e, se vista como caminho estratégico, permite explorar propostas enriquecedoras no que tange à Educação.

Para Moore e Kearsley (2010) a Educação a Distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, que favoreçam a transmissão de informações e interação entre os envolvidos, onde professores e alunos estão em locais diferentes, em grande parte do tempo em que aprendem e ensinam.

Enquanto Moran (2011a, p.131) afirma que “[...] é difícil delimitar o que é educação a distância, porque ela acontece dentro e fora de cursos presenciais. Por outro lado, com as tecnologias de comunicação instantânea, é difícil definir o conceito a distância.”

Formiga (2009, p.40) destaca uma “dupla terminologia”, fator responsável pela designação de dois ou mais termos para o mesmo referente. Cita a educação a distância e aprendizagem flexível, este termo é a forma como é designada a modalidade educacional, sobretudo, nos países de língua inglesa; o primeiro, a modalidade de educação reconhecida no Brasil.

O’Rourke, por sua vez, traz definições sobre ensino aberto e ensino a distância:

O *ensino aberto e à distância* refere-se ao ensino e formação em que a utilização de recursos de aprendizagem, e não a frequência de sessões em salas de aula, é a característica fundamental da experiência de aprendizagem.

O *ensino à distância* refere-se a situações em que os alunos se encontram fisicamente separados do docente, em que comunicam por escrito (utilizando o correio, o e-mail, o fax ou a conferência por computador); ou em sessões de tutoria presencial.

O *ensino aberto* refere-se a situações em que os alunos utilizam recursos de maneira flexível para atingirem as respectivas metas de aprendizagem. Esses recursos podem ser impressos, em áudio, ou baseados em computador; utilizados em casa, num centro de estudo ou no local de trabalho; com ou sem orientação de um tutor ou mentor. Os objectivos dos alunos do ensino aberto variam fortemente, entre a obtenção de uma acreditação formal, ou a aprendizagem de uma habilitação profissional, até à prossecução de um interesse de lazer. (O'ROURKE,2003, p.13. Grifos do autor).

Simão Neto (2010, p.10) aponta algumas definições sinônimas à EAD, que aparecem tanto na literatura especializada, quanto nos projetos educacionais e na própria legislação: “ensino a distância, formação continuada, educação aberta, auto-ensino ou auto-instrução, aprendizagem durante toda vida, educação flexível, tele-educação, estudo *on-line*, ensino virtual, *e-learning* etc.”.

Porém, Moran ressalta que há confusão entre educação a distância e educação aberta:

O Brasil tem educação a distância, mas não aberta, no sentido original, até agora. Na universidade aberta, da Espanha ou da Inglaterra, é possível para um adulto chegar à universidade sem o certificado de nível médio; no Brasil, até agora, isso não é possível. Uma universidade aberta também pode ser presencial. (MORAN, 2011a, p.131.)

Neste contexto de nomenclaturas, questiona de forma muito relevante, Simão Neto (2010, p.10.): “Do que se trata afinal? Seria a educação a distância uma forma didática que só pode ser entendida em oposição direta ao ensino presencial? Ou seria uma metodologia complementar às formas clássicas, uma expansão ou uma alternativa ao ensino face a face?”.

O próprio autor, de certa forma, responde as suas inquietações quando afirma que a EAD apresenta-se “há muito tempo como um caminho para inovação e de renovação educacional de que tanto precisamos em nosso país, seja no ensino regular e formal, seja na educação corporativa, seja na formação profissional continuada.”. (SIMÃO NETO, 2010, p.11).

Encontra-se em Moran (2011b) que a educação a distância, antes vista como uma modalidade secundária, é destacada hoje como um caminho estratégico para realizar mudanças profundas na educação como um todo. Ressalta o autor que é uma opção cada vez mais importante para aprender ao longo da vida, para a aceleração profissional, para a formação continuada e conciliar estudo e trabalho.

Os meios tecnológicos auxiliam para um caminho inovador e estratégico. Cabe salientar, em um panorama geral, que as determinações de tecnologias, no entanto, não englobam apenas às atuais. O termo tecnologia refere-se a todas as invenções do ser humano, tanto em termos de artefatos como de métodos e técnicas, para estender a sua capacidade física, sensorial, motora ou mental, que facilitem o seu trabalho, enriquecendo suas relações interpessoais.

A maioria das tecnologias que o homem inventou afetou profundamente a Educação.

Dentre elas: a escrita alfabética, a imprensa e as tecnologias eletroeletrônicas que a partir do século passado revolucionaram as possibilidades comunicativas: telégrafo, telefone, fotografia, cinema, rádio, televisão, vídeo, computador - hoje todas elas digitalizadas e integradas no computador. (CHAVES, 1999). Acrescenta-se que não apenas os computadores integram tais tecnologias; assim como os tablets, o celular, atualmente, é também uma tecnologia que suporta em seu sistema a maioria das demais supracitadas.

Nas palavras de Moran (2005):

As tecnologias começam separadas - computador, celular, internet, mp3, câmera digital - e caminham na direção da convergência, da

integração, dos equipamentos multifuncionais que agregam valor. O computador continua importante, mas ligado à internet, à câmera digital, ao celular, ao mp3, principalmente aos *pockets* ou computadores de mão.

O telefone celular é a tecnologia que mais surpreende atualmente: é móvel e rapidamente incorporou o acesso à Internet, a foto digital, aos programas de comunicação (voz, TV), o entretenimento (jogos, música-mp3) e outros serviços.

Convém destacar que os termos tecnologia e mídia precisam ser diferenciados, para que não sejam usados como sinônimos: “Tecnologia é o que constitui o veículo para comunicar mensagens e estas são representadas em uma mídia” (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.7). A título de exemplo de mídias existentes, estão: o texto; as imagens (fixas e em movimento); os sons e os dispositivos. Contamos com diversas mensagens, escritas em textos (mídia), que são veiculadas em livros, apostilas, cartas, etc, ou eletronicamente *on-line* (tecnologias). Da mesma forma que imagens e sons encontram como suporte tecnológico os CDs, *videotapes*, rádio, televisão, *Realidade Virtual*<sup>3</sup> e tantas outras tecnologias disponíveis.

Moore e Kearsley (2010) não especificam os dispositivos aos quais se referem, na tipologia apresentada. Observa-se que ao tratarmos de dispositivos como *power point* e/ou outro qualquer que possibilite a inserção de som, imagem e texto; ou se recorrermos ao conceito de dispositivos convencionais como monitor, *mouse* e teclado, chamados também de periféricos; ou, ainda, se atentarmos para os dispositivos móveis, como celulares, estaríamos diante de algo que se encontra próximo ao conceito mais amplo de mídia, mas que seguindo a definição de tecnologia utilizada pelos autores, seriam veículos que auxiliam outros veículos na representação de mensagens em mídias, portanto aproxima-se mais de um termo tecnológico ou de uma tecnologia.

No entanto, amplia-se o conceito e percebe-se a mediação decorrente do dispositivo, que de acordo com Peixoto (2008, p.43) “é uma noção que provém do campo técnico, mas, ultimamente, tem sido usada para atender à demanda entre as diversas ciências humanas e sociais”, quando trata das questões relativas aos espaços e às práticas profissionais que ocorrem no contato com os recursos tecnológicos digitais.

---

<sup>3</sup> **Realidade Virtual**, Em geral, o termo Realidade Virtual refere-se a uma experiência imersiva e interativa baseada em imagens gráficas 3D, geradas em tempo-real por computador. (NETO, 2004, p.16)

Portanto, “um dispositivo de formação é constituído de um conjunto de atores (aprendizes, tutores, responsáveis pela educação) e de ferramentas técnicas organizadas no tempo e no espaço, de acordo com a meta de aprendizagem.”. (p.43).

Têm-se como alguns exemplos de dispositivos de formação os cursos, palestras e, em termos macro, o próprio local ou ambiente institucional que desenvolve essas atividades.

Na definição de Peixoto o dispositivo sugere:

[...] um lugar (espaço), um processo (tempo) um ‘objeto comum’ a ser negociado entre os sujeitos (social), que exige o questionamento constante do que está acontecendo (dimensão dinâmica) na instituição quanto as novas práticas (dimensão inovante) que substituem as anteriores, tão fixadas que parecem naturais. (PEIXOTO, 2008, p.45)

Como a proposta, neste ponto da pesquisa, é tratar o ambiente geral da Educação a Distância e, posteriormente, chegar ao ponto específico que é a compreensão do elemento tutor, convém demonstrar que os conceitos aqui abordados corroboram para a visão sistêmica dos componentes da EAD que será abordada no decorrer do trabalho.

Torna-se inviável, decerto, tratar de dispositivos, seja em nível de periféricos, seja em nível de formação, sem atentar para a impossibilidade de disjunção dos mesmos em relação ao contexto geral. Por conseguinte, se o dispositivo de formação é composto por atores, incluindo o tutor; este, especificamente, está no processo recursivo de ser o mediador e a própria mediação; no papel profissional específico que o caracteriza como mediador e na maneira que atua diante da sua função. Ao passo que se torna objeto e sujeito da ação de mediar.

Além disso, a interação é outro ponto de destaque. Castells aborda um complexo padrão interativo entre a sociedade e a transformação tecnológica. Segundo o autor, a tecnologia não determina a sociedade e nem, tampouco, a sociedade escreve o curso das transformações tecnológicas, devido a diversos fatores, incluindo a criatividade e iniciativa empreendedora, que intervém no processo científico e tecnológico: “Dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser

entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS,1999, p. 25).

Ressalta-se, no entanto, o risco de atribuir valores de supremacia das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em relação ao processo de ensino e aprendizagem como um todo. Portanto, esclarecer que as TICs são veículos para que a mensagem chegue aos receptores por intermédio de mídias e que estão inseridas no contexto social, econômico e cultural da sociedade em si, e que configuram possivelmente mudanças favoráveis na prática pedagógica de muitos profissionais da educação, faz-se de extrema necessidade.

Nesse contexto, Moran atenta para a dificuldade de mudar padrões adquiridos – gerenciais, atitudinais – das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade:

O processo de mudança na educação não é uniforme nem fácil. Iremos mudando aos poucos, em todos os níveis e modalidades educacionais. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos não. É difícil mudar padrões adquiridos (gerenciais, atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade. (MORAN, 2011a, p. 168).

A inovação parece ser uma das principais características encontradas na Educação a Distância. Por isso, a crescente modernização de recursos tecnológicos possibilita acompanhar a dinâmica que envolve essa modalidade educacional. “Também na educação a distância (EAD) as TICs são vistas como portadoras de um potencial inovador.” (PEIXOTO, 2008, p. 40).

Formiga (2009, p.39) afirma que se vive um transbordamento permanente na linguagem própria à EAD. E isso gera o que o autor chama de “armadilha terminológica”. A terminologia delimita e, com isso, “demonstra o domínio pelos seus propositores e usuários”. Esse transbordamento linguístico/terminológico é acentuado pelos avanços das TIC nos países que lideram as transformações do conhecimento.

Por se constituir setor altamente dinâmico de inovação, como foi abordado anteriormente, a EAD está intrinsecamente ligada às TIC, porque, além de transformar e



modernizar, deixa para trás ou sobrepõe termos técnicos e expressões linguísticas muito rapidamente. “A sociedade da informação e do conhecimento reflete-se na EAD pela apropriação célere dos conceitos e inovações, que moldam a mídia e se refletem na própria EAD.” (FORMIGA, 2009, p. 39)

Todavia, mesmo que os termos sejam alterados ou adaptados à dinâmica atual, é de suma importância conhecê-los, utilizá-los e dominá-los de maneira consciente e ágil. Porque, “trabalhar com EAD requer profissionais e atores sensíveis e dispostos à inovação”, além de permitir e facilitar “o acesso e autonomia dos aspectos cobertos pelo conceito amplo de EAD.” (FORMIGA, 2009, p.39-40).

As reflexões até aqui exploradas apontam os papéis exercidos por cada sistema e, ao mesmo tempo, demonstram a necessidade de interação entre esses papéis no âmbito da Educação a Distância. Tratou-se de alguns pontos para ressaltar que a Educação é um processo inerente ao ser humano e um campo fértil para que a EAD seja difundida. Sem que esqueçamos que é uma modalidade de ensino e aprendizagem e, como tal, sujeita a adequações técnico-metodológicas e a reavaliações constantes de todo o processo educacional.

## 1.1. SISTEMAS: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diante do cenário atual da Educação, no qual a maioria dos alunos chega ao ensino superior com baixo aproveitamento escolar, com conhecimentos disjuntos e caracterizados, muitas vezes como semi-analfabetos, ou concluem os seus estudos universitários e, ainda assim, continuam sem o conhecimento constituído nas suas próprias escolhas profissionais, deparamo-nos com necessidades ainda gritantes de melhores ou mais eficientes abordagens pedagógicas de ensino/aprendizagem- Sejam essas presenciais ou a distância.

Na reflexão de Moran (2011a) a educação precisa de mudanças estruturais. O autor questiona como pode um estudante terminar a faculdade com mais de 20 mil horas de estudo ao longo da vida e “depois de tantos anos de aprendizado, muitos alunos não saibam quase nada, não gostem de ler, tenham dificuldades em interpretar textos, não consigam entender as mudanças do mundo em que vivem.”. (p.9).

O momento é de reflexão, de parceria instituição-aluno-professores. À escolha por uma diretriz de ensino, seja presencial ou a distância, cabe pautar as possibilidades que cada qual agrega, para melhor aproveitamento e adequação da modalidade selecionada.

No que tange a EAD está cada vez mais complexa, segundo Moran (2011b, p.2) “[...] está crescendo em todos os campos, com modelos diferentes, rápida evolução das redes, mobilidade tecnológica, pela abrangência dos sistemas de comunicação digitais.”

A crítica, a saber, corrobora com as reflexões supracitadas:

EaD de qualidade é aquela que ajuda o aluno a aprender igual ao presencial. Não se mede isso pelo número de alunos envolvidos, mas pela seriedade e coerência do projeto pedagógico, pela qualidade dos gestores e educadores e mediadores, sejam tutores ou qualquer palavra que se use. E também pelo envolvimento do aluno, se o aluno também está querendo aprender ou somente tirar o diploma. Envolve todo o processo, nisso não se diferencia do presencial. As instituições sérias

no presencial costumam desenvolver também um trabalho a distância relativamente sério. E aquelas que são menos sérias, que focam mais os interesses econômicos no presencial, costumam ver a EaD como um caminho para obter maior lucratividade. (MORAN, 2009, p.286),

Algo está falho no sistema educacional que aflige professores, pais, alunos e empresas que contratam o profissional formado: por que não se aprende ou se aprende tão pouco se há recursos cada vez mais sofisticados, modelos que contribuem para a aproximação daqueles que não tem acesso ao conhecimento por vias das salas de aula convencionais?

Acredita-se que a visão sistêmica da Educação poderia contribuir para o melhor aproveitamento das modalidades em questão e corroborar com o desenvolvimento dos sujeitos do processo educacional. O que se evidencia é que a EAD é uma modalidade que ganha espaço e, por ser um subsistema da Educação, tem particularidades que podem auxiliar em conjunto com os demais sistemas para que o conhecimento seja fortalecido. “A EAD, apesar do preconceito de muitos, é fundamental para modificar processos insuficientes e caros de ensinar para muitas pessoas ao longo da vida.” (MORAN, 2009, p.3)

Para elucidarmos o que se observa em relação a sistema, Vasconcellos (2010, p.28) considera o pensamento sistêmico como um paradigma<sup>4</sup> da ciência contemporânea ou como a epistemologia da ciência novo-paradigmática.

Mas, como seria pensar sistematicamente a Educação? Se trata de sistema, há diversos subsistemas que o correspondem e muitos desses subsistemas são considerados sistemas dependendo do recorte que lhe é dado em outra situação. O pensamento sistêmico possibilita refletir sobre a inclusão e exclusão de elementos, para melhor entendimento pontual, e, ao mesmo passo, auxilia na visão geral desses elementos. Para elucidar a reflexão, diz-se que a Educação contém a modalidade presencial e a EAD, e ambas contêm a Educação como intra e extracomponente.

---

<sup>4</sup> O paradigma ou modelo, padrão, do grego *parádeigma*, é um conjunto de regras e regulamentos que diferem de acordo com a percepção de cada pessoa. “Sendo diferentes os paradigmas de duas pessoas em relação a um determinado tema, o que é percebido por uma será imperceptível para a outra. É a isso que se chama ‘efeito paradigma’.” (ESTEVEZ DE VASCONCELLOS, 2010, p.30).

Oliveira (2003) define sistema como um conjunto de partes integrantes e interdependentes. Classificados em abertos e fechados, conforme a interação com o ambiente.

A improbabilidade de um sistema fechado, no entanto, aumenta, diante do advento da globalização, porque os componentes de um sistema são interdependentes, autorreguláveis, do menor ao maior grau de integração em uma cadeia hierárquica que também se reestrutura, se autorregula para o equilíbrio geral.

Evidenciar apenas um ponto de um sistema, como que desvinculado de todos os outros pontos, implicaria em uma visão limitadora e simplificadora que se afastaria do nosso referencial teórico. Portanto, a EAD não pode ser desvinculada de propostas de cursos presenciais, para que se tente suprir as falhas do sistema educacional apresenta em relação à demanda de cursos de qualidade mais acessíveis ao público em geral e à possibilidade de oferecer recursos diferenciados para as práticas pedagógicas que sustentem o aprendizado eficiente.

Abordam-se tais questões relativas à sistematização para perceber o quão complexos são os sistemas. Dentre tantos, o sistema educacional que abrangem em si o biológico, social, econômico, cultural e tantos outros que se ramificam e se autorregulam.

### **1.1.1.COMONENTES DE UM SISTEMA EDUCACIONAL EM EAD.**

A Educação de um modo geral é uma atividade que envolve aquele que ensina (professor ou educador), a quem se ensina (aluno ou educando) e o que se ensina (conteúdo) e estes componentes não mudam na Educação presencial, semipresencial ou a distância. (LOPES e BESSA, 2007.).

Em relação ao sistema de educação a Distância, destacamos:

Um sistema de educação a distância é formado por todos os processos componentes que operam quando ocorre o ensino e o aprendizado a distância. Ele inclui aprendizado, ensino, comunicação, criação e gerenciamento. Pense apenas no significado real quando usamos um

termo como “aprendizado”: considere como é complexo o subsistema composto por dez alunos adultos, cada um dos quais interagindo com os demais e com o conteúdo de um curso. Considere também como, à medida que esses processos ocorrem, são afetados e exercem um impacto sobre certas forças no ambiente que operam - os ambientes físico, político, econômico e social, em particular. (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.9)

Encontramos em Moore e Kearsley (2010, p.12-13) os principais processos componentes de um sistema educacional de Educação a Distância que estão presentes “seja na instituição a distância mais sofisticada... ou em uma simples classe com um professor”. São sete os processos componentes, a dizer:

- Uma fonte de conhecimento que deve ser ensinada e aprendida;
- Um subsistema para estruturar esse conhecimento em materiais e atividade para os alunos;
- Outro subsistema que transmita os cursos para os alunos;
- Professores que interagem com alunos, à medida que usam esses materiais para transmitir o conhecimento que possuem;
- Alunos em seus ambientes distintos;
- Um subsistema que controle e avalie os resultados, de modo que intervenções sejam possíveis, quando ocorrerem falhas;
- Uma organização com uma política e uma estrutura administrativa para ligar essas peças distintas. (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.12-13)

Examinaremos, brevemente, tais processos apontados pelos autores a fim de elucidar a participação de cada um em um sistema de Educação a Distância. A começar pelas fontes de Conhecimento.

Em diferentes níveis organizacionais - sejam estes: uma instituição de finalidade única<sup>5</sup> ou dupla<sup>6</sup>, como uma universidade, faculdade ou escola; um ambiente corporativo empresarial; um departamento do governo ou uma entidade voluntária; um consórcio<sup>7</sup> ou um único professor na classe - são considerados as principais fontes de conhecimento, geralmente, o corpo docente ou os colaboradores da organização. Mas, podem incluir consultores externos e, em muitos casos, os próprios alunos. Têm como função organizar o programa educacional com o conteúdo que será ensinado. (MOORE e KEARSLEY, 2010.).

O segundo processo apontado é a criação de cursos. “[...] o preparo de um curso de educação a distância requer não apenas o especialista em conteúdo, mas profissionais da área de instrução que relacione o conteúdo selecionado à teoria e à prática do gerenciamento e à teoria do aprendizado”. (MOORE e KEARSLEY, 2010, p. 15). E, sem dúvida, de profissionais que dominem a tecnologia mais adequada para cada proposta de elaboração de um curso. (p. 15).

O curso é um subsistema e necessita-se de outros subsistemas para disponibilizar o material do curso e fazer com que haja interação e viabilização dos conteúdos por intermédio das tecnologias decorrentes da modalidade escolhida. Portanto, em toda educação, deve existir comunicação entre a organização de ensino e o aluno. E, como a Educação a Distância ocorre por intermédio de alguma forma de tecnologia específica para as exigências dessa modalidade, a comunicação precisa ser viabilizada por mídia impressa, CD-ROMs, rádio, TV etc. (MOORE E KEARSLEY, 2010).

O próximo item abordado é o papel do instrutor<sup>8</sup>. A interação entre o aluno e o instrutor tem como objetivo transformar a informação em conhecimento. Diante do material distribuído pela tecnologia, o aluno necessita, na maioria dos casos, de alguém

---

<sup>5</sup> Quando Educação a distância é a atividade específica de uma instituição com finalidade única. Exemplo a Athabasca University (<http://www.athabascau.ca>). (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.4).

<sup>6</sup> Uma instituição de finalidade dupla é aquela que agrega educação a distância a seu campus previamente estabelecido e ao ensino baseado em classes.

<sup>7</sup> O termo pode ser descrito como um arranjo organizacional de duas ou mais instituições que operam juntas na criação e na transmissão de cursos ou em ambas. (MOORE, 2010, p.6). São exemplos de consórcios a National Technological university (NTU) (<http://www.ntu.edu>) e o Centro de Educação Superior a Distância (Consórcio CEDERJ) ([www.cederj.edu.br](http://www.cederj.edu.br)).

<sup>8</sup> Encontramos o termo Instrutores, “muitas vezes, como orientadores”(MOORE, 2010, p.17), mas utilizaremos o termo ‘tutores’, em muitos momentos, no decorrer da nossa pesquisa.

que o oriente na leitura dos textos e na elaboração dos trabalhos. “Portanto, o procedimento normal em uma abordagem sistêmica de educação a distância consiste em que, após os cursos serem criados e distribuídos por meio de uma tecnologia, os alunos sejam alocados pela organização de ensino a instrutores”. (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.17).

Estudar, aprender e ensinar na Educação a Distância traz consigo aprender em ambientes diversos e, na maioria das vezes, com a distância física entre os alunos e o professor, como foi abordado anteriormente. Localizados em ambientes diferenciados as pessoas interagem com o seu material do curso e com seus instrutores no trabalho ou em sua residência, na sala de aula ou em qualquer local que tenha acesso a internet, por exemplo. “O ambiente aprendido do aluno também faz parte do sistema de educação a distância” (MOORE e KEARSLEY, 2010, p.18).

Outro processo componente destacado é o gerenciamento e administração. Pensar em EAD como um processo que abrange vários subsistemas, facilita entender a importância de uma administração efetiva e responsável, desde a captação dos recursos financeiros, a seleção dos profissionais, do formato de curso que será aplicado, dos conteúdos ministrados etc. Para Moore e Kearsley (2010, 19) “Os gerentes são responsáveis por todos os subsistemas que conduzem à criação, veiculação e implementação do programa, iniciando com o difícil processo de avaliação das necessidades dos alunos, que não são facilmente acessíveis”.

Por fim, o último processo componente abrange a interdependência de subsistemas em um sistema de Educação a Distância. O que vimos, até o momento, foram relações entre todos os subsistemas e, que a falta de um pode comprometer todos os outros e atingir o Sistema da própria EAD. Com a interdependência dos subsistemas, “alterações no componente de um sistema de educação a distância exercem efeitos imediatos sobre os demais componentes.”(MOORE e KEARSLEY, 2010, p.20).

“A educação a distância também é fator de desenvolvimento da educação, presencial ou não”. (MORAES, 2010, p.13). Nesse aspecto, Moraes ressalta que “por definição a EAD já se põe, desde logo, no terreno do novo e da transgressão. Com isso, adquire, sem traumas, uma espécie de direito natural ao erro, com a tácita permissão para usar na gestão de métodos, materiais e procedimentos” (p.13). Portanto, o fato da EAD trazer novas propostas pedagógicas e tecnologias pode auxiliar às instituições

tradicionais a criarem “novos modos de organizar o ensino e a aprendizagem em consonância com os desafios da ‘massificação’ e da preservação da qualidade.”(MOORE e KEARSLEY, 2010,p. 13-14).

Nas palavras de Moran:

Ainda há resistências e preconceitos e ainda estamos aprendendo a gerenciar processos complexos de EAD, mas um país do tamanho do Brasil só pode conseguir superar sua defasagem educacional através do uso intensivo de tecnologias em rede, da flexibilização dos tempos e espaços de aprendizagem, da gestão integrada de modelos presenciais e digitais. (MORAN, 2011b.)

Se considerarmos a EAD como “[...] fator de desenvolvimento e como fator de desenvolvimento da própria *educação* em sentido mais amplo.”, como afirma Moraes (2010, p.13, grifo do autor), faz-se necessário refletir e, em muitos casos, modificar as estratégias de planejamento de cursos ou de projetos que priorizam apenas agregar novas tecnologias ou equipar espaços virtuais com profissionais capazes de lidar com elas em detrimento a ocuparem-se em superar as mazelas que ainda cercam o sistema educacional.

## **1.2. EAD NO MUNDO: UM BREVE PASSEIO PELA LINHA DO TEMPO**

Apresenta-se, a seguir, um recorte descritivo geográfico-temporal da Educação a Distância no mundo, com o intuito de situar historicamente alguns períodos ou gerações e possibilitar o entendimento do processo.

Moore e Kearsley (2010, p.25) tratam da primeira geração<sup>9</sup> do histórico da Educação a Distância que começa com cursos de instrução que eram entregues pelo correio na década de 1880. “[...] as pessoas que desejavam estudar em casa ou no trabalho poderiam, pela primeira vez, obter instrução de um professor a distância. Isso

---

<sup>9</sup> As gerações da EAD serão abordadas mais especificamente, no decorrer da pesquisa. No momento, estamos discorrendo pelas manifestações históricas referentes ao esse sistema de ensino.



ocorria por causa da intervenção de uma nova tecnologia – serviços postais baratos e confiáveis[...]”(p. 25). Advento favorecido, em grande parte, pela expansão das redes ferroviárias.

Por sua vez, Nunes (2009, p. 2) diz que provavelmente o primeiro registro do novo método de ensinar a distância foi “o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728), na Gazett de Boston, EUA), que enviava suas lições todas as semanas para os alunos escritos”.

O autor relata que em 1840, na Grã-Bretanha, um curso de taquigrafia foi ofertado por Issac Pitman e, em 1880, cursos preparatórios para concursos públicos pelo Skerry’s Colege. Além dos cursos de contabilidade (1884) e sobre segurança de minas (1891), ministrados, respectivamente, pelo Fouikes Lynch Correspondence Tuition Service e por Thomas J. Foster.

Moore e Kearsley (2010, p.26) dizem que “Na Europa, em meados da década de 1850, o francês Charles Toussaint e o alemão Gustav Langenscheidt iniciaram o intercâmbio do ensino de línguas, levando à criação de uma escola de idiomas por correspondência.”.

Nunes (2009, p. 3) afirma: “Em 1910, a Universidade de Queensland, na Austrália, inicia programas de ensino por correspondência. E, em 1928, a BBC começa a promover cursos para a educação para adultos usando rádio.” O autor diz que do início do século XX até a Segunda Guerra Mundial, muita experiências foram adotadas melhorando o desenvolvimento das metodologias aplicadas no ensino por correspondência e, com a introdução de novos meios de comunicação de massa, tais metodologias sofreram influência:

A necessidade de rápida capacitação de recrutas norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial fez aparecer novos métodos – entre eles se destacam as experiências de Fred Keller (1983) para o ensino da recepção do Código Morse.- logo que foram utilizados, em termos de paz, para a interação social dos atingidos pela guerra e para o desenvolvimento de novas capacidades leborais nas populações que migraram em grande quantidade do campo para as cidades na Europa em reconstrução. (NUNES, 2009, p. 3)

No decorrer dos anos, houve uma expansão com a institucionalização de várias ações nos campos da educação, tanto secundária, quanto superior, e “[...] atualmente, mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam a educação a distância em todos os níveis, em sistemas formais e não formais de ensino, atendendo a milhões de estudantes.” (NUNES, 2009, p. 3).

Tratamos de situar no tempo e espaço a temática apresentada. Muitas informações, certamente, não serão abordadas completamente, mas, são de suma importância os dados destacados, até o momento, para comporem a noção sistêmica, anteriormente explicitada.

Em Cuba, a educação a distância “[...] (lá conhecida *ensenãnsa dirigida*) começou a ser implantada em 1979”. (NUNES, 2010, p. 3). Citamos duas das instituições Cubanas cujo modelo de aprendizagem em rede utiliza o sistema *moodle* como recurso tecno-metodológico, atualmente: *Universidad Virtual de Salud Cubana* (UVS)<sup>10</sup>, oferece alguns cursos, dentre eles [Maestría de Educación Médica](#) e *Doctorado em Ciencias de la Información*; [Universidad de la Habana \(UH\)](#)<sup>11</sup>, diversos cursos são ofertados, dentre eles, os cursos de [Física y Tecnología](#), [Pedagogía](#), [Artes y Letras](#).

Em outubro de 2009, o professor cubano Dimas Hernandez falou em entrevista à Universidade de Brasília<sup>12</sup> que o governo cubano investiu em um plano nacional de ensino que garantisse o acesso dos alunos ao ensino superior. Plano que possibilitou, em oito anos, um aumento de acesso de 4% para 64%. A modalidade a distância ou semi-presencial, na época, contou com pólos em 169 municípios do país, vinculados a 68 universidades. Num montante de 710.988 estudantes universitários, 81% estudam no sistema a distância.

Nunes (2009, p. 4) aponta que no Canadá destaca-se a *Athabasca University* que “começou seu experimento-piloto em 1973 com base na ideia de que poderia criar um *campus* organizado como uma rede de telecomunicações.”

Atualmente, o Canadá é um país que não apenas investe em tecnologia para a modalidade de ensino a distância, mas que denota a valorização do mercado de trabalho para os profissionais que se formam em cursos EAD.

---

<sup>10</sup> <http://www.uvs.sld.cu/>

<sup>11</sup> <http://moodle.uh.cu/>

<sup>12</sup> <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=2469>. Acesso em 20 de outubro de 2011.

Vejam os abaixo um trecho de uma entrevista, à FOLHA DIRIGIDA<sup>13</sup>, do educador Rory McGreal, vice-presidente e pesquisador da *Athabasca University*, que veio ao Brasil por intermédio de uma parceria entre a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e o Consulado do Canadá, no dia 10/01/2012, para uma série de palestras sobre Educação a Distância.

Quando perguntado sobre o cenário da Educação a Distância no Canadá, McGreal responde:

*O Canadá é dividido em 10 províncias independentes, como se fossem países, e estamos tentando superar isso. A Universidade de Athabasca é a única universidade aberta no Canadá, e temos alunos em todas as províncias. Temos por volta de 40 mil estudantes e grande oferta de cursos. Somos os principais líderes, parte da Universidade Virtual do Canadá, uma associação de 12 universidades canadenses, que compartilham créditos, trabalham juntos para trazer alunos de vários lugares do país. Trabalhamos com pessoas de regiões muito remotas, do extremo norte, que têm uma pequena população lá, e os servimos em pequenas cidades e vilas. Cada vez mais temos usado a tecnologia. Todos nossos cursos, agora, são online, e a maioria das universidades no Canadá, inclusive as tradicionais, está usando o e-learning de alguma forma.*

Outro país em destaque nesta modalidade de ensino é a República Popular da China que “[...] mantém programas de educação a distância desde o início da década de 1950.” (NUNES, 2009, p. 4).

São alguns exemplos de instituições que ofertam essa modalidade de ensino o Sistema Chinês de Universidade pela televisão (Dianda) e a *School of Professional and Continuing Education* (Universidade de Hong Kong).

A Índia, por sua vez, apresenta três fases de Educação a Distância, a saber: 1962 até 1970, envolvendo universidades como Délhi, Punjabi, Patiala, Meerut e

---

<sup>13</sup> Disponível em <http://EAD.folhadirigida.com.br/?p=1713>. cesso em 29/01/2012.

Mysone; 1970 até 1980, com cursos de pós-graduação; 1982, criada a primeira universidade a distância da Índia- a *Andhra Pradesh Opens University*.

Ambos os países, China e Índia, destacam-se na utilização da TV como recurso tecnológico, em relação ao Brasil. Países como a China e a Índia ainda hoje capacitam milhões de alunos através da TV, enquanto no Brasil as ações são pontuais. Em destaque, no Brasil, o ProFormação, curso de capacitação a distância, promovido pela Secretaria de Educação a Distância do MEC (SEED), para professores no nível médio, e que utiliza a TV (TV Escola) e material impresso, com tutoria regional. (MORAN, 2007)

Portugal criou em 1988 a Universidade Aberta de Portugal, com campus central em Lisboa. Atualmente, oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação lecionados pela *internet*.

A universidade Aberta de Portugal oferece cursos de bacharelado em História, Língua Portuguesa, Gestão, Matemática, etc.; além dos cursos de licenciatura, os cursos não formais de qualificação para o trabalho e os cursos de mestrado, nas áreas de Administração, Contabilidade, Ensino, mestrado multidisciplinar em estudos portugueses e outros. (NUNES, 2009.).

Outros países oferecem cursos a distância: Costa Rica (Universidade Estatal a Distância- Uned); Venezuela (Universidade Nacional Aberta da Venezuela); Espanha (UNED), Inglaterra, EUA (*Pennsylvania State Unisversity, Ohio University* etc.); Inglaterra (em destaque a *Open University*.)

Os brasileiros, que residem no Japão, e japoneses podem concluir seus estudos e terem seus certificados reconhecidos aqui no Brasil. Exemplos de Universidades com pólos no exterior são UNIGRAN<sup>14</sup> e UCB Virtual<sup>15</sup>.

Muitos caminhos foram abertos com criação do computador e com a divulgação dos conteúdos pela Internet, mas para não cometermos as mesmas falhas de acreditar que o ensino se faz por apenas um caminho, foi de suma importância demonstrar outros subsistemas que auxiliaram e auxiliam para que o processo educacional discorra no ritmo em que se encontra atualmente, veiculado por todas as

14

<http://www.unigranet.com.br/japao/#polos-internacionais>

15

<http://www.catholicavirtual.br/?gclid=CKeTycub9q0CFcqf7QodihGzsA>

tecnologias disponíveis, pelas pessoas que estão no planejamento e execução dos cursos, pelas iniciativas de derrubar barreiras das distâncias e aproximar sujeitos.

### **1.3. AS GERAÇÕES DA EAD E O CENÁRIO BRASILEIRO: UM PASSO A DIANTE**

Na literatura pesquisada encontram-se diferentes denominações para os momentos diferenciados em Educação a Distância: *fases, ondas, etapas, gerações* etc.

Veiculados pelas escolhas dos meios tecnológicos definidos e articulados com o passar do tempo, tais momentos são estabelecidos para melhor nortear uma diretriz temporal e observar as mudanças sociais, pessoais, culturais e tecnológicas que compuseram o passo a passo da modalidade.

Muitas informações decorrem de um processo de investigação e observação das gerações, mas como afirma Palhares (2009, p. 48) a EAD não tem um caráter estanque, porque ainda se utilizam formatos dessa modalidade “pertencentes a todas as outras ondas”.

Moore e Kearsley (2010) estabelecem cinco gerações para EAD: Estudo por correspondência; Transmissão por rádio e televisão; Uma abordagem sistêmica- AIM e a UA; Teleconferência; Aulas virtuais baseadas no computador e na Internet.

Por sua vez, Cabral (2007) reforça a ideia de quatro gerações: textos impressos ou escritos à mão; uso da televisão e do áudio; utilização multimídia da televisão, texto e áudio; processos educativos em torno do computador e da Internet.

Aretio (2010) trata de quatro gerações<sup>16</sup>: O ensino por correspondência; O ensino multimídia; O ensino *Telemático*; O ensino via internet.

Formiga e Litto, (2009) discorrem, inicialmente, sobre seis meios de aprendizagem a distância: Aprendizagem por correspondência; Aprendizagem por rádio; Aprendizagem por computador sem ligação à rede; Aprendizagem por *e-learning*; Aprendizagem por *m-learning*; por videoconferência.

Para melhor entendimento das fases ou gerações apresentadas, propomo-nos abordá-las sob a ótica de Moore e Kearsley (2010) e Formiga e Litto (2009).

---

<sup>16</sup> La enseñanza por correspondencia; La enseñanza multimedia; La enseñanza telemática e La enseñanza via internet.

Os autores delimitam cada geração de acordo com critérios estabelecidos, levando em conta o momento social e culturas de cada época, mas também pela escolha de modelos ou métodos de ensino/aprendizagem pautados nas tecnologias que os viabilizaram e os viabilizam.

Esclarecemos, mais uma vez, de que não se trata de descartar esta ou aquela geração, porque estamos tratando de múltiplas maneiras de utilizarmos as TICs em prol do desenvolvimento do processo e escolher os melhores recursos de acordo com a necessidade de utilização dos mesmos. Apenas para fins metodológicos, fica mais evidente demonstrar as diferenças e/ou aproximações entre elas, em formato de etapas, gerações, ondas, fases etc.

Seguindo as cinco gerações que Moore e Kearsley (2010)<sup>17</sup> estabelecem, o Estudo por correspondência era também chamado de estudo em casa, pelas primeiras escolas com fins lucrativos, e, estudo independente, pelas universidades.

Os autores afirmam que “o motivo principal para os primeiros educadores por correspondência era a visão de usar a tecnologia para chegar até aqueles que de outro modo não poderiam se beneficiar dela”. (MOORE; KEARSLEY, 2009, p.27). O que não difere muito do atual motivo de utilização das TIC: aproximar sujeitos e conhecimento.

A Segunda geração - via rádio e televisão: com o surgimento do rádio, no início do século XX, criaram-se muitas expectativas de sucesso nos departamentos de extensão das universidades. No entanto, os interesses restritos do corpo docente e a utilização dos cursos como um meio de conseguir anúncios para as emissoras comerciais, fizeram do rádio a tecnologia de divulgação da educação que “não fez jus às expectativas” (MOORE E KEARSLEY, 2010, p. 32). A televisão, já em desenvolvimento em 1934, teve mais sucesso que a rádio educativa por causa das contribuições a partir de 1950, da Fundação Ford. Logo após vieram os serviços fixos de Televisão educativa e Televisão a cabo e Telecursos.

---

<sup>17</sup> Relembra-se que Moore e Kearsley(2010) datam o início da EAD no começo de 1880, o que difere de outros autores que datam o início em 1728.

Em 1956, as escolas públicas do Whashington Coutry, Maryland, foram unidas em um serviço de televisão em circuito fechado e, aproximadamente na mesma ocasião, o Chigago TV College foi o primeiro no desenvolvimento das faculdades pertencentes à comunidade para o ensino pela televisão. (MOORE & KEARSLEY, 2010, p.33)

A terceira geração teve como as duas experiências mais importantes o Projeto AIM (Projeto de Mídia de Instrução Articulada) e A Universidade Aberta da Grã-Bretanha (UA). Ambos os projetos foram de excelência nas propostas de implantação, naquele momento, porque a Educação a distância começou a ser vista como um “sistema total” (MOORE & KEARSLEY, 2010, p.35).

A tecnologia da Teleconferência, quarta geração apresenta por Moore e Kearsley, surgiu como inovação nos Estados Unidos nos anos de 1980, apresentando como diferencial das gerações anteriores a proposta de uso em grupos, muito semelhante ao ensino tradicional em classes, e não apenas para as pessoas que aprendem sozinhas, como direcionava o ensino em casa por correspondência ou da universidade aberta. Aproximar as pessoas em grupos, mesmo a distância, atraiu um número maior de educadores e formuladores de políticas educacionais. Não me deterei nestes pontos, na minha pesquisa, mas ficam em aberto para futuras análises.

Na continuação, a quinta geração, por sua vez, tem como base as aulas virtuais baseadas no computador e na internet.

Os primeiros sistemas de computação desenvolvidos nos anos 1960 e 1970 eram equipamentos de grande porte instalados em salas, diferentes das tecnologias atuais.

“Após a Intel ter inventado o microprocessador em 1971 e o primeiro computador pessoal, o Altair 8800, ser lançado em 1975, o uso da instrução baseada em computador aumentou significativamente.”. MOORE E KEARSLEY (2010, p.45). E com o surgimento da internet houve uma propulsão no avanço tecnológico, de maneira tal que hoje não se consegue acompanhar em tempo real as novas tecnologias que surgem diariamente no mercado. Do surgimento do *Word Wide Web*, um sistema que possibilitava o acesso a um documento por diferentes computadores separados por qualquer distância, até os possíveis contatos de imagem e som via *Skype*, *MSN*, redes

virtuais e tantos outros meios de comunicação e interação, que nos saltam aos olhos, progressos e mudanças cotidianas aconteceram.

Por sua vez, à tona os meios de aprendizagem a distância encontrados em Formiga e Litto, (2009):

- Aprendizagem por correspondência: “[...] o que justifica essa denominação é o processo de mediação entre aluno e tutor ou professor ou instrutor ser mediado por meio de cartas”. (PALHARES, 2009, p.48.)

- Aprendizagem por rádio: “[...] o uso do rádio no sistema de aprendizagem a distância possui vantagens e desvantagens decorrentes de sua natureza tecnológica. A mais importante característica é a unissensorialidade. Rádio é som, o que inclui o texto, a fala, a música, os ruídos e efeitos sonoros.” (DEL BIANCO, 2009, p.56.)

- Aprendizagem por computador sem ligação à rede: “[...] O CD-ROOM constitui um importante avanço no processo de armazenamento e disseminação da informação [...]. Mas, “[...] tem uma grande desvantagem quando comparado com as soluções de EAD baseadas na Web.” (VALENTE, 2009, p.65.)

- Aprendizagem por *e-learning*: “Nas últimas décadas, o aumento da comunicação humana mediada pelo computador para fins educativos levou a uma proliferação de tecnologias com o propósito de oferecer ambientes educacionais on-line.” (TELES, p.72). O autor foca no papel do professor na criação dessa experiência de aprendizagem para os alunos.

- Aprendizagem por *m-learning*: “[...] Aprendizagem móvel ou aprendizagem em movimento” (BULCÃO, 2009, p.82)

- Aprendizagem por videoconferência: “Nascida como uma ferramenta para a comunicação empresarial para possibilitar reuniões de negócios, nas últimas décadas, a videoconferência passou a ser utilizada com fim educativo.” (CRUZ, 2009, p. 88)

Dentre os diferentes modos de aprendizagem supracitados, ainda se destacam: Aprendizagem on-line por meio de estruturas de cursos; Aprendizagem on-line por meio de minicursos para telecentros; Aprendizagem on-line por meio de comunidades virtuais de aprendizagem; Aprendizagem por meio de ambientes de



realidade virtual; Aprendizagem por meio de bibliotecas digitais e virtuais; Aprendizagem por meio de repositórios digitais e virtuais; Aprendizagem por meio.

No que tange os modelos de aprendizagem encontrados acima, podemos observar que a aprendizagem tem nas TICs os meios de interação necessários para que se estabeleça; e a escolha do caminho tecnológico mais viável vai depender da proposta de cada Instituição de ensino.

### **1.3.1. O CENÁRIO BRASILEIRO EM MOVIMENTO CONTÍNUO**

Neste contexto, de aceleração tecnológica e diretrizes conceituais, cabe elucidar, mesmo que parcialmente, a história da educação a distância no Brasil.

Marcada por uma trajetória de sucessos e, por momentos de estagnação, a EAD do Brasil esteve entre os principais países do mundo. A partir dos anos 1970, houve uma queda e outras nações avançaram, enquanto o Brasil estagnou. No entanto, no final do milênio, o país volta a promover ações que viabilizaram uma nova fase de prosperidade e desenvolvimento. (ALVES, 2009).

Ao tratarmos do surgimento da EAD no contexto brasileiro, fontes mostram que, pouco antes de 1900, cursos profissionalizantes de datilografia eram ofertados por correspondência.

Eram ações isoladas, mas importantes no contexto histórico que consolidava a República, como afirma Alves (2009), mas o marco foi a instalação das Escolas Internacionais, em 1904, unidade de ensino filial de uma organização norte-americana. Os cursos eram ofertados por correspondência, via correios e o transporte realizado pelas ferrovias, para a demanda de empregos nos setores de comércio e serviços.

O segundo meio de “transmissão a distância do saber” foi o rádio. Em 1923, era fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por iniciativa privada e cuja função era possibilitar a educação popular. A emissora, em 1936, diante das pressões governamentais, foi doada ao Ministério da Educação e Saúde. Muitos foram os programas criados pela difusão do rádio. Destacam-se: A voz da Profecia, cursos bíblicos ofertados pela Igreja Adventista em 1943; Universidade do Ar, criada pelo Senac em 1950; O Movimento de Educação de Base, criado pela Igreja Católica em

1959/1960; Fundação Padre Landell de Moura, no sul do País; Mobral, vinculado ao governo federal; dentre tantos outros.

Não houve, no entanto, um rompimento com o primeiro meio ofertado, via correspondência. Concomitantemente ao rádio, os cursos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro, criado em 1939, por exemplo, vinham encartados nas revistas e eram oferecidos em diversas áreas: mecânica, eletrônica, corte e costura, contabilidade etc. Atualmente, o Instituto ainda flexibiliza a oferta de cursos, incluindo a modalidade *online*.

Alves (2009) conclui que o desmonte da EAD via rádio, causado pela revolução deflagrada em 1969 e pelo sistema de censura, foi um dos principais causadores da nossa queda no *ranking* mundial.

O Código Brasileiro de Telecomunicações, publicado em 1967, determinava que às emissoras de radiodifusão e às televisões educativas cabia transmitir programas educativos. Em 1969, foi criado o Sistema Avançado de Tecnologias Educacionais, que previa a utilização de rádio, televisão e meios aplicáveis. Determinava o Ministério das Comunicações um tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais deveriam ceder à transmissão de programas educativos. (ALVES, 2009).

Seguindo o momento histórico, em 1972, é criado o Programa Nacional de Teleducação (Prontel) e, logo em seguida, substituindo-o, surge O Centro Brasileiro de TV Educativa (Funtevê), órgão integrante do Departamento de Aplicações Tecnológicas do Ministério da Educação e Cultura.

A obrigação de ceder horários diários para a transmissão dos programas educacionais, em 1990, foi outro retrocesso. E, em 1994, coube à Fundação Roquete Pinto a coordenação das ações, porque houve uma reformulação no Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa. (ALVES, 2009).

No decorrer das décadas, destacaram-se alguns programas educativos, tanto da TV aberta, quanto da TV fechada: Telecursos (Fundação Roberto Marinho); TV escola; Canal Futura; TV Cultura etc.

Dias (2010) ressalta três momentos na EAD a correspondência, a Teleducação (rádio e TV; telefonia, vídeo-aulas, audiocassetes etc.) e uma terceira, na qual encontram-se “os ambientes interativos, como a *web* e os sistemas de

videoconferência, incorporando as mídias anteriores e criando oportunidades para um aprendizado cooperativo *online*” (DIAS, 2010, p.11).

Nestes contextos, destacam-se como instituições importantes: A Associação Brasileira de Telecomunicações (ABT), criada em 1971, pioneira nos programa de pós-graduação a distância, é responsável pela série de Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional e pela revista Tecnologia Educacional; O Instituto de Pesquisas e Administração da Educação (IPAE), fundado em 1973, responsável, dentre outras, pela realização dos primeiros Encontros Nacionais de Educação a Distância(1989) e pelos congressos Brasileiros de Educação a Distância; A Associação Brasileira de educação a Distância(ABED), “congrega importantes personagens da atualidade, as produções científicas são elementos importantes para que ocorra o aprimoramento dos sistemas de aprendizagem”. (ALVES, 2009, p. 11).

### 1.3.2. O CENÁRIO BRASILEIRO MAIS PRÓXIMO

No que tange as diretrizes e bases da educação nacional brasileira, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece no **Art. 21**. A educação escolar compõe-se de: **I** - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; **II** - educação superior.

Nos ensinos fundamental e médio é possível que o aluno realize exames de suplência, desde que respeitadas as idades correspondentes de cada ciclo: 15 anos para o fundamental e 18 para o ensino médio. Não é considerado da modalidade EAD, mas supõe-se que as características desta proposta de ensino assemelham-se aos cursos ofertados a distância, porque em alguns cursos o aluno estuda o material em casa e tem o suporte de professores-tutores no pólo ou escola. O Centro de Estudos Supletivos do Rio de Janeiro é um exemplo a ser citado.

O MEC criou em 2005 a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Segundo Moran (2011a, p.137), não se trata de uma universidade tradicional, “mas de uma coordenadoria de projetos de ensino superior, que são executados por universidades públicas, com polos locais instalados por prefeituras e com incentivo financeiro de empresas estatais e privadas.”.

Para o autor, “A UAB está desenvolvendo cursos de graduação em áreas onde há demanda, o que provocará, em poucos anos, um reequilíbrio maior entre a oferta das universidades públicas e privadas.” (MORAN, 2011a, p.137)

Moran aponta ainda que o candidato passa por um processo de tutoria ativa, em polos regionais. Isso, aliado ao uso da informática, permite o monitoramento do desempenho e do fluxo de atividades, facilitando a identificação de possíveis dificuldades.

No modelo semipresencial, como os do Consórcio CEDERJ (<http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/index.php>) das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro, os alunos têm pólos perto de onde moram e, além do tutor online, têm o tutor presencial no pólo, com quem podem tirar dúvidas e participar das atividades solicitadas e dos laboratórios de informática e específicos do curso. Esse modelo é replicado pelas universidades públicas, sob a gestão da UAB – Universidade Aberta do Brasil, que fazem parceria com as prefeituras para a instalação dos pólos de apoio presenciais. (MORAN, 2009, p. 287)

Para compreender como é a relação de tutoria no contexto da UAB, foram selecionados alguns tutores do Instituto Federal de Santa Catarina para participarem das entrevistas. A limitação, posteriormente, de três entrevistados deste Instituto, se deu por conta do caráter qualitativo do trabalho, para não exceder o número muito alto de tutores. Enquanto que a escolha do Instituto foi de acordo com a pronta resposta dos tutores em contribuir com a pesquisa. Antes dessa Instituição, outros tutores foram contatados, mas não desejaram participar via skype.

O CECIERJ- Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro realizou em 2011 e 2012 processos seletivos de bolsistas tutores do ensino médio Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e Formação de Professores na modalidade semipresencial (EMEJA). A proposta da Fundação era selecionar professores de diversas áreas de atuação para os cursos voltados ao ensino médio semipresencial.

Nesta proposta de análise da fala do tutor, também selecionamos tutores do CECIERJ, para comporem os relatos observados nas nossas entrevistas; três deles

tutores do Curso de extensão de Leitura e Formação de Leitores e três do CEDERJ, pré-vestibular social e graduação. Não se desejava um número muito extenso de colaboradores, por isso a delimitação em mais seis tutores.

Percebe-se que ocorre um processo gradativo de implantação da Educação a Distância, e Instituições abraçam a ideia. A demanda por cursos nesse formato aumentam e a oferta acompanha, com diversas ofertas de cursos nessa modalidade, principalmente, em cursos de ensino superior. Pereira e Lopes (2012) trazem que o Censo da Educação Superior (INEP, 2008) mostrou que as matrículas na EaD aumentaram 96,9% em relação ao ano anterior e, em 2008, passaram a representar 14,3% do total de matrículas no Ensino Superior.

Concorda-se com Moran, quando afirma que é muito difícil fazer uma avaliação abrangente e objetiva do ensino superior a distância no Brasil, “pela rapidez com que ela se expande nestes últimos anos, porque a maior parte das pesquisas foca experiências isoladas e porque há um contínua inter-aprendizagem, as instituições aprendem com as outras e evoluem rapidamente nas suas propostas pedagógicas.” (MORAN, 2007).

Supõem-se um interesse por parte dos órgãos públicos em aumentar a oferta de cursos nesse formato, desde os cursos de extensão aos cursos superiores e, incluindo nas diretrizes curriculares, o ensino médio.

O Artigo 80 da Lei 9.394 afirma que:

O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º. A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º. As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

**I** - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

**II** - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

**III** - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Abaixo alguns trechos do documento da Comissão Organizadora Nacional da Educação- CONAE:

Uma **política nacional de formação e valorização de profissionais em educação** deverá traçar, além de diretrizes para a formação inicial e continuada de professores/as e funcionários/as, as condições (se presencial ou a distância) em que cada modalidade será desenvolvida. Não é demais lembrar a existência de centenas de cursos de EAD, em instituições que os oferecem, nos mais diversos polos pelo interior dos estados, e também nas capitais, grande parte deles sem o devido acompanhamento pedagógico, sem aprovação do MEC e sem compromisso com a formação de qualidade dos estudantes, visando apenas ao lucro das entidades e à distribuição de diplomas em curto prazo. A articulação entre o MEC e os sistemas de ensino, envolvendo as universidades no contexto da implantação de um sistema nacional de educação, deve visar às políticas públicas de ampliação e interiorização da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade, priorizando o ensino presencial e fazendo o acompanhamento dos cursos de EAD, de maneira que estes, quando forem necessários, sejam implantados com qualidade social.

A adoção das **modalidades de formação**, presencial ou por meio do EAD, deve ter por direção pedagógica a busca de uma formação de qualidade socialmente referenciada. Dessa forma, entende-se que o papel do/da professor/a é crucial para o bom andamento dos cursos, razão pela qual a dinâmica pedagógica deve enfatizar a ação docente em todos os momentos do processo formativo, optando pela manutenção do/da professor/a na implantação, acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações de formação.

Não se trata tão somente de adoção da nomenclatura, mas fundamentalmente da defesa da centralidade do papel do professor, em substituição ao tutor, nos processos formativos presenciais e a distância. Tal compreensão retrata o papel da EAD sob a ótica da formação de qualidade social, que não prescinde do acompanhamento docente efetivo e de momentos presenciais de aprendizagem coletiva. É necessário fazer a defesa da centralidade do papel do/a professor/a, em substituição ao/à tutor/a, nos processos formativos presenciais e a distância. Tal compreensão retrata o papel da EAD sob a ótica da formação de qualidade social, que não prescinde do acompanhamento docente efetivo, nem de momentos presenciais de aprendizagem coletiva. Nesse sentido, devesse garantir e regulamentar um número proporcionalmente adequado de estudantes, por professor/a e por carga horária remunerada, a fim de assegurar o acompanhamento individualizado.

Assim, os locais que desenvolvem EAD devem ser dotados de bibliotecas e equipamentos de informática, permitindo a socialização das experiências docentes e sua autoorganização em grupos de estudos, como um caminho promissor para a profissionalização. Com isto, o trabalho a ser ali desenvolvido poderá gerar condições especiais para superar o isolamento e produzir novas relações sociais e culturais na atividade docente, privilegiando o trabalho coletivo e solidário, em sintonia com a realidade social onde está inserido, de modo a transformar as condições atuais da escola pública e da educação na perspectiva das transformações sociais almejadas.

Os princípios que estruturam a formação de professores/as da educação básica e da educação superior devem ser os mesmos, independentemente do locus dessa formação, seja nas IES públicas ou nas IES privadas. No entanto, há de se prever a ampliação de vagas e de responsabilidade das instituições públicas, quer as formadoras, quer as receptoras de docentes, no sentido de caracterizar um sistema próprio que possa, de um lado, garantir a devida articulação entre esses entes e, de outro, propiciar alguns incentivos e fomentos próprios para a educação pública. Assim, articulado ao SNE, devesse estruturar um subsistema de formação e valorização para responder às

demandas pela formação de docentes com alta qualificação e em número suficiente, na dimensão de uma educação que se configura como direito da cidadania. (CONAE, 2011)

O que se propõe com as articulações expostas no documento do CONAE é criar um ponto de reflexão também sobre a qualidade de alguns cursos oferecidos no país, mas, decerto, o documento traz em si outra discussão entre defender a centralidade do professor e, até mesmo, mudar a nomenclatura e ações docentes do tutor para o professor, porque entende que o papel do professor é crucial para o bom andamento dos cursos, na implantação, acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações de formação.

O documento referência centraliza na função docente quase todas as responsabilidades de sucesso dos cursos e a parece prevalecer a ideia de que a qualidade está vinculada aos encontros presenciais ou na modalidade EAD centralizados na figura do docente bem remunerado e capaz de dar auxílio individual satisfatoriamente.

No contexto de mudanças de pensamento, Moran (2009, p.3) ressalta que nos encontramos numa fase de consolidação da EAD no Brasil, principalmente no ensino superior. “A educação a distância é política pública, com forte apoio governamental, o que não acontecia no começo”. E aponta para algumas tendências de mudanças na educação a curto e médio prazo:

- Transição gradual do presencial para o semipresencial, como nos serviços (bancários, telefônicos...). Progressiva virtualização dos processos pedagógicos e gerenciais.
- O “blendet learning” como guia e horizonte. O ensino, mesmo fundamental, terá momentos e atividades não presenciais, acentuando-se o virtual na medida em que os alunos vão se tornando adolescentes e principalmente, adultos.
- Da previsibilidade à experimentação. Para romper com o modelo tradicional de organizar o ensino-aprendizagem, estamos passando por etapas longas de experimentar caminhos parciais, soluções experimentais locais até termos certeza do que vale a pena fazer em cada momento para cada situação. Isso demandará anos, provavelmente uma ou duas décadas.



- Com a prática aprenderemos a dar o valor adequado a estarmos juntos, conectados, a conciliar a flexibilidade individual com a grupal, a saber trabalhar sozinhos e juntos, aproveitando as inúmeras tecnologias de comunicação multimídia que estão convergindo velozmente por vários caminhos, de várias formas e que terão profunda influência em todos os níveis e formas de educação. (MORAN, 2009)

O cenário brasileiro, assim respaldado, fornece-nos base para melhor entendermos quando foi e como está estabelecida a Educação a Distância no país.

Na seção que se segue, passa-se a tratar da participação do tutor, no contexto da EAD. Relaciona-o com alguns dos caminhos aqui apontados e a sua ação ou prática docente. Com o objetivo de compreendê-lo neste contexto, parte-se de alguns conceitos atribuídos ao termo tutor, tratamos das questões de interação e aprendizagem, mediação pedagógica, formação do tutor, avaliação em EAD e, por fim, traz-se algumas pesquisas sobre tutoria.

## Capítulo II

---

*Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.*

*Manoel de Barros*

### **2. O TUTOR: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TUTORIA**

Conforme foi abordado no capítulo anterior, a Educação a Distância (EAD), assim como os sistemas presencial e semi-presencial, são sistemas da Educação. E a noção de subsistemas foi elencada para entendimento de cada um dos processos componentes: fontes de conhecimento; cursos, tecnologias; o instrutor ou tutor; alunos; gerenciamento e administração; e por fim, a interdependência entre os subsistemas em um sistema de EAD.

Trata-se neste capítulo dos aspectos referentes à tutoria e ao tutor. Fundamenta-se a continuação da pesquisa na literatura selecionada sobre a temática, no referencial da Teoria da Complexidade e na perspectiva de partirmos deste contexto geral ao específico, sem que sejam disjuntos os elementos estudados.

Sem sair desse contexto de subsistemas, propõe-se tratar um dos processos componentes supracitados: o tutor.

Um dos maiores desafios enfrentados por quem deseja trabalhar no sistema de EAD é o de mediar. O tutor conduzido por uma tecnologia que nem sempre domina, ou por várias tecnologias, encontra-se em um ambiente que a própria noção de presença e distância deixa dúvidas. Esses profissionais que, na maioria das vezes, saem diretamente da sala de aula convencional presencial, aproximam-se de um espaço educacional cujas adaptações vigoram de acordo com as exigências de mercado.

Simão Neto (2010) diz que novas concepções de EAD surgiram com o advento e a rápida difusão de novas mídias digitais, como a multimídia e a internet. Segundo o autor, “os conceitos essenciais como o de *virtualidade*, o de *interação* e o de *redes* contribuem para essa ideia de renovação de educação a distância, o que desloca o foco da separação espacial entre alunos e professores para o de mediação.” (p.17)

Voltemo-nos às questões referentes aos processos componentes de um sistema EAD e percebemos que se misturam ou se inter-relacionam de forma que não ficam perceptíveis separadamente. Isso acontece porque a noção sistêmica já garante, por si só, a integração desses componentes. Em outras palavras, se tivéssemos a figura do tutor sem os outros pares, nada aconteceria; ou se fossem retirados os cursos ou os alunos do sistema maior que é a EAD, não haveria papel para ser vivenciado.

O termo tutor provém do latim *orís*, pessoa que executa tutela, defensor, protetor. Para os habitantes do Lácio, Roma antiga, significava “defender, guardar, preservar, sustentar, socorrer”. (BERNAL, 2008, p.56).

No âmbito educacional o termo original nos levaria a crer que o aluno tornasse independente, à medida que não precisa mais do tutor, ou que é dependente porque necessita de alguém para orientá-lo.

Trata-se de um sistema, aluno e tutor estão aprendendo o tempo todo na ligação de parceria e desenvolvimento que permeia o ambiente de troca; e estão, mutuamente, engajados no sistema, porque estamos falando de papéis que se intermediam.

Conceber o tutor como aquele que “olha, observa, contempla e, ao mesmo tempo, vigia, cuida, defende e protege.” (BERNAL, 2008, p.58); e que aprende com os outros sujeitos, motiva-se, organiza-se e desorganiza-se, aquele que possibilita as inter-relações e os processos de avaliações contínuas e que pode ser defendido, cuidado e protegido, fica mais próximo da nossa proposta de pesquisa, porque não limita ao termo original da palavra, que condensa, mesmo que nas entrelinhas, um conceito de supremacia do tutor; nem, tampouco, faz do aluno um ser totalmente passivo e receptáculo de um conhecimento construído apenas por um sujeito, ele próprio ou o seu tutor.

A missão primordial da tutoria, segundo Bernal (1999) é promover a orientação sistemática ao estudante, durante o processo formativo, possibilitando a tomada de decisões sobre o caminho da aprendizagem e da construção do conhecimento.

A atenção do tutor a cada aluno é determinada pelo sistema que o incorpora, ou seja, se a tutoria é a distância, o profissional realizará as suas atividades mediado por tecnologias que possibilitem o contato com os alunos; se a tutoria é presencial, o

profissional vai utilizar-se das tecnologias que promovam também o acompanhamento dos alunos.

Depende dos objetivos traçados pela instituição e as diretrizes metodológicas que sustentarão tais objetivos. O que não se pode esquecer é que nem sempre apenas o contato determinado pela instituição, via tecnologias presenciais ou a distância, garante a relação propícia para que o conhecimento se estabeleça.

Bentes (2009, p. 166) afirma que o perfil do corpo discente a distância e bem diferente do ensino presencial: “formado na maioria por alunos adultos, que precisam ter maturidade e determinação no estudo, responsabilidade em seguir cronogramas estabelecidos, além de requerer conhecimento nas tecnologias utilizadas.”

Para os profissionais que desejam trabalhar como tutores também há pontos bem marcados de competências a serem atingidas e características pessoais que traçam um perfil mais adequado à função que exercem. Nas explicações dos tutores que participam desta pesquisa, há questões relevantes a serem observadas, no que tange a adequação à EAD, às competências firmadas no processo de utilização das tecnologias e referentes à surpresa de perceberem que a modalidade aproxima aluno e professor. A primeira hipótese evidenciada, nesse contexto, é que a modalidade faz o tutor compreender o processo de mudanças que lhe alteram a prática anterior.

“Os melhores professores a distância têm empatia e capacidade para entenderem as personalidades de seus alunos, mesmo quando filtradas pelas comunicações transmitidas tecnologicamente”. (MOORE e KEARSLEY 2010, p.148).

Da Silva (2008, p.41) argumenta que “[...] a tarefa do professor-tutor é sintetizada como um profissional do ensino que atua como um orientador da aprendizagem um dinamizador da via socioafetiva, orientador pessoal escolar e profissional dos alunos.”.

Aretio (2006) destaca algumas das qualidades dos tutores presenciais e tutores a distância, dentre elas: autenticidade e honradez, maturidade e estabilidade emocional, bom-caráter e cordialidade, compreensão de si mesmo, empatia, inteligência e rapidez mental, capacidade de escuta, liderança. Além dessas características e muitas outras que os tornariam uns “autênticos super-homens”. (p.127). O autor elenca quatro qualidades principais, a saber: Cordialidade; Capacidade de aceitação; Integridade e Empatia, associadas à capacidade de escutar e ler.

“O instrutor é, definitivamente, os *olhos* e os *ouvidos* do *sistema*. [...] O instrutor é, portanto, a fonte e informação mais confiável quando gerentes do sistema tentam interpretar os dados que fluem do sistema e monitoramento do aluno [...]” Moore e Kearsley (2010, p.149, grifos o autor.)

Bernal (2008), por sua vez, destaca que a tutoria é um serviço oferecido pela instituição por meio de tutores que acompanham o processo de formação do estudante, dentro de um contexto de formação integral:

[...] tutor é o sujeito que personaliza a educação a distância mediante o apoio organizado ou sistemático de um processo que compreende, em primeiro lugar, o conhecimento da filosofia institucional e dos objetivos disciplinares, conteúdos, metodologia e critérios de avaliação da matéria que dirige. (BERNAL, 2008, p.66)

Bentes (2009, p.166) afirma que além de incorporar a tecnologia a sua atuação, o tutor ou professor tem a responsabilidade maior perante os cronogramas e precisa ter total domínio do conteúdo, objeto de estudo do aluno, “[...] porque não existe a possibilidade de improvisar na EAD”.

Percebe-se a pressão de não haver a possibilidade de improvisar, o que restringe a ação. Vivemos em um momento tecnológico que abrange adaptar-se, envolver-se de acordo com as inovações; e a pressão por bons resultados não se ampara apenas nas questões de envolvimento com o conteúdo das disciplinas ofertadas ou no incorporar a tecnologia na atuação, seja presencial ou a distância, porque não é delimitada pela execução de tarefas.

É notório, no entanto, que as tecnologias evoluem muito mais rapidamente do que a cultura. “A cultura implica padrões, repetição, consolidação. A cultura educacional também. As tecnologias permitem mudanças profundas, que praticamente permanecem inexploradas, em virtude da cultura tradicional, o medo, dos valores consolidados.” (MORAN, 2011, p.146). E em muitos casos confunde-se o que culturalmente ainda é aplicado no ensino presencial ao a distância. Dar um lápis ou um tablete ao aluno não fará que ele escreva corretamente; assim como fazer da tecnologia incorporada ao manuseio do tutor não fará com que todo o potencial das mesmas seja explorado se não forem permitidos improvisar e adequá-las ao cotidiano diferenciado.

Trata-se de um ambiente diferenciado, que exige uma postura de flexibilidade e não de medo do imprevisto. Moran (2011a, p. 118), quando trata do que muda no papel do professor em ambientes virtuais, diz que muda a relação espaço, tempo e comunicação com os alunos. “[...] É um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante, que exige muita atenção, sensibilidade, intuição e domínio tecnológico.”

Atenta-se para outro ponto, as TIC foram deslocadas do seu ambiente inicial e estão a serviço da educação; da mesma forma que muitos tutores foram deslocados da sala de aula convencional para salas de aulas virtuais e têm de seguir cronogramas, geralmente com prazos curtos para execução, dominar um conteúdo que muitas vezes não são da sua área de formação, encaixados nestas propostas mecanizadas de o tempo ser tão escasso que não lhe é permitido falhas ou improvisos.

O que se diz é que as tecnologias adaptam-se ao meio educacional, ou vice-versa, ao passo que o tutor contextualiza-se na noção de rapidez promovida pela utilização das TIC adaptando-se a dominar certos programas, conteúdos e metas de uma educação cada vez mais próxima de outras áreas além da tecnológica; a financeira, por exemplo.

Respaldam-se tais ideias:

[...] importante lembrar que as TIC não se referem às chamadas “tecnologias educacionais”, produzidas visando à sua utilização em situações concretas de ensino-aprendizagem. Sua própria designação (tecnologias da informação e da comunicação) indica o seu pertencimento a áreas não educacionais, no sentido de serem produzidas no contexto de relações sociais outras, com finalidades distintas. Assim, as TIC são descontextualizadas das áreas em que foram produzidas e recontextualizadas na educação, implicando apagamentos que, para serem dimensionados, exigem a análise das condições e das circunstâncias da sua realização. (BARRETO, 2010, p.34)

## **2.1. INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM: PROCESSOS DE MÚLTIPLAS VIAS**

Bentes (2009, p.166) afirma que os componentes que integram a modalidade de EAD são destacados, simbolicamente, nas pontas de uma estrela para

ajudar a compreensão. Tal analogia significa “que uma estrela com menos de cinco pontas não brilha, não existe.”

Os componentes evidenciados pelo autor se relacionam de maneira integrada e, com o auxílio das TIC, permitem bons resultados desse processo educativo. Tratam-se, portanto, do Professor, Tutor, Aluno, Avaliação e Material didático.

Uma rede dialógica, complexa e interativa, na qual, evidenciam-se os tipos de interação em EAD abordados por Mattar (2009, p.116-117): Aluno/professor; Aluno/conteúdo; Aluno/aluno; Professor/professor; Professor/conteúdo; conteúdo/conteúdo; aluno/interface; autointeração; interação vicária (interação silenciosa) etc.

Freire (2005, p.90, grifos do autor), no que tange a importância do diálogo, deixa-nos claro que “Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*.”.

Cortelazzo (2009, p.18) afirma que “os diferentes modelos de EAD atendem diferentes necessidades e cumprem diferentes objetivos.”. O conhecimento das experiências em EAD, segundo a autora, possibilita que se façam escolhas pessoais ou coletivas diferentes das impostas pelo “modismo”.

Portanto, intermediar, dialogar e objetivar fazem parte da mediação pedagógica e do processo educacional. Assim como, alguns princípios educacionais apontados pela autora poderiam ser evidenciados: ação comunicativa; da colaboração; da acessibilidade e da equidade. (CORTELAZZO, 2009).

A saber, a ação educativa comunicativa, seja a ação docente ou discente, transformou-se no decorrer do século XX, mudou de uma ação unidirecional, de um professor ativo e de um aluno receptor passivo, para uma ação bi e multidirecional, na qual o aluno questiona, participa, é um dos agentes proativos. E, por sua vez, o professor também aprende nessa interação.

Enquanto a ação comunicativa serve de cunho dialógico propriamente dito, a colaboração é outro princípio educacional apresentado pela autora que possibilita a troca de experiência, a reelaboração de conhecimentos existentes ou a motivação para a promoção de outros conhecimentos.

[...] O professor manifesta sua presença pedagógica mediando a definição de tópicos, construindo um conjunto e significados e orientando a integração da presença social e cognitiva no processo. Como na EAD a questão se refere ao tempo e espaço, não à essência da educação, essa colaboração tutor e aluno e entre alunos é necessária [...]. (CORTELAZZO, 2009, p.20)

Quando a autora trata acessibilidade, ponto elencado como um dos princípios educacionais que é direito do aluno, propõe estabelecer uma infraestrutura que a possibilite, no que tange aos materiais pedagogicamente acessíveis aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos e a qualidade dos serviços de atendimento e de manutenção, em qualquer modalidade da educação.

Não se trata apenas de acesso ao ambiente virtual de aprendizagem, mas a acessibilidade a todos os setores como agente do processo de aprendizagem. Na EAD, como no ambiente presencial de aprendizagem, os alunos têm na acessibilidade o direito de ir e vir, de entrar nos ambientes, virtuais ou presenciais, de ter as suas deficiências físicas respeitadas, acesso desde o planejamento do material à sala de aula. Um aluno com problemas visuais, auditivos, por exemplo, precisam de propostas que viabilizem o seu acesso ao conteúdo do curso, às videoaulas.

A equidade é um princípio educacional que “se refere às possibilidades igualitárias no contexto escolar.” (CORTELAZZO, 2009, p.21). A ausência de equidade faz das propostas educacionais alvo de planejamentos sem base e de tecnologias voltadas a pequenos grupos, o que limita o acesso de todos. Um exemplo citado pela autora corrobora com tal definição de equidade:

Assiste-se, em algumas instituições, ao fracasso de alguns cursos, exatamente porque se projeta um curso para uma elite que tem tempo, dinheiro e desenvolvimento cognitivo devido às condições educacionais prévias e se oferta esse mesmo curso a um público que não dispõe das mesmas condições de acompanhamento. (CORTELAZZO, 2009, p.22)



Tais princípios ressaltados pela autora possibilitam o entendimento do quão importante são a ação pedagógica e o planejamento. A figura do tutor em EAD fica evidenciada em muitos momentos de mediação pedagógica, de construção e afetividade nas relações entre os sujeitos e nos papéis que exerce no âmbito educacional e na participação reflexiva e prática dos princípios supracitados.

[...] as funções da tutoria são: acolhida, acompanhamento, orientação e avaliação. Cada uma delas precisa ser com a colaboração do aluno. A ação do tutor não implica um movimento unidirecional, mas uma interação social comunicativa intencional que só acontece com afetividade e eficácia se houver a participação dos todos os envolvidos. (CORTELAZZO, 2009, p.141)

Embora o tutor tenha de se relacionar o tempo todo com o orientador de ambiente ou com o professor-autor do curso, ou ainda, com todos os pares – o que depende do objetivo e diretrizes delimitadas pela instituição ou programa, porque a interação terá como ponto de partida tais delimitações- é dele a função de mediar:

Cabe ao professor-tutor mediar todo o desenvolvimento do curso. É ele que responde a todas as dúvidas apresentadas pelos estudantes, no que diz respeito ao conteúdo da disciplina oferecida. A ele cabe também mediar a participação dos estudantes nos chats, estimulá-los a participar e a cumprir suas tarefas, e avaliar a participação de cada um. (GONZALEZ, 2005, p.40)

*Webcan, chats, hiperlinks, vídeo-conferências, fóruns, internet, e-book, wiki, skype*, dentre tantas outras ferramentas, auxiliam o professor-tutor e a sua interação com o aluno. No entanto, não são as TIC, nem as mídias que as configuram que garantem a consolidação do conhecimento na modalidade a distância, assim como mídia impressa ou digital não a garante na modalidade presencial.

A função objetiva, prática, nas funções que delimitam o intermediar do tutor é permeada pela função afetiva, subjetiva, das relações entre os sujeitos e, vive-versa.

Percebe-se que na relação de atividades ministradas a distância, nas quais, muitas vezes, a interação é assíncrona, deve-se levar em conta que são sujeitos que se comunicam, existem e sentem. São subjetividades que se exercitam no decorrer da utilização das tecnologias.

No contexto dessas relações, nas lacunas que em muitos momentos se apresentam, tanto temporais ou espaciais, é importante salientar a singularidade da modalidade a distância nessas questões. O conceito mais evidenciado de Educação a distância, convém lembrar, é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos comunicam-se e interagem separados espacial e/ou temporalmente.

Oliveira (2003, p.6) afirma que “A questão da percepção da disponibilidade do outro, independentemente da presença física é uma forma de linguagem. Essa percepção fala. O sentimento de estar em relação fala. O silêncio na rede fala.”

Retoma-se Bernal (2008, p.56) quando diz que o tutor é pessoa que exerce tutela, defensor, protetor. No âmbito jurídico o tutor era o guardião e no âmbito educacional ação de ajudar, guia de aconselhar etc.

Como se observa, a figura do tutor está atrelada a sua função de orientador, alguém que fala e escuta, que tem uma relação com o aluno e acompanha o processo de aprendizagem:

Em síntese, a tutoria cumpre a função de ser orientadora, está centrada, por um lado, no âmbito afetivo do estudante com o propósito de escutá-lo, motivá-lo e ajudá-lo em seu crescimento e, por outro, é acadêmica, tanto que se dirige aos processos cognitivos, aos novos saberes do estudante, à forma como aprende e constrói seu pensamento. Finalmente, é institucional, carregada de valores, princípios, ideais, prospectivas que subjazem à filosofia de cada projeto educativo. (BERNAL, 2008, p.63)

## **2.2. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MATERIAL DIDÁTICO**

Em relação ao material didático, por exemplo, deve-se estar ciente que não basta colocar um texto para ser lido, tanto no ensino presencial, quanto em um curso em

EAD. É preciso elaborar formas que contribuam para que a interação seja efetiva entre material elaborado/ aluno/ professor (tutor)/sistema/processo de aprendizagem etc.

A mediação pedagógica faz-se necessária em todos os processos de construção, porque gera o ambiente favorável para que a aprendizagem se construa. E construir sentido e significado na aprendizagem é um desafio para quem elabora material didático e para quem vai mediar na prática em sala de aula presencial ou em ambiente virtual de aprendizagem,

Na Educação a Distância as tecnologias presentes auxiliam de forma contundente e facilitadora no processo de execução. A construção de técnicas e métodos norteia o trabalho e a responsabilidade por parte de quem media se faz ainda mais necessária, porque não se olha mais o material didático como uma via de passar conteúdos fixados e sem ação dialógica.

Moore e Kearsley (2010, p.150) enfatizam que as tarefas, muitas das vezes explicitadas no material didático, vêm como “o principal componente que une instrutor ao aluno, o profissional de criação ao instrutor, e até mesmo o aluno aos colegas”. É no decorrer do processo, visto como planejamento não linear, que o material didático se constrói. Com os questionamentos que o produto exigirá desde o pensar as suas estruturas organizacionais e conceituais ao imagético do discente e as significações que esse estabelecerá ao entrar em contato com a apostila básica de um curso e as diferentes mídias que a proposta interativa proporcionará e as subsequentes avaliações do material e das tarefas apresentadas.

Esses são alguns pontos importantes abordados que se somam a tantos outros que não se esgotam no contexto da produção do material didático é de suma importância. Estamos em um cenário educacional, que embora possibilite uma análise linear, a princípio, de caráter didático, engloba uma gama de múltiplos componentes que se interligam.

Um caminho mediador não se faz com uma direção única. Portanto, pensar em produções didáticas requer caminhos estruturados e abertos ao diálogo e à interação, com conteúdos hipertextuais, flexíveis e adequados às necessidades, expectativas e ritmo de aprendizagem dos alunos.

Preti (2009, p.1) afirma que “Na modalidade a distância, numa abordagem sistêmica, são vários os sujeitos e os componentes interligados que atuam e interagem

para que o processo de ensinar seja objetivado e o de aprender se concretize de maneira efetiva.”

Pensar o material didático pressupõe perceber a relação inacabada entre a composição do conteúdo e a interação professor/aluno com as elaborações e reelaborações que advém do processo comunicacional.

Para Lévy (2011, p.35), “o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias.”. Quando a virtualidade é relacionada à presença física, funcional, e, ao mesmo tempo, subjetiva do tutor, o material didático é um parceiro que interage através dos textos, hipertextos e tarefas. Mas, o autor enfatiza que “O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura”. (p.40).

O texto, escrito ou imagético, será o meio de interação do aluno com conteúdo e, na EAD, a elaboração do texto precisa ser diferenciada de um texto específico para um material didático presencial. Mas, como tratar as etapas de produção se estas parecem fazer parte de um todo que se amplia a cada pensamento? De maneira que os objetivos sejam norteados e identificados de forma clara e aberta a outras maneiras de se chegar até eles. Acredita-se que o material, fechado e marcado pela enumeração de procedimentos e por páginas demarcadas por conteúdos selecionados, por si só não garante que a aprendizagem se efetue e, dessa forma, precisa ser revisto e utilizado adequadamente reelaborando novas perspectivas sobre as temáticas que apresenta, sempre que necessário.

Há diversos desafios para se compreender as modificações que cercam o cenário educacional atual, se constatamos as possibilidades de múltiplas conexões multidisciplinares que o material didático em EAD bem elaborado pode fornecer em detrimento ao material descritivo-expositivo que limita o aluno ao que lhe é determinado. Não que não se encontrem cursos nessa modalidade de ensino que mantêm o material descritivo-expositivo como única forma de interação, mas vê-se, a cada dia, mais reflexão e pesquisas que alterem a forma de trabalhar a distância e de

como permear tecnologias ditas de uso exclusivo da EAD para as salas de aula presenciais.

Nas palavras de Saraiva (1995, p.2) a escolha dos recursos, meios, produção de material e viabilização dos mesmos “não pode basear-se no critério ‘do mais novo’ ou ‘do mais sofisticado’, mas na solução da questão de promoção da efetiva interação pedagógica que obviamente, passa por critérios de viabilidade, conveniência e custo-benefício.”

Para Lévy (2011), ao tratar do texto digitalizado que difere do texto impresso clássico, porque vai além do suporte estático do papel, a cultura do texto é elevada a um imenso desenvolvimento no novo espaço das comunicações das redes sociais. A nosso ver, o texto digitalizado ou impresso traz consigo a responsabilidade de gerar mais fontes de pesquisa e possibilidades que não se encerram no texto em si, mas na articulação que o tutor ou professor possa fazer intervir com os atores da leitura e os demais textos.

Portanto, um texto pode ser uno e múltiplo simultaneamente, no momento de turbilhões tecnológicos, onde cada participante do processo de escrita é autor ou editor potencial, ou na serenidade da tecnologia de um livro impresso em detrimento ao desempenho de um *tablete*, ou qualquer dispositivo eletrônico interativo e dinâmico, que faça do texto algo que movimente imagens e sons e não apenas imagens mentais. Assim, como nos filmes, nas exposições de arte, presenciais ou virtuais, nas imagens *lincadas* na tela, o texto elaborado faz-se presente e estimulante na sociedade, mas, nada está pronto, nada é receita infalível. Tudo vai depender de como esses textos serão trabalhados dentro da interação.

### **2.3. A FORMAÇÃO DO TUTOR**

Na literatura especializada, destacam-se diversos trabalhos que retratam a formação acadêmica e profissional dos professores que exercem a função de tutoria. A preocupação é mais do que relevante, ao passo que o simples transpor-se da sala de aula presencial para a sala virtual de aprendizagem não favorece, *a priori*, o bom desempenho do profissional.

Cursos de qualificação, de formação continuada e especializações são algumas das possibilidades do tutor estabelecer um diálogo entre o que sabe em termos de conteúdo e proposta do curso à maneira de possibilitar os resultados almejados pelas instituições, além de reconhecer quais são os caminhos mais viáveis no processo ensino-aprendizagem.

A formação se dá, na maioria das vezes, tendo como foco principal de ensino o domínio ou uso das tecnologias. Nota-se que o contato com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) nem sempre é tão facilitador, se o tutor não souber utilizar as ferramentas disponíveis pelo sistema. Saber utilizar as TICs, portanto, é um dos desafios do tutor. Questiona-se, no entanto, se o fato de dominar a utilização das tecnologias pode ser considerado como formação profissional.

Na experiência que se tem em tutoria, percebe-se que o domínio dos recursos tecnológicos é de extrema valia, porque viabiliza o contato que precisa ser estabelecido pelos pares e por todos os outros subsistemas que envolvem o processo, mas, observa-se que as questões de formação do tutor precisam ultrapassar tal ideia única e utilitarista do saber mexer com o ambiente virtual de aprendizagem. Ora designadas as tecnologias que sustentarão o projeto educacional, ora reconhecidas as tarefas e o material didático, resta ao tutor ser o agente das suas atitudes diante dos desafios que lhe são exigidos.

Estamos tratando de um mediador com funções de aproximar os sujeitos de conteúdos, e, por sua vez, estabelecer uma relação de informações que precisam ser trabalhadas para que o conhecimento se estabeleça. Mas, muitos ainda têm uma resistência profunda de conhecer maneiras diversificadas de executar as tarefas, de viabilizar o contato ou de fortalecer laços.

Para Costa (2008, p. 59) “A tutoria em EAD está diretamente relacionada com os valores educacionais professados pela instituição; pautados por eles e que trabalham seus docentes e administradores oferecendo aos alunos uma educação com características próprias.”.

Os valores educacionais supracitados ou as propostas estabelecidas no projeto político pedagógico institucional ou no planejamento de qualquer curso em EAD precisariam compor a formação dos tutores, portanto, tendo em vista que o tutor será o mediador de todo processo.

No entanto, é de suma importância flexibilizar a utilização dos manuais de tutoria, que estabelecem as funções e atuações do tutor. Porque, a prática de tutoria se depara com diversas possibilidades de mudanças que exigem do profissional lançar mão de soluções que nem sempre são as que estão nos manuais.

Um exemplo prático disso são as possíveis falhas no sistema. Um tutor não pode ficar preso ao ambiente que está fora do ar, no momento exato da recepção dos trabalhos. Uma data é estabelecida para a entrega dos trabalhos elaborados pelos cursistas; o sistema entra em manutenção forçada; o tutor deve avisar a coordenação sobre o problema técnico, mas precisa agilizar outra forma de receber os trabalhos, mesmo que o manual exija que esses sejam postados na plataforma de aprendizagem.

O skype pode ser ativado, o MSN pode servir de sala de bate-papo (chat), a rede social, face-book, pode contatar e avisar que os trabalhos podem ser enviados por e-mail. Isso não só garante a interação com o grupo, como evita posteriores atrasos no lançamento de notas, por exemplo. O problema é que a maioria dos cursos se valida do fechamento programado dos envios das atividades, sem muita flexibilidade e deixa pouco espaço para a interação em outro formato.

Nesse contexto, o tempo parece influenciar na prática docente ao mesmo passo que o perfil do aluno merece destaque nas atribuições que também precisa dominar para estudar nesta modalidade. Tanto o tutor, quanto o aluno estão vinculados aos prazos e normas que não são tão flexíveis e às competências bem delimitadas.

Ao tratar das competências essenciais para uma tutoria eficaz, O'Rourke estabelece quatro categorias gerais, a saber:

- competências de apoio: ajudar os alunos a lidarem com questões não relacionadas com o conteúdo, que possam afectar a sua aprendizagem
- competências de orientação: ajudar os alunos a compreender o conteúdo e a sua relação com os seus objectivos de aprendizagem.
- competências de capacitação: ajudar os alunos a desenvolverem e aplicarem processos de aprendizagem com eficiência.
- competências administrativas: servir de ligação entre os alunos e a administração em questões administrativas. (O'ROURKE, 2003, p.43)

Trata-se de uma educação com características próprias, que solicita uma formação com particularidades e um profissional com uma complexa gama de saberes

diferenciados e complementares que reconheça possibilidades de práticas e ações; e não de dificuldades de trabalho.

Os manuais mostram os caminhos e as competências a serem alcançadas, por tratar-se de um papel profissional ainda em construção. Cabe ao tutor estruturar-se na teoria e estudar meios que colaborem com o exercício da função, sem esquecer-se, no entanto, dos aspectos subjetivos que o compõem. Como afirma Costa (2008, p.115) “Se por um lado a EAD aproxima pessoas da construção do conhecimento, há que se perguntar como são formados os sujeitos nesta modalidade e ensino.”.

A aproximação geográfica, mesmo a distância, parece, para muitos, contraditória; mas, no decorrer o tempo, as fronteiras que impossibilitavam um aluno de cursar em outra cidade ou em outro Estado ou país são desterritorializadas mediante o avanço das tecnologias e das propostas de levar o conhecimento para todos que o desejarem. Possibilitar a inserção a cursos em EAD para todos os sujeitos implica em uma política educacional voltada para programas nesse formato.

Peixoto (2008, p.49) afirma que as TICs não podem ser reduzidas a instrumentos ou meios para transformação da prática, mas antes devem ser vistas como “objetos técnicos portadores de subjetividade”. Apropria-se de tal concepção, para ressaltar as relações entre tecnologia e educação, tutoria e sujeitos.

Sair da visão utilitarista, como ressalta a autora, promove a compreensão de quão é complexa a utilização dos objetos técnicos na educação e as relações intersubjetivas, inclusas nesses objetos e nas suas relações pedagógicas, sem dicotomizar o processo educativo em aspectos técnicos e pedagógicos.

O importante é salientar que o processo de formação de tutores, ou de todos os profissionais da Educação a Distância, é possibilitado com a abordagem apresentada, porque para melhorar a condução de programas de formação é necessário considerar os diversos níveis e dimensões de todo o processo educacional.

No Brasil, não há uma formação específica para profissionais em EAD, mas contamos com diversos cursos de especialização e cursos de extensão. A título de exemplo, retomamos a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) oferece o curso de Qualificação em Tutoria a Distância, voltado para 12 áreas de atuação. São elas: Antropologia, Arte e Comunicação, Biologia, Ciências Sociais, Prática Docente, Educação em Ciências,



Educação Especial e Inclusiva, Geociências, Governança: Gestão, Auditoria e Tecnologia da Informação, Informática Educativa, História, Letras e Química.

O curso possui uma parte teórica e outra prática. Na parte teórica, o cursista deve cumprir a carga horária de quatro semanas (30 horas) e no final, será aplicada uma avaliação a distância. Na segunda fase prática participam apenas os alunos selecionados que atingiram os objetivos a primeira fase e que são encaminhados para a prática de tutoria em disciplina de extensão na Fundação Cecierj, dentro de suas áreas de formação.

## 2.4. AVALIAÇÃO EM EAD

Preti (2008, p.4) questiona, quando trata da Educação a Distância “a quem cabe a responsabilidade da avaliação?”. Nota-se, na prática em tutoria e como aluna nos cursos em EAD, que a responsabilidade de avaliar os alunos é de responsabilidade do tutor. Provavelmente, como afirma Preti “a responsabilidade do processo avaliativo acaba sendo “delegada”, muitas vezes, ao tutor, pois é ele quem acompanha mais de perto o estudante ao longo do percurso da disciplina e/ou do curso.” (p.4).

Avaliar implica, a nosso ver, em participar do processo avaliativo, do outro e de si. Dependendo dos objetivos a serem atingidos, das ferramentas escolhidas para que sejam observadas e diagnosticadas as melhorias ou dificuldades dos alunos, o tutor faz da avaliação do outro e do processo geral um momento de autoavaliação.

Como afirma Saraiva (2005, p.03) “No caso da educação a distância, sua avaliação necessariamente deverá levar em conta sua estrutura as relações de sua estrutura com o contexto.” A presença os dados quantitativos é fundamental, segundo a autora, mas devem ser complementados por explicações que abrangem questões referentes a valores, percepções, motivações, intenções.

A avaliação como um dos princípios educativos, segundo Cortelazzo (2009, p.155), seguem as seguintes abordagens que se complementam: “[...] **formativa** e processual, ou seja, acontece ao longo do curso tendo em consideração o processo e o seu redirecionamento se necessário; e a **somativa** e pontual que acontece de tempos em tempos para medir o que já foi construído.” A autora ainda aponta que há três momentos da avaliação da aprendizagem: “o da autoavaliação, em que cada um dos

participantes olha para si mesmo e se avalia; o da coavaliação, em que os membros [...] se avaliam uns aos outros e o da heteroavaliação em que terceiros aplicam instrumentos de avaliação [...]”(p.155-156. Grifos do autor.)

Há uma visível ligação entre avaliação e tutoria, na modalidade a Distância, “[...] em que a metáfora a rede e a concepção de gestão sistêmicas são difusas. [...] Não há como dissociar a maneira como está organizado o sistema de acompanhamento do estudante do processo de avaliação.” (PRETI, 2008.p.2). Por sua vez, Formiga e Litto, ao tratarem a avaliação do aluno em EAD, afirmam:

[...] deve ser instrumento de apoio e contínua motivação necessária ao processo de construção do conhecimento. A avaliação neste cenário deixa de ser um termômetro para aferir o grau de conhecimento do aluno e passa a ser um instrumento para modificação de práticas, redefinição de estratégias de aprendizagens, re-planejamento de metas e objetivos, além de ser, também, um instrumento de inclusão, e não mais classificatório, restritivo e, muitas vezes, punitivo. (FORMIGA E LITTO, 2009, p.153)

O que os autores abordam sobre o aluno ser o sujeito do processo cognitivo, de ensino-aprendizagem, faz-nos refletir a respeito da noção explicitada de que no processo avaliativo em EAD, ou na modalidade presencial, precisa ter em seus fundamentos e critérios bem planejados e reiterada a preocupação com o que os autores chamam de “grau de educabilidade cognitiva”<sup>18</sup> do aluno. As avaliações partem da proposta filosófica da instituição e de onde se deseja chegar ao avaliar, mas os percalços e impossibilidades ainda são recorrentes nesse sentido e o tutor é sujeito do processo cognitivo também.

A avaliação não é o ponto central da nossa pesquisa, mas é uma das responsabilidades do tutor, por isso a preocupação em tratar sobre o tema. Os currículos, presos às suas disciplinas respectivas e dissociados dos outros currículos também precisam ser repensados, porque “Fragmentado em disciplinas, o currículo perde a visão de conjunto, dificulta o diálogo entre os saberes e causa o desinteresse dos estudantes pelos seus conteúdos.” (ALMEIDA et al., 2006, p.18)

---

<sup>18</sup>

(FORMIGA E LITTO, 2009, p.153)

## 2.5. ALGUMAS PESQUISAS SOBRE TUTORIA

No decorrer das leituras, propomo-nos selecionar mais alguns textos que abordam as questões sobre tutoria em EAD. Autores com diferentes pontos de partida auxiliam-nos no entendimento do que é ser tutor e contribuem para o desenvolvimento do nosso objeto de análise: a subjetividade.

Silva (2011, p.21) aborda a formação continuada oferecidas para profissionais da Universidade Aberta do Brasil, em um curso de Formação em Educação Continuada e a Distância oferecido pela Instituição, partindo da percepção dos tutores. A autora afirma: “Esses profissionais também são docentes e exercem sua prática pedagógica nessa modalidade, precisam dominar os recursos que as tecnologias de informação e comunicação oferecem.”. Nessa proposta, o curso é composto por um sistema de tutoria que compreende o acompanhamento pedagógico por tutores e professores autores que fazem conjuntamente o projeto do curso. Além de um tutor presencial e profissional de informática. “O trabalho do tutor dentro de um curso, seja esse de graduação ou não, deve ser previamente planejado e avaliado, o tutor deve gerir e manejar tudo o que diz respeito ao pólo e também ao atendimento com o aluno.” (p.40).

O grupo de tutores escolhidos por Silva é homogêneo, pois são todos tutores do mesmo curso, e no qual o pesquisador foi o mediador de uma conversa entre os tutores. O que difere da minha pesquisa, porque optei por tutores de cursos diferentes, para verificar o que é ser tutor. O que se aproxima do meu trabalho é que a pesquisadora trabalhou com algumas variáveis encontradas na fala dos tutores. Como o foco de pesquisa é o sujeito tutor, a proposta da autora corrobora com as questões de formação do profissional de EAD, da não estagnação profissional. “O tutor tem grande responsabilidade dentro da Educação a Distância” diz Silva (2011, p.81-82).

No decorrer da busca por pesquisas que tratassem do tutor, encontrei o trabalho de Furquim (2010) que traz o papel pedagógico do tutor em EAD, nas teses e dissertações desenvolvidas nos Programas de Pós-graduação do Brasil. Constata a autora que “é unânime a concepção e que este novo profissional da educação tem um perfil diferenciado, pois tem de deixar de lado a sala de aula tradicional para atuar em um cenário bastante dinâmico nos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa.”

(p.55). A pesquisa bibliométrica da autora enfoca os diversos trabalhos que ela encontrou sobre a temática tutoria, ressaltando a importância da pesquisa e divulgação científica que colabora com o desenvolvimento dos estudos na área de educação.

Furquim procurou as produções dos Programas de Pós-graduação e verificou que papel é atribuído ao tutor nas pesquisas de mestrado e doutorado. A relação encontrada com a minha pesquisa está no posicionamento dos autores estudados por Furquim no que tange a notável relevância e complexidade no papel de mediador que o tutor exerce na EAD.

Queiroz (2008, p.15) questiona se a formação de professores na EAD *on-line* tem um caráter interativo. O objetivo do seu trabalho, afirma, “[...] foi o de investigar se, no quadro atual da apropriação das TICs pela educação, a utilização dos canais comunicativos para o processo de interação entre professores e alunos nos cursos de formação de professores, visando a aprendizagem, tem tido sucesso.”. Tendo como foco o aluno a autora conclui que “Percebe-se que o aluno médio brasileiro – incluindo entre eles o professor em formação, público do curso que foi o campo empírico desta pesquisa –, ainda não possui o nível de autonomia desejado para estudar sozinho, ou na maioria das vezes só.” (p.91)

Embora enfoque o aluno, professor em formação, Queiroz traz em seu trabalho o professor como pesquisador de sua própria prática e inclui uma seção sobre a formação de tutores que me possibilitou perceber que as dificuldades iniciais de adaptação às tecnologias estão presentes nos primeiros contatos com cursos a distância.

Já as competências fundamentais requeridas ao tutor para atuar em programas de Educação a Distância mediados pela *internet* é o objetivo do estudo de Carvalho (2009, p.6). Segundo o autor “O papel do tutor é amplo, transcendendo as atividades usuais de um professor de ensino presencial [...] e de um monitor virtual. O tutor deve possuir competências específicas para exercer bem sua função dentro da EAD [...]”.(p.12).

Compreende Carvalho que são os tutores que mais se envolvem intensamente na experiência em EAD e na interação com os alunos, pensamento que dialoga com as observações que colhemos na nossa pesquisa.

Torres (2007p. 9) apresenta em sua tese uma análise da natureza do trabalho de tutoria, com base nas propostas teóricas e metodológicas da Ergonomia.

Segundo a autora o estudo apoiou-se na Análise Cognitiva de Trabalho –ACT, inspirada nos princípios da Análise Ergonômica do Trabalho- AET. Tal proposta “[..] tem como ponto central a interação entre indivíduos, o sistema de trabalho e o ambiente do sistema trabalho, por meio das suas atividades.” A relação homem trabalho destacada pela autora corrobora com as pesquisas sobre o papel do tutor e, por sua vez, do educador em uma sociedade marcada pela aceleração tecnológica e por paradigmas educacionais que co-existem.

Aponta uma questão interessante, quando diz que algumas instituições vêm a função do tutor como algo secundário, tendo em vista, segundo a autora, a crença de que a atividade de ensino nesta modalidade é exercida pelos materiais didáticos e pelas ações dos estudantes.

Da Costa (2008, p. 7) teve como objetivo principal do seu trabalho “[...] o desvelar das relações entre a formação do sujeito e o papel do professor-tutor, considerando o Projeto Pedagógico Institucional e o projeto pedagógicos dos cursos a distância [...]; Sob o ponto de vista da multirreferencialidade, o autor abrange as concepções antropológicas, gnosiológicas e política para tratar da formação do tutor. Da Costa está inserido na sua pesquisa como professor-tutor e procura refletir sobre os papéis e formação do tutor e o complexo quadro educativo da EAD. O referencial teórico escolhido pelo pesquisador é a Teoria da Complexidade, em Edgar Morin, o que se aproxima da minha proposta de pesquisa.

Por sua vez, Gonçalves (2011, p.13) explora “as concepções e o significado atribuído por tutores, com papel de mentores, às suas vivências, buscando compreender suas motivações, vicissitudes, recursos e transformações percebidas ao longo do tempo”. A autora traz o termo “Mentoring” e o relaciona a um modelo de ajuda no qual uma pessoa mais velha auxilia um jovem iniciante. Sob os conceitos da Psicologia Analítica, a autora estuda a temática com aos tutores do Programa de Tutoria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nas conclusões a que chegou a autora remete ao simbólico do “aluno interno ferido” (p.66) aquele que cura e tem as feridas as serem curadas.

A pesquisa de Gonçalves traz as vozes dos tutores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (FMUSP) e observa-se que o tutor oferece suporte pessoal, preocupa-se com o outro tal e qual os tutores do meu trabalho relatam.

Embora difira por serem tutores presenciais, aproxima-se, ao mesmo passo, no discurso dos tutores que a autora entrevistou, porque um dos pontos de destaque é uma das hipóteses levantadas na minha pesquisa: que o ser-tutor aproxima-se mais dos alunos do que o professor em sala de aula convencional.

Duarte (2008, p. 14) estudou as funções do tutor on-line no Curso Piloto de Administração de Empresas da Universidade Aberta do Brasil, cuja análise compõe “quatro categorias de tarefas exercidas pelo tutor *online*- **Pedagógica, Social, Gerencial e Suporte Técnico.**”<sup>19</sup>. Teve como fonte de pesquisa as mensagens dos respectivos tutores aos alunos do curso.

Um dos pontos que dialoga com as demais pesquisas é que o tutor não tem um papel meramente técnico e que a EAD exige uma postura diferente tanto por parte dos tutores, quanto por parte dos alunos. Ao traçar um paralelo de mudança do presencial para a distância, o autor diz que na sala de aula presencial as cadeiras são voltadas para o professor, as horas de aula são demarcadas de forma restrita, o que difere do ensino a distância que amplia o espaço geográfico e temporal; e, com isso, altera o papel dos tutores nos ambiente de aprendizagem *on-line*.

O estudo de Oliveira (2009, p.8) objetivou verificar qual a contribuição dos tutores na interatividade e da construção de vínculos afetivos, através da interface *fórum*. A autora afirma que a “Subjetividade na construção do sujeito em interação com o outro e com o mundo adotando atitudes de conformismo ou conformação.” (p.42). As categorias usadas na análise foram: valorização do outro, incentivo/elogio, abertura a novos questionamentos; uso de expressões padronizadas ou personalização das mensagens pelo tutor, demonstrando atenção individualizada aos alunos. Alguns desses pontos serão evidenciados nas análises das entrevistas que realizei.

Da Silva (2008. p.7) busca “[...] compreender como ocorre, a partir de processos de atribuição de significados, a construção de identidades individuais e coletivas dos sujeitos que atuam como tutores [...] na modalidade de Educação a Distância”. Apoiado na perspectiva fenomenológico-existencial trata do “ser-tutor”, dos papéis que desempenha dialeticamente com o mundo. Nessa perspectiva, o autor afirma ser necessária uma busca de uma formação e capacitação especializada, cada vez mais complexa, que exige múltiplas competências nas dimensões teóricas, metodológicas e

---

<sup>19</sup>

Grifos do autor

tecnológicas. Evidencio três categorias que denotam parte dos resultados encontrados pelo autor: O tutor em busca de si mesmo; A função social docente do tutor; A perspectiva da formação inicial e continuada do tutor.

Campos (2002, p. 8) aborda a subjetividade e trabalho docente em EAD, mais especificamente “A proposta é estudar a subjetividade implícita nas relações entre mudanças tecnológicas e organizacionais da educação a distância e as relações profissionais entre os sexos”. Segundo a autora, “No campo da educação a distância, o papel de mediação do professor entre os sujeitos do processo de conhecimento (alunos) e o objeto a conhecer (conteúdo) cresce em importância, pois ele deve estar atento ao ritmo de evolução das bases de informação.” (p.100). Um ponto extremamente relevante é a afirmação de que nos processos virtuais de educação, a atividade docente passa por uma decomposição em partes específicas, criando figuras com identidades recortadas.

As questões da subjetividade também estão fundamentadas em Mendonça (2008, p.6) que analisou a percepção de tutores e facilitadores sobre a Educação Permanente em Saúde e sobre suas atuações no processo de implementação dessa política. A autora afirma que “No modelo hegemônico, a subjetividade do profissional também é pouco valorizada no processo de trabalho. No entanto, as atitudes e decisões dos profissionais de saúde, por mais objetivas que sejam, não são desprovidas de sentimentos.”(p.18)

Iniciativas como a de Dotta (2009) são de grande valia para a pesquisa em geral. Objetivou contribuir com o desenvolvimento das bases teórico-metodológicas para a prática do diálogo a distância. Desenvolveu uma metodologia para a oferta de uma disciplina, com parte do conteúdo voltado para a formação de tutores para o diálogo virtual. Um software foi criado chamado Tutor em Rede, que viabilizou o contato do sujeito tutor monitorado pela pesquisadora. Segundo a autora, o uso das tecnologias digitais facilita a implementação de metodologias que auxiliem na organização e na construção do conhecimento não fragmentado, pois “vários campos do saber podem estar disponíveis para se compreender o funcionamento do mundo e se permitir aos indivíduos uma participação integral e integrada no fazer histórico.”. (DOTTA, 2009, p. 15). O que se nota nesta pesquisa, em especial, é que a autora acredita que os softwares disponíveis, como *fórum*, *chats*, *e-mail* etc., não foram criados com funções educacionais e, por isso, criou uma interface computacional mais

## CAPÍTULO IV

---

*Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele.*

*Edgar Morin*

### 4. ANÁLISE DA ENTREVISTAS

#### Tutor A

Antes de começar a análise desta entrevista em particular, gostaria de dizer que foi a segunda tentativa de entrevistá-la. Na primeira, a tutora demonstrou certo constrangimento diante do *skype*, nervosa, sorria muito e não conseguimos conversar. Decidimos, então, em conjunto, deixar para outro dia, quando se sentisse mais à vontade para falar. O respeito pelo outro sempre deve vir antes de qualquer proposta de trabalho e, acredito, que a compreensão do outro consigo mesmo, de saber de si, das possibilidades e impossibilidades de seu momento, tem de ser respeitada. A atitude de mudança de pensamento começa também com a minha compreensão de saber que o momento não era apenas meu, como entrevistadora, eu era o “outro” na vida deste sujeito; e a aproximação e o afeto, se deram no perceber-me naquele sujeito.

#### Ponto 1:

*Meu nome é Cristina do Nascimento e sou formada em Educação Artística, quer dizer, eu sou professora de arte e tenho um mestrado em Engenharia de Produção, na área de mídia e conhecimento. Atualmente, só tô trabalhando lá como tutora a distância da UAB. Lá, nós temos, eu acho que é geral né? Assim, nós temos tutores a distância, presencial de monografia e de moodle. Deve ter mais algumas coisas, que eu não lembro agora. Quer dizer então eu só posso falar pelo que entendi, como é que eu cumpro aquelas normas do que seriam de um tutor.*

A tutora possibilita a sua própria inserção no universo que conhece em EAD e fala pelo que entende dessa modalidade. Por estar inserido, o sujeito fala do que conhece, do que entende daquele objeto que observa, em uma relação de saber do que se trata e, no caso em destaque, trata de cumprir as normas do curso.



**Ponto 2:**

*Tentei, naquele dia... Bom eu acho que vou comparar com a minha área que é de Artes. Daí, eu pensei assim... Bom...Eu comparo como se fosse um trabalho realizado numa peça teatral. Os atores são os alunos e professores; os nossos coordenadores, os diretores; e nós tutores a distância, eu sou tutor, a distância, por isso eu posso falar, nós somos os que trabalham nos bastidores, só que nós não somos aqueles que trabalham, aqueles que abrem a cortina, que cuidam da iluminação ou que cuidam do som, dos figurinos, dos cenários. Nós não somos nenhum daqueles ali. Mas, só que a gente cuida de todos ao mesmo tempo com todas essas atividades juntas, pra que elas não estejam sendo realizadas de acordo e que não no tempo certo pra que a peça tenha sucesso.*

Aproximar-se da sua área de formação foi o caminho escolhido pela tutora para responder a questão norteadora da pesquisa. Tentou falar no primeiro momento de contato, mas não se sentiu confiante em fazê-lo; agora, no entanto, ao relacionar à sua formação em Artes, penso eu, afastando-se da tutoria, pode falar mais sobre o assunto que domina.

Compara a sua atuação como tutora ao atuar em uma peça de teatro. Onde há elementos que fazem cada qual a sua função. Embora o todo fique disjunto nas atribuições, ao final da conclusão ela os agrega no cerne da função do tutor, que é a de cuidar de todas as outras atividades juntas. Não reduz, sistematiza e evidencia, neste recorte, o princípio hologramático: “em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte.” (MORIN, 2008a, p. 94)

**Tutor B**

O professor Marcelo, formado em Assistência Social, é tutor no curso de Gestão Pública.

**Ponto 1:**

*A experiência em ser tutor para mim está sendo muito boa, muito gratificante, uma experiência nova para quem trabalha na parte apenas no presencial e tem essa experiência do EAD, a distância, traz novos conhecimentos, traz uma experiência*

*também, porque você tem que estar bem mais atualizado, lê bastante.*

O entrevistado separa em duas partes, a presencial e a distância. Dois momentos distintos de trabalho. A mudança que acarreta uma nova experiência traz a possibilidade de novos conhecimentos, é muito boa e gratificante. O fato de ter de estar bem mais atualizado é o ponto que destaque deste trecho.

**Ponto 2:**

*Tem a discussão da questão do presencial com os cursos a distância, tem aquela intrigazinha. Mas, para mim particularmente já vai fazer um ano que estou nessa experiência de EAD e está sendo muito gratificante trabalhar, interagir com outras áreas... Onde eu estou tem mais três cursos envolvidos, há troca de experiência interdisciplinar ali e nessa área eu aprendi que tem que tá muito ali., interagindo muito com os tutores presenciais.*

A adversidade entre as duas modalidades, ou do que criam alguns sobre o tema, vem explicitado com os termos “discussão” e “intrigazinha”. E o tutor escolhe qual lado lhe é particularmente mais gratificante e exigente, no que tange ter de estar muito ali, mas que encontrou a interação com outros tutores, em específico com tutores presenciais.

O fazer das disciplinas, compartimentos, talvez o incomodasse no presencial e na EAD há troca de experiência interdisciplinar o que lhe agrada.

As questões de compartimentar o conhecimento em disciplinas soltas uma das outras acarretam a disjunção desses saberes. O ensino parcelado atrofia.<sup>20</sup>

**Ponto 3:**

*Tem que estar sempre passando informações precisas para eles no momento que está tendo a vídeo aula, tem que estar atento também a vídeo aula do que o professor está pedindo, o que o professor deseja naquele momento que seja passado e eles precisam dessas informações que a gente.. como a vídeo aula.. o centro é aqui junto de nós, então a gente tem que estar passado essa informação, o professor está pedindo que abaixe*

---

<sup>20</sup> “A atitude de contextualizar e globalizar é uma qualidade fundamental do espírito humano que o ensino parcelado atrofia [...]” (MORIN, 2002, p.18)

*um vídeo agora e a gente tem que tá passando pros tutores presenciais todas essas informações, que eles não tem no momento, e eles também informando a gente o que eles precisam, se é preciso fazer uma atividade agora ou não é. Então essa troca com eles é muito importante no momento da vídeo aula e durante a semana como a UAB. Aqui a gente tem que estar presente todos os dias no pólo. Então a gente acaba durante a semana trocando mais experiências com eles, com os professores também[...]*

O “ter que” passou-me a ideia de obrigação, mas, de certa forma, isso se torna parte das atividades voluntariamente. O tutor tem bem delineadas as suas funções junto aos professores e nas questões técnicas. Tem de sempre passar as informações, tem de estar presente, todos os dias da semana no pólo. E a troca com os outros se dá por conta dessa interação permanente. O sistema o sujeita, enquanto ele como sujeito autônomo nas suas ações objeta-se para ser parte deste sistema.

#### **Ponto 4:**

*Às vezes, no decorrer da semana ... Ele diz,... - Encontrei um texto legal, tem como postar isso no moodle? Aí, a gente.. o tutor vai... o tutor de moodle vai, posta aquele texto que os alunos terão acesso.E a questão dos conceitos também é uma experiência nova para quem vem do presencial de sala de aula, depara muito com conceitos de média e número e até conceito. [...] Quanto que vale P, quanto é que vale um E, quanto que vale um S, então você acaba aprendendo também a fazer a conversão de medições e hoje já é tranquilo a gente já sabe décor, quanto é que vale o quê, e as provas também. Uma vez o aluno mandou um e-mail dizendo: - Ah! Quanto é que vale esse meu P? Ai, eu: - Nós não trabalhamos com conceito, então o P é pro eficiente, então você tá bem, se você tirasse um I aí já ia ficar ruim, né? Como diz aqui, já fica ligado! Quando tirar um I fica ligado que não tá bem!*

As avaliações, neste curso especificamente, fazem o tutor ficar surpreso e aprende a fazer a conversão de medições. No ensino presencial, segundo o entrevistado, a nota se dá de forma diferente com média, números e conceitos. Aprender a lidar com a conversão é problemática para os alunos também, conforme o diálogo que ele apresenta, o aluno preocupa-se com a verificação das notas, entra em contato com o tutor, dialoga sobre o que ignora. Há interação e preocupação em estar indo bem no curso.

**Ponto 5:**

*Então, essa é a questão de trabalhar conceito, é uma experiência tranquila, mas só que os alunos principalmente os da pós.. de Gestão Pública ..é de Pós graduação em Gestão Pública eles não acostumados com essa, com esse tipo de conversão de médias [...] eles estranham também, os tipos de provas , os alunos, por incrível que pareça os alunos de EAD eles tem uns 30, 40% tem dificuldade em leituras, já passaram por graduação, já fizeram monografia [...] Então, nós temos professores, a gente sempre pede para eles as questões da prova, serem mistas, tem professor que tem opção de fazer duas questões, três, mas que tenha uma dissertativa para eles, para os alunos treinarem essa questão do português. Nós nem corrigimos, nós nem observamos muito essa questão do português, o professor mais de conteúdo que faz essa parte, mas a gente observa muito os erros e a dificuldades na leitura e os acessos também, como pra eles acham que ser aluno de EAD não precisa acessar a principal ferramenta de trabalhos deles que é o, a plataforma de estudo...*

Continuando a questão de avaliação o tutor explicita que as provas também geram estranhamento nos alunos, principalmente nos alunos da Pós-graduação, porque eles têm dificuldades de escrita. Solicita, então o tutor que sejam elaboradas provas mista para que o aluno treine em questões também discursivas. O papel do tutor não é corrigir, mas sim atentar para as dificuldades do “outro” e a seu acesso na principal ferramenta de trabalho que é a plataforma.

Esse estranhamento causado pelo tipo de nota ou modelo de prova e o fato de precisar lidar com o ambiente virtual é causado pela mudança de postura diante do novo. O não saber quanto vale um “P” pode ter causado no aluno uma sensação de desconforto, gera que se autoavalia negativamente, sem ter alguma diretriz concreta ou estar certo disso, enquanto não desfaz a sensação da incerteza. O tutor, por sua vez, já aprendeu a dar conceitos às letras, por isso não se espanta mais.

**Ponto 6:**

*[...] minha ferramenta de trabalho também é fazer essa interação com os alunos, mandar mensagem vê como eles estão, ver como desempenho deles, então eu particularmente optei por sempre esta mandando mensagem alertando aluno[...]*

A noção de ferramenta como suporte técnico e estratégico vem à tona com a plataforma, anteriormente apontada, e na função de mandar mensagens. A sistematização permite que o tutor veja a interação como um ponto do seu trabalho que pertence ao todo, assim como a plataforma é uma ferramenta de interação, a própria interação é uma ferramenta auxiliada pela plataforma.

**Ponto 7:**

*Muitos alunos, dizem “Ou! Valeu por ter me lembrado, nem lembrava que tinha essa atividade pendente”. Aí, eles vão e fazem a atividade. A partir do momento que eu optei por esta estratégia, de alertar os alunos, eu tive um bom retorno, porque as atividades ultimamente todos estão fazendo. No pólo que eu tô, eu até me surpreendi, até falei com meu colega de trabalho, “oh eu to tendo retorno, todos dessa unidade fizeram a atividade, não deixaram de fazer. Ai eu, ai quando fecha a disciplina ai eu mando lá Oh! Você teve tantos acessos, eu faço uma média de acesso, e digo pra ele, você teve tantos por cento de acesso e o seu conceito de acesso foi eficiente, pro eficiente, dependendo do percentual que eu verifiquei ali [...]*

Neste ponto, observa-se o resultado do empenho que o tutor acredita. Sua estratégia dá certo, ele se surpreende e o retorno vem com a mudança de comportamento dos alunos em relação às atividades. O seu comportamento também muda, porque dá seguimento a estratégia com o *feedback* aos alunos. Nesse ciclo recursivo, as estratégias viram resultados e os resultados viram estratégias, sem desligarem-se. O aluno posta as atividades, ganha notas; o tutor posta mensagens, ganha-se satisfação.

**Ponto 8:**

*Então, EAD quando eu, quando recebi a proposta trabalhar, eu disse: “Nossa! O que será isso?” Eu já vinha de um curso presencial a onde já estava tendo este questionamento do curso a distância, da qualificação, da qualidade do curso a distância, a briga do presencial com a distância. Aí, já fica com o pé meio atrás assim né? O que será esse curso a distancia? Aí, me surpreendi a questão que, no a distância, me trouxe essa visão do aluno procurar cada vez mais, mais informação e esta muito bem atualizado [...]*

A dúvida inicial do que se tratava essa modalidade desconhecida, faz o tutor questionar se havia qualidade desses cursos, percebia uma “briga” entre o presencial e a distância e se surpreende ao entrar no processo, porque tem a visão de que no a distância o aluno procura cada vez mais informações e estar atualizado lhe parece necessário neste âmbito educacional.

**Ponto 9:**

*Hoje, minha esposa faz curso a distância e eu ainda incentivo e ela faz pedagogia e eu sempre cobro a leitura dela, “lê bastante, procura bastante os textos que os professores enviarem para que você leia” “leia bastante!”. E o presencial não. A própria sala é muito expeça, a gente não conseguia ler até o final da unidade, era muito texto para copiar, para pegar na Xerox, e a gente acumulava muito texto e não tinha tempo de ler e no não presencial você tem que estudar cinquenta mais um, tem sempre que estar um passo a frente e traz mais informações mais conteúdo e também faz com que você adquira o hábito da leitura e também até treine mais a sua leitura, fica mais atento.*

Traça novamente um paralelo comparativo entre o ensino presencial e o a distância. Traz o exemplo do “outro” que se insere agora nesse contexto, e o orienta no ambiente familiar a ler mais, porque na EAD precisa ler mais que no presencial. Subentende-se que o presencial exigia um número quantitativo de textos, que nem eram lidos, e a função qualitativa de ler era deixada de lado. Na EAD você lê mais, segundo o entrevistado, mas isso não é sobrepeso de cópias e, sim, promoção do hábito de leitura. Um processo de mudança de pensamento, no qual ele não diminui o quantitativo a ser lido, pelo contrário o aumenta, mas reforça que o qualitativo também é ampliado.

**Ponto 10:**

*Então, hoje a minha experiência na EAD é uma experiência muito boa, gostei.  
Este projeto da UAB federal abriu os olhos dos concorrentes das universidades particulares que também começaram investir nessas áreas, aqui tem uma unidade da Estácio que também, que organizou a outra, a UNISUL que é uma outra universidade particular, a UNIVALE. São as 3 grandes aqui a Estácio, a UNIVALE e a UNISUL, também investiram*

*bastante nos cursos a distância e fizeram toda uma reforma na questão de curso a distância implantando novos cursos, então, eles viram que o mercado, nessa área o mercado é promissor[...]*

A relação da EAD inserida em um mercado promissor aparece a primeira vez nos relatos dos tutores. O trecho traz a reforma como ponto selecionado. Algumas instituições de ensino fizeram reformas para incluir-se nessa fatia de mercado concorrente. O que se percebe é que o tutor vê um caminho de investimento e isso influencia no futuro de algo ainda no início.

**Ponto 11:**

*[...] e no último seminário nós vimos que o EAD não iniciou só agora, já me lembra do tele curso, as aulas do telecurso muitas vezes eu assistia aula, gostava da aula de história, de filosofia do telecurso, então já vem um tempão essas aulas, então você via também, mas só hoje que houve assim um bum!!! Para o pessoal se interessar mais, o instituto brasileiro também tinha né, esses cursos a distância, mas não era tão, com avanço da tecnologia ficou melhor com a internet. Enfim, a internet 1990, parece que faz séculos, mas foi em 1990, a gente não tinha internet, eu me lembro quando começou o curso de informática da escola técnica, era quase um vestibular, eu fiz, eu fui fazer, vamos ver em que bicho vai dar. Consegui uma vaga, quando eu me sentei na frente do computador foi uma novidade e pô, era daqueles computadores antigão ainda, meu estagio foi, na informática...*

Um aspecto da formação continuada dos tutores aparece neste trecho. O seminários ofertados pela instituição, supõe-se, mostraram o caminho percorrido ou o avanço que as tecnologias propiciaram. Ele percebe que a EAD não começou apenas agora, e nesse recorte de lembranças, vem de longe com os telecursos, com o Instituto Universal Brasileiro. E que o advento da internet, na sua vida, surgiu com um curso de informática da escola técnica. “Quase um vestibular”, ele destaca, com computadores antigos. Poderíamos sugerir que receio do novo o impulsiona quando diz “vamos ver que bicho vai dar”.

**Ponto 12:**

*[...] nessa questão em estar interagindo com a informativa e eu vejo que a tendência é crescer muito mais, daqui mais uns 10 anos eu acho que vai expandir cada vez mais e hoje as escolas mais avançadas, particulares- o governo não investe né... Mas as particulares já estão.*

*E hoje eu tava, é eu sempre assisto, domingo de manhã, por incrível que pareça é o único horário da manhã que passa os melhores programas. Eu assisto aqueles programas cedo, globo ecologia. E uma reportagem sobre o curso a distância que os alunos já estão usando o tablet em sala de aula, o quadro todo digital, então [...] as escolas públicas vão demorar bastante para chegar nesse nível, mas acredito que com o tempo, também o governo federal vai investir mais nessa área, já começou de cima para baixo, em vez de começar da base, começou de cima, toda aquela pirâmide errada, mas acredito que futuramente os cursos em EAD vão estar mais para o pessoal da base também né, ensino médio, ensino fundamental. [...] Eu espero ter contribuído para a sua pesquisa, sou assistente social formado, trabalho na área de pesquisa, sou pesquisador, adoro pesquisa. Então, tá no sangue. Quem não gosta de pesquisa? ...enriquece bastante e esse contato é bom.*

Destaco alguns pontos desse trecho: As expectativas do tutor em relação a EAD; o fato do governo investir primeiramente no topo da pirâmide apontada pelo tutor e o seu gosto pela pesquisa.

As tecnologias se modificam com uma velocidade surpreendente e o investimento nos cursos a distância acompanham esse processo. Mas, o investimento acontece no presencial, também, supõe-se. Segundo o entrevistado, as instituições particulares investem mais que o governo. Mas, o investimento federal já começa a aparecer nas graduações e pós-graduações; deveria ser pela base, sugere o tutor. Na questão da hierarquia, supostamente encontrada neste trecho, falo da organização do ensino em setores que se mostram em uma escada bem delimitada, mas que parecem estar desvinculados até nas propostas de investimentos elencadas pelo tutor.

No que tange à pesquisa, na ordem da fala, a tem como função e faz dela parte de si, quando se objeta e quando a traz para dentro do seu corpo, ao dizer: “trabalho com pesquisa”, “sou pesquisador” e “está no sangue”. Aproximam-se sujeito e indivíduo.



## Tutor C

O tutor Gustavo tem como formação inicial engenharia de produção.

### Ponto único:

*Ta! Eu acho que o ensino, a educação a distância é uma coisa nova que ta surgindo agora. Nossa cultura não é voltada para a educação a distância, a gente trabalha com ensino presencial, sempre trabalhou, e eu acredito que é uma experiência pra todo mundo que está nesse ramo. E eu acho que a maior dificuldade dessa questão a distância é realmente você conseguir conquistar e sensibilizar a pessoa que está nesse processo de educação, que está nesse processo de aprendizagem. E conseguir se conscientizar que depende muito mais dele do que do professor ou que do tutor presencial e do tutor a distância. Eu acredito que por ser uma coisa nova a gente ainda não tem certeza de onde vai chegar e o que que vai acontecer com isso. Mas, o que é ser tutor na Educação a Distância é você se superar, e você conseguir romper esses limites e essas barreiras do novo, e tentar fazer com que esse algo novo possa ser algo que dê certo no futuro.*

O breve depoimento do tutor traz alguns pontos que destaco: a EAD como algo novo. O tutor acredita que é uma experiência nova para todos, pois a nossa cultura não está acostumada com a Educação a Distância. Vê como dificuldade maior o conquistar quem está neste contexto educacional. E sensibilizar quem está no processo de aprendizagem depende muito mais dele próprio, no caso o aluno, supõe-se, do que do professor ou tutor presencial ou a distância. O “isso” remeteu-me a ideia do objeto, como se a EAD fosse algo ainda sem definição, tal e qual, a não certeza no que vai acontecer, o referente passa a dar lugar a algo sem nome, sem definição: “isso”.

Ao definir o que é ser tutor na Educação a Distância, insere a figura do tutor como alguém que precisa romper os limites do novo para futuramente esse algo possa dar certo. Não é agora, o fazer agora e possibilitar a conquista do “outro”, pareceu-me mais a preocupação em se adequar primeiro no âmbito que ainda lhe é novo demais para dar certo.

## **Tutor D**

O tutor, a seguir, foi aluno e tutor do curso de Leitura e Formação de leitores do CECIERJ. Sua formação inicial em Práticas de psicomotricidade e pós-graduação em Educação e reeducação psicomotora. Pós-graduado em Literatura Infantil e Juvenil pela UFF.

### **Ponto 1:**

*Eu sou professor. Sou tutor em uma turma de um curso de Leitura e Formação de Leitores [...]. Eu já sou tutor há dois anos e eu, atualmente, encaminho e acompanho quatro turmas de professores.*

O primeiro fragmento da fala do entrevistado fez-me refletir sobre a escolha da ordem dos termos: professor e tutor. As atribuições que se encerram na vida profissional com papéis bem definidos e fragmentados de atuação, o ser-tutor se ampara na sua função inicial de ser professor e, logo após, se reconhece como tutor no contexto de uma turma de um curso específico. Delimita o tempo de atuação e trata das funções que exerce.

Morin (2007b, p.6) afirma que “A complexidade surge, é verdade, lá onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si, tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento.” Nota-se que ao definir a nomenclatura da sua função profissional, Sou tutor, esclarece essa função, logo após percorrer a função anterior que parece ser disjunta da atual.

Parece que há a questão da identidade em um diálogo entre o Eu-professor, Eu-tutor, Eu-eu mesmo. Ao mesmo tempo em que o tutor delimita a sua função atual, não a descola da anterior, mas se objeta nesse recorte funcional ao se definir em relação a esses papéis. O que se diz é que é capaz de se considerar sujeito que exerce a função e como componente da EAD.

### **Ponto 2:**

*[...]ser tutor para mim, primeiro, é um grande prazer. Falando pessoalmente é algo que me agrada bastante lidar com essa modalidade que, até a algum tempo atrás, eu praticamente não conhecia e me surpreendi a partir do momento que tomei*

*contato com a plataforma, com a sala de aula e fui percebendo a riqueza de recursos e de possibilidades que nós temos de, efetivamente, estabelecer uma relação num nível virtual, mas que favorece e empreende aprendizagem.*

.A relação com o acaso, o conhecer uma modalidade de ensino que favorece e empreende aprendizagem, numa relação virtual, segundo o tutor, parece-nos que causou surpresa no contato com coisas desconhecidas, *a priori*, e o prazer de se aprender algo. Há contato com o desconhecido e, rapidamente, a desordem inicial causada pela surpresa dá lugar ao prazer do conforto. Reforma no pensamento, que, no início assombra, mas que lhe gera prazer ao perceber que tem a possibilidade de utilizar os recursos disponíveis e, a partir deles, estabelecer uma relação que favorece a aprendizagem. O termo “efetivamente” aparece em outros momentos da entrevista, o que sugere talvez um traço da fala do sujeito, ou algo para marcar objetivamente o que fala, como se precisasse da concretude no nível virtual.

### **Ponto 3:**

*[...] E a sala em si tem as ferramentas e não é uma dificuldade maior, não. Acho que a própria prática, a gente vai aprendendo a desempenhar o uso dessas ferramentas. O ensaio e erro e observação. E também as trocas que nós temos com outros tutores ou mesmo com aqueles que nos acompanham... é... Os próprios alunos por vezes que têm experiências muito ricas, que acabam, por muitas vezes, nos ajudando com algumas dicas na utilização de ferramentas.*

Falava o tutor, no trecho destacado anteriormente, Ponto 2, do prazer de descobrir os recursos da EaD e da possibilidade de relacionar-se virtualmente e passa a falar, como num salto, da sala ter ferramentas e essas não seriam uma dificuldade maior. Preocupado em explicar que o caráter utilitário de saber usar as ferramentas disponíveis.

Destaca-se também é relação inicial com o “outro”, na troca experiências com outros tutores e com os alunos. O outro é objetivado, enquanto reconhecido como sujeito. Mas, é reconhecida sua subjetividade, na valoração das experiências e colaboração. E, também, na relação consigo mesmo, na construção do seu conhecimento, no aprender a desempenhar o uso das ferramentas e através do método,

conforme suas palavras: “*ensaio e erro e observação.*”. Um sistema retroalimenta-se recursivamente com as decisões subjetivas dialógicas do desejar refazer, do voltar a observar e do errar para acertar.

A ferramenta e o ferramenteiro, em ambos os pontos a recursão “[...] em que cada momento do turbilhão é, ao mesmo tempo, produto e produtor”. (MORIN,2007b, p.74).

#### **Ponto 4:**

*[...] eu acredito bastante no ensino a distância e a utilização da internet como essa grande ferramenta. Porque, a gente vence distâncias, efetivamente.*

O depoimento do tutor demonstra algo que é muito abordado na temática Educação a Distância: a própria noção de distância. Neste contexto a modalidade é sempre muito criticada por distanciar os pares, por inviabilizar o aprendizado e, ainda, os currículos, mesmo quando são idênticos aos do curso presencial são questionados. E o tutor vem dizer ao contrário disso tudo, porque enfatiza que diante do que acredita no ensino a distância as distâncias são vencidas.

#### **Ponto 5:**

*Eu percebi que fui encontrando e desenvolvendo um estilo bastante pessoal dentro da minha forma de ser, de pensar, de sentir junto às turmas que eu acompanho... é... uma grande dificuldade a gente imaginar que tem uma outra pessoa do outro lado, com uma carga de expectativas, de anseios, de dificuldades, de necessidades, de sonhos; assim como, nós também temos, mas, que no dia a dia, dá aula, às vezes, duas, às vezes, três escolas é imensa.*

O tutor percebe o seu estilo pessoal sendo desenvolvido na sua forma de ser, de pensar, de sentir junto às turmas que acompanha. O ‘Eu’ subjetivo dando forma ao seu “eu” objetivo que ocupa um espaço novo, que precisa alterar alguns pontos do seu fazer pedagógico diante do ambiente e nas reações com as turmas que acompanham. Lado a lado, mas interligados os sujeitos se auxiliam. A relação com o outro se reflete como em um espelho, onde tutor ao mesmo passo que sente a dificuldade de ser o outro,

ou imaginá-lo, por ser o seu próprio sujeito, simpatiza-se com o que do outro reflete de si. O “outro” tem *“uma carga de expectativas, de anseios, de dificuldades, de necessidades, de sonhos, assim como, nós também temos, mas [é professor] dá aula, às vezes, duas, às vezes, três escolas, é imensa.”*

“O outro significa, ao mesmo tempo, semelhante e dessemelhante [...] O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. [...] O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza aberto e fechado.” “Na intersubjetividade produz-se a convivência” (MORIN,2007c, p.77-78).

#### **Ponto 6:**

*[...]eu tento me fazer presente e compor com essas pessoas de forma que elas sintam assim: “Caramba! Eu não tô sozinha.*

Chamou-me a atenção o trecho. A condição de sujeito comporta, ao mesmo tempo que o princípio de exclusão, um princípio de inclusão; [...] Enfim, por apego intersubjetivo [...] o sujeito pode, por amor, dedicar-se a outro[...].” (MORIN, 2007a, p. 76). Tentar ou desejar fazer-se presente e compor em parceria esta presença com o outro demonstra que o “Eu” sujeito subjetivo e o “eu” sujeito objetivo abriu espaço para o “Nós” também subjetivo e objetivo.

#### **Ponto 7:**

*A imensa maioria dos cursistas que eu acompanho é mulher. A maioria esmagadora e que a gente sabe que muito além das atribuições profissionais, né? Ela tem as tarefas em casa junto a família e, aí, é um desafio muito grande, porque a gente vê a ansiedade que algumas ficam de dar conta de entregar nos prazos as tarefas que são propostas, de fazer da melhor maneira possível essas tarefas com qualidade.*

A relação gênero/ participação social e os espaços ainda delimitados pela diferença de sexos acompanha uma discussão sobre os papéis sociais que fazem parte do universo feminino. O tutor alega que a maioria dos cursistas é do sexo feminino, que além das tarefas dos cursos, assiste as atividades domésticas, ao mesmo tempo, que fica diante das atribuições profissionais. E nesse contexto, o tutor afirma retoricamente o saber disso por parte do todo social. Nessas questões, Morin (2007c, p.82) afirma que

“As culturas estabelecem, fixam, mantêm e amplificam uma diferenciação entre homens e mulheres em papéis sociais, especializando-os nas tarefas cotidianas; sobredeterminam as diferenças psicológicas.” A preocupação com as atribuições de suas cursistas além ambiente de aprendizagem faz com que o tutor vivencie as suas aflições e ansiedades, o que nos permite observar que vai além do simples saber que acontece. Porque, nosso referencial permite perceber que “Há intimidade extraordinária na diferença irreduzível e, enfim, há presença, escondida, recalcada ou invisível, do outro sexo no interior de cada um.” ( p.84).

### **Ponto 8:**

Ao tratar do seu papel, ou atribuições de tutoria, ele delimita:

*E o nosso papel ... é... um, eu acho que é dar segurança a essas pessoas; fazer com que elas percebam que podem contar efetivamente comigo. Esse contar não é mero discurso; isso não é retórica não. E criar um canal de escuta, porque se a pessoa se sentir presa ou muito solta, muito livre, ela pode caminhar com a autonomia que tem, mas também, muitas vezes, pode ...é... Desandar essa relação com o curso [...]. eu chego a mandar mensagens para todos, alunos dentro de um recurso que o AVA moodle possibilita, ainda que eles não sejam diretamente tutoriados por mim ou tutelados do por mim[...]*

*Meu papel, especificamente, é lembrar os prazos os alunos, chamar a atenção para que eles possam ver as observações de seus colegas e, com isso, se desejarem interagir ou aprender com outras colocações diferenciadas; é dar algum retorno da postagem desse aluno, seja uma saudação, parabenizando...[...] mesmo até pedindo que refaça a postagem, por vezes, ela não está adequada com a preposição feita pela professora conteudista.*

Dar segurança e criar um canal de escuta possibilita, segundo o tutor, um caminho para que o aluno não se afaste do curso caso não tenha a autonomia esperada para essa modalidade de ensino. Cabe-nos refletir sobre a questão de autonomia que precisa ser acompanhada de perto por um canal comunicativo, de certa forma, regulador. Sentir-se “*presa ou muito solta, livre*” suscitou a percepção de um estado de verdade estabelecido pelas sensações. “Pertencço a verdade que tenho.” (MORIN, 2008, p.145). “A qualidade de sujeito garante a autonomia do indivíduo. Contudo, este pode ser submetido” [...] Assim, os sujeito (no sentido autônomo do termo) pode tornar-se

sujeito (no sentido dependente do termo) quando o Superego Estado, Pátria, Deus ou Chefe [tutor, canal de escuta, curso etc.] prepondera dentro do programa de inclusão[...]”(MORIN, 2008, p.79).

O tutor, em mais uma das suas funções, é responsável pela nota do aluno e segue critérios pré-definidos de avaliação. Participa do processo de valia das postagens dos alunos, saudando-os e parabenizando-os pelo esforço e, pedindo que refaça as atividades que não estão de acordo com a proposta do curso.

### **Ponto 9:**

*[...] vão acontecendo situações em que a gente acaba perdendo esse aluno, esse cursista, e é tudo na verdade que a gente não deseja. Pelo menos o curso que participo, eu acredito muito que ele foi muito bem elaborado e é um curso que realmente vale a pena e a gente quer muito que as pessoas possam se beneficiar, também. Claro que existe o livre arbítrio e cada um faz a medida das reais possibilidades, mas é... Eu tenho conseguido junto com os outros companheiros tutores a gente tem conseguido uma troca muito grande porque nós conversamos[...]*

No seguimento, vejo explicitada a questão de indivíduo e sujeito pertencentes a um grupo. A perda parece não ser o desejo desse grupo, e para isso querem muito que todos sejam beneficiados. Uma permuta, talvez, e várias vias de acolhimento para que se mantenham parte e todo ao mesmo tempo.

A individualidade, proferida no todo que a retroalimenta, é validada e observada pelo tutor. Ele insere o aluno ao grupo e o põe em destaque respeitando a sua individualidade. Percebo que situa o sujeito por vezes excluído, por vezes incluído, sem, ao mesmo tempo, ser considerado algo fora do contexto que se apresenta. Retoma-se Morin (2008) quando trata das identidades biológica e cultural que o ser humano apresenta. Múltiplo e uno, simultaneamente, o ser humano é e está, nas identidades citadas, por isso, pertence e não-pertence, também de forma simultânea a outros sistemas que lhe circundam.

As escolhas do sujeito, seu livre arbítrio, sua unidade e seu pertencimento nas diversidades que apresenta e lhe são apresentadas pelo grupo, lhe pertencem e não ao mesmo tempo, porque nem sempre o desempenho dos alunos nas atividades é de seu próprio controle. Por vezes, alguns fatores externos e internos o prejudicam; enquanto

outros fatores o auxiliam. A subjetividade se constitui nas relações interpessoais, tutor/aluno, e por influência dessas relações pode ter o desempenho esperado ou não. “Esta subjetividade permite ou obstrui o desenvolvimento e o crescimento pessoal.” (ALMEIDA et.al., 2006, p.13-14)

**Ponto 10:**

*[...] o propósito da gente não é estabelecer meramente uma comparação entre um e outro, mas é um apanhado em geral das postagens dos cursistas e uma nota que seja condizente com o empenho dele e com o que ele apresentou. Sabendo aí que a diferenças individuais, nós temos pessoas no curso com doutorado em andamento, com mestrado, outras estão retomando os estudos depois de anos parados. Então a gente não quer assim simplesmente fazer um processo seletivo e comparativo entre as pessoas, a gente tenta ou pelo menos eu tento olhar para esse indivíduo é com uma particularização sobre o seu crescimento e sua produção a partir da mediação que estabeleço com ele. [...]*

Evidencia-se a noção de individualidade e particularização do sujeito, no destaque. O tutor, através da mediação, tenta doar seu olhar para o “outro”, para o crescimento e para o que produz esse “nós”, também, porque se estabelece nessa relação uma ligação ou religação do “EUS” e “eus” de ambas as partes. Contextualiza e globaliza, ao passo que individualiza e media para que o outro que existe em si “cresça”.

**Tutor E**

A tutora Lívia também foi aluna e tutora do curso de Leitura e Formação de leitores do CECIERJ. Tem como formação inicial o curso de Letras- Português Literatura e mestrado em Literatura Infantil.

**Ponto 1:**

*Primeiramente, eu não tinha experiência nenhuma com a EaD...né... Eu só tive mesmo contato com a tutoria formação de leitores como aluna, e também em um curso que eu fiz*



*sobre inteligência como aluna. E como aluna, esse papel de ser aluna de EaD, fez com que eu visse algo muito interessante: como um meio consegue..é... interagir às vezes com maior facilidade, até mesmo com o próprio tutor.*

Observam-se no depoimento da tutora vários pontos pertinentes ao nosso estudo. A entrevistada diz que não tinha experiência anterior com EAD e descreve as relações ou papéis bem definidos, ora como aluna, ora como tutora, que se misturam no decorrer do texto.

O trecho em destaque aflora a questão da interação. Questiona-se a tutora como pode um meio pode fazer a interação, até mesmo com o próprio tutor. Subentende-se que neste recorte ela compara a EAD com outros meios de interação e que, às vezes com mais facilidade, a EAD proporciona uma maior interação.

## **Ponto 2:**

*Porque dentro de sala de aula, às vezes, a timidez ou embaraço de expor alguma opinião diante da turma e achar que aquela opinião fica meio sem nexos, sem coerência ali dentro traz um pouco de timidez.*

Percebe-se que, sob a ótica da entrevistada, supostamente, a EaD corrobora para que a timidez ou embaraço destacados não sejam barreiras de interação. Enquanto que a EAD se apresenta como uma via de interação mais facilitadora; dentro da sala de aula, provavelmente presencial, às vezes, a timidez ou o embaraço podem ser obstáculos para que a comunicação se estabeleça diante de um grupo. Acostumou-se tanto a ter de estar certo que o incerto causa embaraço. O medo de dizer algo errado, sem coerência, sem nexos, para alguém, gera sentimentos de medo, de inferioridade diante da opinião alheia, em um ciclo que a incerteza gera desconforto e vice-versa.

Questiona-se, no entanto, se as fronteiras espaciais e/ou temporais inibem a exposição dos sentimentos, porque o indivíduo exposto a um ambiente físico à presença de outros indivíduos pode sentir um desconforto momentâneo de uma forma mais observável; ao passo que, os mesmos sentimentos ainda permanecem no indivíduo em um ambiente a distância dificultando o acesso aos *chats*, videoconferências, ao e-mail

ou a qualquer meio que quebre o espaço/tempo, assíncrono ou não, e que façam esse sujeito sentir-se pressionado a interagir.

**Ponto 3:**

*Aí, eu passei a conhecer esse outro papel, esse outro lado, que é você interagir, é sair da condição de única com o seu tutor, porque é uma coisa meio que parece uma aula particular, e agora você acaba na verdade cuidando de uma turma com 30, 60 alunos e ter que gerenciar tudo isso de forma individual, mas ao mesmo tempo trazendo conteúdo sempre em voga para que não saia do que está programado.*

Quando se percebe aluna e, posteriormente, tutora em um curso de EAD, a entrevistada apresenta os aspectos da relação consigo e com o “outro”. Enquanto aluna, sentia-se única em relação ao tutor, o que lhe parecia uma aula particular; enquanto tutora, percebeu-se gerenciando um grupo com especificidades em suas individualidades, como se ela reproduzisse a aula particular, mas, um grupo que precisa ser dirigido sob a base do programa curricular.

Neste ponto, pensamos “A noção de hierarquia comporta duas significações: uma remete às relações de dominação/subordinação entre grupos, classes, castas, indivíduos; a outra remete à integração de níveis de organizações superpostas.” (MORIN, 2007c, p,188). O sujeito aluno vê na figura do professor alguém que lhe fornece a aula particular; o tutor vê-se gerenciando cada sujeito e o grupo. Hierarquicamente, divididos os papéis, ambos os sujeitos seguem as formatações do projeto, os objetivos a serem alcançados etc. e voltam-se as relações perenes de dominação/subordinação. Ora sou aluno, ora sou tutor; ora aprendo, ora ensino; ora domino o conteúdo; ora o conteúdo me domina.

**Ponto 4:**

*O ser tutor, pelo que eu percebi, na minha percepção, requer uma disciplina grande, em tentar lidar com essas individualidades, mas ao mesmo tempo lidando com a questão do sistema que é coletivo.*

No individual e o coletivo, mais uma vez apontados pela tutora, vê-se as relações de consciência em relação a sua função de tutoria. “A consciência permite não somente a reflexão do espírito sobre todas as coisas e a vigilância crítica, mas também a

mediação”. (MORIN, 2007c, p.112). O ser-tutor consciente do papel que exerce, reflete sobre a concepção de ser tutor, sobre o seu fazer pedagógico. Tenta lidar com as individualidades e com o coletivo e, para isso, conta com a disciplina como ponto de apoio. Vê que ser tutor precisa da disciplina, é seu metaponto da crítica e, ao mesmo passo, que afasta os extremos individualidade/coletivo, os aproxima na função de tentar lidar com essa realidade, como se precisasse perceber que ambos juntos precisam ser o seu ponto de equilíbrio para lidar com as situações. Percebe o uno e o múltiplo, individual e coletivo, separados e juntos ao mesmo tempo, mediados por uma função que exige disciplina.

### **Ponto 5:**

*Então, é uma experiência muito marcante e engrandecedora, porque ser professor numa sala de aula pressupõe-se que aquele conhecimento, tá sendo, recebido de uma forma passiva, única; ser tutor é você tratar o mesmo conhecimento mas de forma... Diversificada sobre esse conhecimento. É mais individual, mas ao mesmo tempo mais íntimo. Você vai construindo o conhecimento. Eu acho que a grande questão é construir e não transmitir um conhecimento e achar que todo mundo vai adquirir da mesma forma. E essa liberdade, que eu percebia como aluna de EaD, eu consegui perceber também nos meus alunos, que eles têm maior liberdade de perguntar, às vezes perguntas que parecem ser banais acabam tomando uma certa importância dentro desse contexto e estimulando a questionar questões mais relevantes que talvez uma sala de aula a timidez ou embaraço pudessem também distanciar deste conhecimento mais aprofundado.*

A tutora diz que a experiência é muito marcante e engrandecedora e explica que ser professor numa aula presencial pressupõe que o conhecimento é recebido de forma passiva, e que todos o recebem da mesma forma; enquanto que ser tutor o mesmo conhecimento é tratado de forma diversificada, por ser mais individual e ao mesmo tempo mais íntimo, com mais liberdade para os alunos perguntarem. Nesse paralelo entre o presencial e o a distância ao tratar a forma que esse conhecimento é viabilizado, o que sugere a tutora é que na EAD o conhecimento é construído com a interação, por isso é mais aprofundado, e no presencial o conhecimento é transmitido. E que a educação a Distância dá liberdade de questionar, enquanto que na educação presencial a timidez pode ser um dos fatores que distanciam da construção do conhecimento.

O termo “engrandecedora” levou-me a supor que a experiência a fez mudar de um modo para outro de pensamento. Um pensamento antes e um depois da participação em EAD. Ela parece não permanecer fechada no local e no específico ao mesmo tempo que define as particularidades de cada modalidade.

Não se sabe ao certo se é possível ordenar se esta ou aquela modalidade faz o conhecimento ficar mais aprofundado. É possível dizer que a maneira mais distante da EAD se apresentar ao aluno seja via de aproximação; assim como, a presença física seja motivo de afastamento. E dizer o contrário disso também, de forma que alguns poderiam discordar do tutor. Lidamos com faces antagônicas e, ao mesmo tempo complementares, que coexistem, presença e ausência, aproximação e afastamento.

**Ponto 6:**

*Eu acredito que ser tutora é tentar estimular justamente os nossos alunos a aprofundarem conhecimentos e colocar como relevante qualquer questão, não achar assim, não banalizar. É mais ou menos isso. Eu não posso dizer que sou uma... que tenho essa experiência de seis meses como tutora; a percepção é pequena com relação a outros tutores que trabalham a mais tempo, mas na experiência eu consegui ver como os dois lados, um como aluna, outro como tutora. Eu acredito que seja mais ou menos isso um conhecimento mais íntimo, mais individualista que estimula aprofundar de forma mais construtiva esse conhecimento e não de modo passivo.*

A entrevistada trás da sua experiência como aluna em EAD a preocupação com a forma que o aluno lida em sala de aula presencial e virtual. Penso, não é possível dizer ao certo, que parte dos receios que a afligem sobre a timidez compõe o que a incomodaram ou incomodam na sua própria experiência como aluna. Os papéis se misturam e a tutora decide estimular o conhecimento do seu aluno a partir de si. Posso sugerir que uma análise mais profunda da questão poderia levar ao afeto, no sentido de ser afetado por algo, se reconhecer no que afeta “outro” e tentar que esse “outro”, que se torna uma relação de um “Nós”, não passe pelo mesmo embaraço. A afetividade apresentar-se-ia, então, no processo da sua realidade vivida.

## Tutor F

O tutor André é Mestre em Educação, com formação inicial em Letras Português- Literatura. Também aluno-tutor do curso de Leitura e Formação de Leitores.

### Ponto 1:

*Inicialmente falar um pouco da minha formação, é a minha formação é na área de letras Português Literatura, me formei pela Unigranrio em 2000, fiz especialização em Língua Portuguesa também pela Unigranrio, aí comecei uma especialização na Uerj acabei trancando, comecei um mestrado na UFF em 2003, aí tranquei, mas retomei o mestrado no ano de 2008 na UERJ, na faculdade de Educação da Baixada Fluminense, e trabalhei com “discurso em relação ao conflito com a lei”, então a questão da subjetividade também se fez presente no meu trabalho. Posteriormente me inseri um pouco no ensino a distância, comecei a estudar um pouco o ensino a distância, justamente por ser a tendência importante que vem acontecendo e fiz os cursos do CEDERJ, primeiros cursos a distância que fiz, e recebi o convite para ser tutor em dado momento, então é uma novidade, a gente sempre tá acostumado muito com a questão do professor presencial, a gente participar ali, face a face, e essa modalidade eu achei bem interessante, gostei muito, então a experiência como tutor para mim, foi bastante rica, justamente por tentar superar as dificuldades na falta do face a face,[...]*

O tutor fala da sua trajetória acadêmica e da sua inserção no ensino a distância. Destaco que o entrevistado caracteriza a EAD como uma tendência que vem crescendo e que lhe é uma novidade. Como sugere, o tutor está acostumado ao ensino presencial e achou a modalidade bem interessante, por conta da tentativa de superar as dificuldades na falta da presença física, face a face, faz a experiência de tutoria ser bastante rica.

### Ponto 2:

*[...] então o que eu considero como tutor, o tutor na verdade é um grande facilitador, o ensino a distancia ta característico de construir a autonomia desse discente por meio do incentivo que a gente proporciona, por meio das questões que se*

*levantam e o aluno tem que construir seus caminhos, então o nosso papel é o papel de direcionador, direciona a discussões, encaminha e promove, e com isso esse aluno vai construir seu conhecimento, então acho que esse é o papel mais importante naquele momento, entender como isso funcionou, em primeiro momento é uma coisa muito nova, mas a medida que a gente vai trabalhando, vai dando continuidade a essas questões, isso vai acontecendo e foi uma experiência bastante rica, então os resultados foram muito bons, e tentar entender como é que eles constroem a leitura, basicamente porque o curso força uma leitura, como é que desempenha a leitura, como é que eles se apropriam dessas discussões e como que eles ponham essas discussões em prática, então essa experiência foi bastante rica, justamente por conta em você proporcionar autonomia na construção desse conhecimento, bom eu acho que basicamente foi esse momento que eu trabalhei que eu achei mais interessante.*

As questões que afloram na fala do tutor englobam o papel que exerce como grande facilitador, direcionador, daquele que encaminha e promove, proporciona autonomia na construção de conhecimento. A relação com o aluno se dá na nessas funções de fazer com que o aluno construa o conhecimento a partir do trabalho inicial do tutor, ao direcionar, e entender como o aluno vai se apropriando das discussões, das leituras e do colocar em prática o que é discutido.

Uma experiência rica, novamente, segundo o entrevistado, porque trata-se de algo novo que vai sendo trabalhado, e garante resultados bons. Uma construção gradativa na qual o tutor promove autonomia do “outro”.

### **Ponto 3:**

*Eu acho também é que na formação do tutor esses tutores generalistas que também é o grande problema, que é aquele que se preocupa somente com a questão da do uso das TICs, na verdade se for pensar num ensino presencial, aquela didática, e a didática por si só, não é suficiente, então a formação tutor, tem que ser alinhada com a própria formação desse professor enquanto tutor, então no caso da leitura e formação de leitores, os tutores, o que eu percebi, o que facilitou muito é essa nossa formação inicial, justamente por você ter tutores que são envolvidos com a área de letras, e mexe processo de leitura, isso é um grande facilitador, o que na verdade o que nós fizemos foi adequação, daquilo que nós temos como carga de formação com conhecimento, e aplicação*

*para outra modalidade em si e com a questão do uso das TICs, ou seja, foi só a gente expandir um pouco nosso conhecimento, e usar outras ferramentas, para poder fazer com que esse conhecimento fosse construído, é de fato se você tentar trabalhar o tutor como generalista ele se torna um problema, e a gente vira um mero repetidor de ferramenta e é esse o conceito que eu acho bem bacana, eu vi isso na UERJ, a questão da racionalidade técnica, ou seja, didática só é suficiente quando se precisa de algo mais e Eu acho que essa questão do tutor é o algo mais que o tutor tem para poder fazer com que o efeito do curso seja satisfatório, seja positivo.*

Fala da formação de tutores e inclui o termo “tutor generalista” para definir os profissionais que se preocupam apenas com a utilização das TICs. Compara com o ensino presencial com a didática que por si só não é suficiente. Alega que o fato da formação inicial ser coerente com o curso em que trabalhou possibilitou uma expansão no conhecimento, porque houve uma adequação do que já tinha de conhecimento da área de formação à modalidade e à utilização das TICs. A crítica evidenciada ao tutor generalista corrobora para a sua própria maneira de ser tutor, porque, aprendeu, segundo ele na UERJ, que a racionalidade técnica torna o sujeito um mero repetidor de ferramenta.

#### **Ponto 4:**

*“Eu acho que a gente tem que saber explorar aquilo que é oferecido, a tecnologia está presente, ela existe e se a gente fecha os olhos para isso, a gente acaba estagnando né, o próprio processo de construção, então eu acho que isso é importante sim, a gente saber explorar, e eu vejo que o uso tanto do skype, do msn que se usava antes, do próprio facebook, é o que a gente consegue manter a interação, justamente por conta da tecnologia, os alunos dominam essa tecnologia e se nós professores tutores não dominamos, a gente tá defasado em relação a essa construção coletiva, por que se tem uma parte que consegue fazer isso, e uma parte tão importante é aquele que conduz as discussões e não se apropria disso, a gente acaba perdendo espaço, então eu acho que é um ponto bastante positivo e o uso do skype ou do facebook né, nos trabalhos que a gente vem desenvolvendo, é uma forma da gente se aproximar mais e poder dar uma atividade a todo esse processo.”*

Nesse trecho, o tutor ressalta a necessidade de não estagnação, o quanto é importante não fechar os olhos para as tecnologias presentes e explorá-las para o próprio processo de construção. A interação, outro ponto destacado, é mantida pelas tecnologias que se fazem presente na EAD e, se dominadas pelos alunos, o professor não pode ficar aquém desse domínio, porque ficaria defasado em relação a construção coletiva, perderia espaço nas discussões. Reafirma que o uso das tecnologias, do *skype* *face book*, no trabalho que faz, é uma forma de aproximação e de dar atividade a todo o processo.

Chamou-me a atenção os termos “não ficar pra trás”. A própria noção de formação continuada fica evidente na declaração do tutor. O aluno está inserido nas tecnologias, ou grande parte dos alunos está, e o tutor ou professor que não se adéqua fica pra trás no diálogo tanto com as tecnologias quanto com o próprio aluno. Nesse contexto tecnológico, a construção coletiva é um ponto de destaque. A interação possibilita que o tutor faça o seu trabalho e encontre no aluno o seu par de trabalho, que dialóga, que troca informações, mediado pelas discussões que o tutor explora, e mediados pelas TICs que lhes aproxima.

## **Tutor G**

A tutora seguinte tem formação inicial em Letras- Português/Inglês. Atua no Projeto Pré- vestibular Social (PVS) do CEDERJ - CECIERJ. Não utilizava o *skype*, como outros tutores aqui mencionados, mas instalou o programa para realizar a entrevista. Um dos problemas que encontramos nesta entrevista, especificamente, foi a baixa velocidade que a internet discada oferece.

### **Ponto único:**

*“Primeiramente eu sou Juliana Lobo, tutora do pré-vestibular social da fundação CEDERJ e entrei no Pré-vestibular Social em março do ano passado no regime presencial e este ano eu atuo exclusivamente na modalidade a distância com a língua inglesa. Os alunos ligam para gente através do 0800 2820636, tiram dúvidas sobre os conteúdos das apostilas e a gente também produz material pro site do pré, exercícios para simulado, vídeos, uma produção coletiva com cinco integrantes. E para mim ser tutora do inglês no PVS é vencer a*



*distância dos meus alunos; não só os dos pólos de Itaboraí e São Gonçalo os quais eu sou responsável mas também dos lugares mais distantes como Barra do Pirai, Bom Jesus do itabapuana, São João de Meriti, entre outros eu me vejo como uma participante importante na rotina de estudo dos alunos. E eu fico a disposição de uma as cinco nessa sala especial da fundação CEDERJ, no atendimento telefônico e para dar suporte a esse atendimento a gente tem o sistema online 0800 ( ) é no site lá a gente acessa e pode recuperar o histórico de ligação por aluno e ter controle dessas dificuldades que eles apresentam sobre as apostilas através do contato no telefone ou seja a tutoria a distância ela oferece a dificuldade de a gente não poder ver pela feição do aluno se ele tem dificuldade em determinada coisa não tem essa vantagem visual mas por outro lado tem os outros recursos como e-mail, rede sociais, e até mesmo o contato telefônico semanal, através dele eu acho que a gente consegue sim como tutor ser uma espécie de diferencial na rotina de estudo dos alunos, então a minha experiência tem sido desafiadora mais muito agradável também claro que as vezes com alguns probleminhas de comunicação por causa de conexão, la também cai e tudo mais, mas tem sido bem gratificante também.”*

Segundo a tutora, atuou em diferentes modalidades de EAD, no curso de Pré-vestibular Social. Primeiramente em regime semipresencial e, atualmente, a distância. Neste contexto, suas atribuições diferem dos tutores analisados até o momento, porque ela além das atribuições já destacadas por outros colegas de profissão, tem como funções a produção de material. O diferencial também se encontra na forma de interação com os alunos, via telefone. A ligação gratuita colabora para que os alunos entrem em contato, supõe-se.

Considera que ser tutora é vencer a distância e se vê como participante importante da rotina de estudos dos alunos. Tem o controle da participação dos alunos pelo acesso às ligações recebidas e, com isso, é possível saber quais as principais dúvidas que apresentam. Diz que a tutoria a distância apresenta a dificuldade de não ver pela “feição” do aluno e ele tem dificuldade em alguma coisa, que falta a vantagem do visual, mas que os recursos tecnológicos auxiliam para que o tutor seja uma espécie de diferencial no cotidiano do aluno. Fala das dificuldades de comunicação que ocorrem pela baixa conexão e que é gratificante trabalhar como tutora.

A preocupação em olhar o aluno, em ver se há algo no seu rosto que demonstre alguma dificuldade no conteúdo, parece-me bem evidente.

### **Tutor H**

A tutora Luciana é formada em Letras- Português/ Inglês. Trabalha no Pré-vestibular Social do CEDERJ- CECIERJ.

#### **Ponto 1:**

*“Tutoria pra mim é ser mediadora entre a instituição que eu to trabalhando com os alunos, então assim é... É fazer o mesmo papel de professor, na verdade eu não faço distinção entre tutor e professor, ta? Eu acho que os dois são a mesma coisa, então na minha condição de tutora ali, a distância é fazer com que o aluno tenha, alcance o objetivo dele, né... Então, é assim, ele quer passar no vestibular eu vou ta mediando né... Fazendo essa ponte de conhecimento para que ele possa conseguir o objetivo dele de passar no vestibular , ter uma boa nota na língua estrangeira que é obrigatório, para o vestibular é obrigatório. Então assim, é basicamente dessa forma, Nadia, que eu vejo a tutoria.”*

Define tutoria como ser mediadora e não distingue o papel de tutor ou professor. Para a tutora, ambos são a mesma coisa. Está inserida na Instituição na condição de tutora e tem como função mediar, fazer ponte entre o aluno e o objetivo dele que é passar no vestibular.

#### **Ponto 2:**

*“A gente tem uma equipe lá, toda voltada, com material preparado pra eles, né então é de fazer essa ponte mesmo de levar o conhecimento da Língua Inglesa para aqueles que não têm ou para aqueles que já tiveram o conhecimento da língua, porque muitos são oriundos de instituições públicas aqui no Rio né, das instituições estaduais e federais, mas na federal eles têm um ensino um pouquinho melhor, mas no estado eles têm a língua como optativa no ensino médio, e ai acaba se divergindo um pouco do que é cobrado no vestibular, porque no vestibular é optativo que ele escolha uma língua, mas que ele tem que optar por uma. No Estado não, eles tem a opção de não fazer a língua estrangeira. Então assim, acaba não dialogando muito bem com a documentação que é pedida.*

*Assim que os alunos têm que, na verdade como se fosse aquela coisa do currículo mínimo, a documentação que é enviada para instituição para a formação, é dessa forma.”*

Aqui a tutora trata das questões de discrepância no ensino público. Diz que no Federal, o ensino é um pouquinho melhor. Mas, nota-se que a sua preocupação principal é com o aluno, a quem tem de mediar.

**Ponto 3:**

*“Mas é por isso que eu não tenho muita experiência em tutoria a distância, porque como eu ti falei esse é o primeiro ano, embora ano passado eu já era tutora a distância, mas era diferente como eu tava presencial no pólo, eu me focava muito mais no pólo e quase os alunos não ligavam né, e como esse ano também não tem ligado muito, não tem enviado emails, eu acho que eles temem um pouquinho a língua estrangeira e o ensino a distância, até porque, o foco e a habilidade é outra né, um inglês instrumental, focado na leitura. Então, assim, eles acham que vão ter que falar na língua estrangeira com a gente o inglês ou espanhol, e é algo assim que a gente vai tentando desmistificar. Mas ainda é complicado para eles, ele não consegue, “Ah! Eu não consigo falar aquela palavra e como é que eu vou ligar para perguntar?”*

*Então eu trabalho dessa forma com eles, eu falo para eles me dizerem a página, então eu vou tendo contato com eles por email, e vou falando: “Olha, vocês podem ligar, fala a página, parágrafo, conta linha” Não precisa falar a palavra em si, por que talvez não saiba a pronuncia né? Para que possam alcançar o objetivo de conseguir ler, interpretar e responder as questões, e é isso.”*

Já neste ponto, fala que os alunos não têm ligado, nem enviado e-mail e que no ensino a distância o foco e a habilidade é outra, e seus alunos têm receio de que terão de falar no idioma que estudam no Pré-vestibular Social. E ela tenta desmistificar isso disponibilizando outra forma de diálogo.

**Ponto 4:**

*“Eu acho que em sala de aula é constrangedor, mas como você tá ali sempre com eles, eles acabam pegando uma confiança aí não temem tanto, o problema é que quando tá a distância que ele não conhece a sua cara, a gente agora a partir de junho que vai começar a fazer a vídeo conferência,*

*fazer, tentar da uma cara de plataforma nesse ensino a distância que ainda só é conhecido a distância por não estar próximo né, é essa a ideia, não é a distância como é a modalidade, o gênero de Educação a Distância.*

*Então, é dessa forma, então a gente tá batalhando para ver se melhora um pouquinho isso, quem sabe com os vídeos né, vão ser postados lá na página do pré vestibular social, eles possam conhecer a nossa cara e ficar mais a vontade né, se sentir um pouquinho mais próximo.”*

Fala do constrangimento que pode ocorrer também na sala de aula presencial, mas que a presença acaba trazendo confiança. A noção de distância é evidenciada pela tutora, não trata do modelo em EAD, mas da distância física, da impossibilidade de ver, mas que a proposta é dar uma “cara” de plataforma neste formato específico de curso. A plataforma, pelo que se entende, tem foto, tem caminhos de interação como as videoconferências o que se supõe aproximar mais os alunos do tutor e vice-versa.

#### **Ponto 5:**

*“Nós temos turma de 1 a 6, elas são numeradas de 1 a 6, elas são por faixa etária então a turma 1 são dos 17 anos até os 20 mais ou menos, a turma 6 já é bem de idosos, é uma turma bem nivelada, a gente pega várias idades, 30,40 anos, pessoas com 60 anos, as turmas são separadas e niveladas, só não é nivelada no conhecimento e nem na habilidade de língua estrangeira né, de leitura, eles são bem, é uma turma bem heterogenia, são diversificadas, mas de idade não, eles são separados até por conta disso, pra evitar mesmo o constrangimento, uma pessoa mais idosa, ela presta atenção mais na aula, mas ela tem dificuldade de entender, de raciocinar o assunto abordado, os jovens eles já tem aquela facilidade, mas não param quietos, conversam muito então, justamente as turmas são niveladas por esse motivo. Eles não têm uma plataforma por que isso é uma coisa nova que ta tendo agora como essa educação a distância no CEDERJ né, funciona para todas as disciplinas, tanto português, biologia e a química, física, todos eles utilizam a mesma coisa, menos o email que a gente de língua estrangeira ta fazendo agora e a questão da foto eu até tentei utilizar, a gente usa o gmail, que da pra botar foto, mas só os alunos que possuem o email do gmail que conseguem ver a nossa cara né, quem não tem só mesmo escuta a voz virtual, que são as vozes ai escritas, que é o que a gente tenta passar para eles.”*

Um caminho a percorrer, uma proposta inovadora ainda em construção, inserida na proposta de EAD que para tutora também é algo novo na sua realidade de trabalho, por conta de não terem uma nova plataforma específica neste curso. O que se destaca é que todos os pontos abordados pela professora levam a crer que aproximar aluno e professor é o ponto-chave para que os objetivos sejam alcançados. Seja em sala de aula presencial ou na plataforma, o ver a “cara”, o ouvir a voz, aproxima. As queixas pertencentes também ao presencial, como as dificuldades de turmas heterogêneas quando a idade, o medo de falar e estar errado, estão presentes no relato da tutora.

## **Tutora H**

Professora Cristiane Marcelino é formada em matemática, atua no Consórcio CEDERJ na disciplina de Informática na Educação. A tutora não utilizava o recurso do *skype* e teve de instalá-lo exclusivamente para a entrevista, como a maioria dos tutores entrevistados. Tivemos alguns problemas técnicos por conta da baixa conexão; por parte minha, da entrevistadora, o local onde eu estava não tinha banda larga e apenas um horário fora disponibilizado pela tutora e pouco tempo para a entrevista.

### **Ponto único:**

*“Meu nome Cristina Marcelino, minha formação inicial é, eu sou professora de matemática. formei pela Universidade Federal Rural de matemática, mas eu tenho um pezinho na informática por conta do meu ensino médio, porque eu fiz eletrônica, eu trabalhava com manutenção de computador. Quando cheguei na universidade o bichinho da educação me pegou e acabei partindo para educação, caminhava comigo por conta da eletrônica. Então, eu estava acostumada utilizar em sala de aula com meus alunos e tal, e eu sou de uma época durante minha formação, de uma época web 1.0 no momento que você tinha muita dificuldade de ser autor, de colocar material na internet, poucas pessoas tinham e-mail. Enfim, virei orientadora tecnológica e depois fui convidada para ser tutora presencial do CEDERJ e aí nessa tutoria presencial do CEDERJ, e com o tempo, da mudança da web 1.0 para a web 2.0 de a gente já ter a possibilidade de ser autor, de mandar mensagem pela internet. A internet hoje como um ambiente virtual que eu me descobri como tutora, como é que eu vejo o*

*tutor na EAD, como quem faz os cursos, como quem da aula utiliza a internet como ambiente virtual de aprendizagem. Então, eu vejo hoje a questão do tutor da EAD, mas como tutora só velar de longe se a pessoa pedir auxílio, mas aquela que media e fica ali provocando o aluno. Mesmo porque a minha relação hoje com a EAD, não aquela EAD passiva, mas o que a gente chama hoje de educação online, aonde o cara vai rakear o material da internet, ele utiliza o material da internet, ele é autor ele é coautor, ele produz as coisas, ele socializa as coisas, e o que a gente chamava de tutor, que a gente agora chama de docente online tem papel importante nessa mediação, na “auxiliação” e na provocação para que o ensino-aprendizagem ocorra.”*

O relato da tutora foi relativamente curto, por conta do tempo disponível, mas traz um diferencial o termo “docente on-line”. Os demais tutores falam da sua formação anterior até chegarem à atual, porém, a tutora em questão fala como se evoluísse a sua formação juntamente com a tecnologia que acompanha e trata das propostas de inovação que cada tecnologia aponta contextualizando a sua inserção no momento passivo da EAD e no de agora. Da internet disponível antes até a de hoje, o processo mudou muito. A noção de autor acompanhou isso, “é coautor, produz as coisas”. O tutor provoca, media, auxilia.

#### **4.1. RESULTADO GERAL**

As análises supracitadas, uma a uma, foram à luz do referencial teórico e com base nos pontos-chaves ressaltados pelos tutores. Os traços característicos de cada fala dos tutores foram respeitados e explicitados na íntegra por tratarem-se da história oral desses tutores, suas vivências e expectativas em relação ao seu trabalho diante do cenário da EAD, para conhecermos o que pensam e elaboram sobre o ser tutor em diretrizes e funções que relacionaram nas entrevistas.

Os quadros abaixo demonstram os pontos destacados nas análises das entrevistas, para compor um resultado geral sobre o que pensam os tutores sobre o que é ser tutor em EAD e suas reflexões sobre a modalidade na qual trabalham:

**Quadro 1**

Tutor A
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência inicial em EAD</li> <li>• Cumprir normas</li> <li>• Conforto ao aproximar-se o “ser-tutor” à área de formação</li> <li>• O tutor cuida de todas as atividades EAD juntas.</li> </ul>

**Quadro 2**

Tutor B
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência inicial em EAD: nova e gratificante</li> <li>• EAD e presencial como pontos distintos de ação docente</li> <li>• Tem de estar mais atualizado na EAD</li> <li>• Interage com os tutores presenciais</li> <li>• Interdisciplinaridade</li> <li>• Há preocupação por parte do aluno em relação às avaliações</li> <li>• Funções do tutor: ficar atento às dificuldades dos alunos e ao acesso à plataforma; mandar mensagens.</li> <li>• Plataforma como meio de interação</li> <li>• Na EAD o aluno procura cada vez mais informações</li> <li>• Necessidade de atualização constante e Formação continuada</li> <li>• Na EAD há promoção da Leitura</li> <li>• As Instituições particulares investem mais que o Governo</li> <li>• Tendência a crescer</li> </ul>

**Quadro 3**

Tutor C
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A EAD como algo novo.</li> <li>• Nossa cultura não está acostumada com a Educação a Distância.</li> <li>• Dificuldade maior o conquistar quem está neste contexto educacional.</li> </ul>

- Depende muito mais do aluno, supõe-se, do que do professor ou tutor presencial ou a distância.
- Ser tutor na Educação a Distância é romper os limites do novo para futuramente esse algo possa dar certo.

#### Quadro 4

Tutor D
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência inicial em EAD</li> <li>• Professor e tutor, duas nomenclaturas.</li> <li>• Aproximação tutor e aluno: mensagens</li> <li>• A EAD favorece e apreende a aprendizagem</li> <li>• Reforma no pensamento</li> <li>• Saber usar as ferramentas disponíveis</li> <li>• Na EAD se vence distâncias</li> <li>• Avaliação</li> <li>• Papel principal: dar segurança aos alunos</li> </ul>

#### Quadro 5

Tutor E
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência inicial em EAD: Engrandecedora</li> <li>• EAD proporciona mais interação</li> <li>• Função: gerenciar de forma mais individual, estimular.</li> <li>• Requer disciplina</li> <li>• Na EAD o conhecimento é construído e não recebido passivamente</li> <li>• Conhecimento mais íntimo, individualista que estimula de forma construtiva esse conhecimento.</li> </ul>



**Quadro 6**

Tutor F
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência prévia em EAD: experiência rica.</li> <li>• A EAD é uma tendência que vem crescendo</li> <li>• Desafio: superar a falta de presença física</li> <li>• Função: facilitador, direcionador, encaminhar e promover, proporcionar autonomia na construção do conhecimento.</li> <li>• Didática por si só não é suficiente; tanto no presencial, quanto na EAD</li> <li>• A racionalidade técnica torna o sujeito um mero repetidor de ferramenta</li> <li>• Formação continuada- não estagnação</li> <li>• Interação</li> <li>• As tecnologias aproximam.</li> </ul>

**Quadro 7**

Tutor G
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem experiência prévia em EAD: desafiadora e agradável</li> <li>• Produz material</li> <li>• Interação (via telefone)</li> <li>• Ser tutor é vencer distâncias, participar na rotina dos alunos</li> <li>• A tutoria a distância apresenta dificuldades que as tecnologias auxiliam a sanar</li> <li>• Problemas evidenciados: baixa conexão e não ver o aluno</li> </ul>

**Quadro 8**

Tutor H
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não faz distinção entre tutor e professor</li> <li>• Função: mediar, fazer ponte entre aluno e o objetivo deste.</li> <li>• Na tutoria presencial o tutor se foca mais no polo</li> <li>• Na EAD o foco e a habilidade são outro.</li> <li>• Necessidade de disponibilizar outra forma de acesso para aproximar os sujeitos</li> <li>• Na sala de aula presencial é constrangedor, mas com o tempo passa confiança.</li> <li>• Utilização do telefone</li> </ul>

- A vídeo-conferência aproximaria aluno e tutor, e vice-versa
- EAD é uma realidade nova
- Problema: Turmas heterogêneas, como no presencial.

### Quadro 9

Tutor I
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Docente on –line</li> <li>• Evolução da EAD</li> <li>• Inovação tecnológica</li> <li>• Coautoria</li> <li>• Função: provocar, mediar, auxiliar.</li> </ul>

Encontram-se nos quadros acima e no “Estado da arte”, anteriormente explicitado, algumas bases da investigação: inovação; promoção do conhecimento; reforma do pensamento; interação viabilizada pelas tecnologias; maior aproximação na EAD; papel ou função da tutoria baseada na mediação; necessidade de adequação e de formação continuada; a EAD como uma nova proposta que lhes surpreendeu e parece-lhes rica, engrandecedora, desafiadora, agradável, exigente, nova. O ser tutor é um misto das funções que exerce e o como se define nas interações com o “outro”, seja com o aluno, seja com as tecnologias, seja com a modalidade.

Como sujeitos, falam do que lhes parece mais evidente no momento do questionamento. Alguns falam mais, outros menos; e respeitadas as individualidades, pode-se analisar o que eles ofertam à pesquisadora. O sujeito compõe-se e decompõe-se à medida que se expõe, coube-me apontar o que eles me ofertaram, porque sou o “outro” que só vai até o limite possível.

Observou-se a relação tutoria e Educação a Distância, onde a objetividade e a subjetividade norteiam os papéis do tutor, nas falas, afirmações e indagações, por muitas vezes retóricas e respostas conclusivas, o modo de organização do trabalho docente e as desordens geradas pelo que ainda lhes é relativamente novo dentro do contexto da EAD, e pelas recontextualizações sociais, culturais, individuais deste sujeito-tutor, que ora é firme e objetivo ao compreender-se, ora é perene e subjetivo ao tentar objetivar-se.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

*“Não preciso do fim para chegar.”*

*Manoel de Barros*

A teoria da Complexidade e os aspectos de reforma de pensamento, objetividade e subjetividade e as noções de indivíduo e sujeito serviram de base para esta pesquisa.

Refletiu-se sobre os operadores dialógico, recursivo e hologramático, e percebeu-se o quão necessário é reconhecer na teoria que se sustenta elementos que corroboram para a compreensão do tutor em um sistema de Educação a Distância e o quanto esse componente, o tutor, está tecido ao sistema educacional que o retroalimenta.

Em linhas gerais, partiu-se da Teoria da Complexidade, apontou-se a EAD e seus componentes inter-relacionados com o sistema e, num panorama geral a história da EAD no mundo e no Brasil. Doravante exposta em funções ou papéis definidos a figura do tutor engloba-se a sua qualificação profissional, em suas atribuições no sistema de Educação que o engloba e o exclui para o significar e a análise das entrevistas com tutores da modalidade a distância de ensino e com um recurso tecnológico a distância - o *skype*.

O caminho escolhido de uma pesquisa qualitativa se validou por tratar-se de uma abordagem que admite a realidade fluente e contraditória que tem nos processos de investigação o olhar também do pesquisador.

Ao estabelecer-se como objeto de análise a compreensão do tutor, vem à tona o compreender da pesquisadora sobre o tutor e a compreensão do tutor sobre si mesmo nas reflexões apontadas por eles nas falas que pronunciaram. Um processo investigativo dialógico, porque o tutor, ao relacionar-se com o outro, com o aluno ou com o pesquisador, ou, melhor, com a visão do aluno que destacou enquanto falava ao pesquisador, é ao mesmo tempo “Eu” tutor, “eu” tutor e o “outro” que resignifica. Associa-se ao que lhe complementa e lhe é antagônico ao mesmo tempo.

Ao mesmo passo, o tutor é produtor do que destaca em sua função de trabalho e é produto da função que lhe disponibiliza o sistema educacional. Um princípio recursivo que também se apresenta na relação com o “outro”, seja com o aluno

ou com o pesquisador novamente, no que tange a compreensão de que é produtor do discurso e produto do diálogo que se sustenta na análise das falas e efeitos da compreensão que se recortou para tal análise.

Complexos são os caminhos para esse entendimento, mas sustenta-se que ao mesmo passo que o tutor é o efeito e produto de tudo que retratou do ambiente que o engloba, também é causa e produtor desse ambiente. Uma parte que faz parte do todo, e um todo que lhe faz parte.

Viu-se que a EAD não é algo novo que vem para substituir o presencial, mas pensa-se que as duas modalidades podem encontrar um caminho de interação em prol de que estratégias de aprendizagem sejam construídas. Algo que não possa ser repensado em termos de estratégias renovadoras e inovadoras.

O ensino, e isso é uma urgência, necessita incluir em seu processo didático uma reforma no pensamento disjuntivo de especializar e fragmentar as disciplinas e com elas os métodos classificatórios de abordagem das informações. Galgar por um espaço limitado e sem refletir sobre a prática docente ou discente, seja no ensino regular e formal, na educação corporativa, na formação continuada, disponibilizadas de forma presencial ou a distância, dificulta, em um análise geral dos pontos, o aprender.

Tem-se, também, nas tecnologias, apoio de ordem prática para sustentar o processo de ensino aprendizagem e na modalidade uma proposta a mais de veicular o conhecimento. É fato que as TICs são recursos cada vez mais válidos para aproximar pessoas, mas sem a reforma do pensamento não se pode garantir que o manuseio das mesmas garanta que o conhecimento chegue a todos. Vive-se em constantes mudanças tecnológicas que não são conhecidas pela maioria da população. Mesmo àqueles que estão inseridos no âmbito educacional são pegos de surpresa.

O momento atual da Educação é de reflexão, de parceria, de flexibilidade e adaptação às inovações tecnológicas, à abrangência dos sistemas de comunicações digitais e às modalidades diferenciadas. Porque, a própria noção de distância passa por um processo de inovação. Com o advento da internet e a rápida difusão de novas mídias digitais que perpassam para o espaço educacional, o que se dizia distante pode estar geograficamente longe, mas to perto quanto é possível em contato visual e sonoro.

Um trabalho talvez árduo para a formação de profissionais que saibam como utilizar as tecnologias disponíveis, mas, mais do que isso, que saibam o que fazer

quando estiverem utilizando-as como forma de agregar mais possibilidades em suas práticas. O medo da inovação ou falta de competência tecnológica podem ser ou não ser agravantes que fazem com que alguns profissionais ainda não se aproximem da EAD. Mas, o que se viu nas entrevistas é que os tutores não tinham experiência previa com a EAD e se surpreenderam positivamente com a modalidade.

O fato do *skype* ser o diferencial desta pesquisa, em relação às demais encontradas até o momento, demonstra que estamos diante de um recurso ainda pouco explorado. Imagina-se, portanto, que muitos outros recursos sejam alvo da não utilização.

Alguns pontos no Estado da Arte dialogaram com as falas dos tutores: interação, mediação, qualificação e atribuições profissionais, o tutor compreendendo e se autocompreendendo enquanto está em formação, ao se definir e se encontrar como profissional. No decorrer do trabalho duas hipóteses iniciais foram levantadas: a modalidade em EAD faz o tutor compreender o processo de mudanças que lhe alteram a prática anterior. E pelo caráter de interação, respaldado em muitos autores, o ser-tutor aproxima-se mais dos alunos do que o professor em sala de aula presencial.

Encontramos nas falas da maioria dos tutores entrevistados a surpresa de se engajarem em um sistema de ensino que se diferencia do presencial, porque, segundo os tutores, a EAD aproxima mais professor e aluno, aluno e conhecimento. Em sala de aula presencial a timidez ou outros fatores podem afastá-los e o professor não tem a mesma disponibilidade de dar uma aula individualizada ou ter o contato com o aluno como a EAD possibilita. Em alguns cursos, como o Pré-vestibular Social, faltam meios tecnológicos que aproximem a imagem física dos alunos e tutores, mas que já estão sendo estudadas as possibilidades com a utilização do *gmail* e videoconferências.

O conhecimento também, nas palavras na maioria dos entrevistados, se dá de forma mais efetiva na EAD porque o aluno lê mais, explora mais as possibilidades de troca com os tutores e leituras.

A formação continuada foi outro destaque elencado nas entrevistas e nas pesquisas. Apontam que para que sejam exploradas as possibilidades da EAD exige-se do perfil do tutor, e do aluno, que passe por uma adequação tecnológica e continuem em formação contínua diante das mudanças que surgem, porque fazem parte das habilidades esperadas nesses sujeitos a adaptação tecnológica e a constante formação.

Os dados de análise definiram-se nos seguintes pontos: inovação; promoção do conhecimento; reforma do pensamento; interação viabilizada pelas tecnologias; maior aproximação na EAD; papel ou função da tutoria baseada na mediação; necessidade de adequação e de formação continuada; a EAD como uma nova proposta que lhes surpreendeu e parece-lhes rica, engrandecedora, desafiadora, agradável, exigente.

Assim proposto, supõe-se que o ser tutor é um misto das funções que exerce e o como se define nas interações com o “outro”, seja com o aluno, seja com as tecnologias, seja com a modalidade.

A pesquisa aqui proposta possibilitou-me entender e compreender o tutor, pelas leituras realizadas, pelas análises e reflexões sob as entrevistas e sob o olhar do tutor sobre a sua prática. De um metaponto de vista, fiquei diante de inúmeros metapontos; e isso corrobora para as reflexões apresentadas.

As questões aqui levantadas não se fecham em si, o que viabiliza novas pesquisas sobre o ser tutor. Mas, de certa forma, as hipóteses foram confirmadas pelas falas de alguns tutores, a prática em EAD faz o tutor compreender o processo de mudanças que lhe alteram a prática anterior. E no caráter individualista da EAD, salientado pelos tutores, o ser-tutor pode aproximar-se mais dos alunos do que o professor em sala de aula presencial.

## 6. REFERÊNCIAS

---

ARETIO, Lorenzo García. *La Educación a distancia: de La teoría a La práctica*. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 1ª edición, 2001; 3ª reimpressão, 2006.

ALMEIDA, Cleide. Et.al. *Estudos da Complexidade*. São Paulo: Xamã, 2006.

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BARRETO, Raquel Goulart. *Configuração da política nacional de formação de professores a distância*. Em aberto, Brasília, v. 23. N. 84, p. 33-45, Nov.2010.

Disponível em

<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1789/1352>. Acesso em [23/08/2012](#).

BENTES, Roberto De Fino. *A avaliação do tutor*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BERNAL, Edith Gonzáles. *Formação do tutor para a Educação a Distância: Fundamentos epistemológicos*. Eccos- Revista científica, São Paulo, v.10, n. 1, p.55-88, jan/jun. 2008.

BULCÃO, Renato. *Aprendizagem por m-learning*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. et. al. *Manual de Orientação aos Docentes Modalidade semipresencial, dependência on-line e tutoria versão preliminar*. 2007. Disponível em

[http://www.cruzeirodosulvirtual.com.br/espaco\\_blackboard/webclass\\_professores.pdf](http://www.cruzeirodosulvirtual.com.br/espaco_blackboard/webclass_professores.pdf). Acesso em 15/05/2012.

CAMPOS, Regina Célia. *Subjetividade e trabalho docente em cursos de Educação a Distância*. 2002. Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-85MQ55/1/2000000043.pdf>. Acesso em 15/05/2012.

CARVALHO, Mario Cesar dos Santos de. *Competências dos tutores para tutores em programas de educação a distância mediados pela internet: o caso do curso em administração da EAD/UFRGS*. Porto Alegre, 2009. Disponível em

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29974/000780002.pdf?sequence=1>. Acesso em 13/05/2012.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura- A sociedade em rede- Volume 1*. 4ª Edição. Tradução Rosineide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVES, Eduardo O. C. *Tecnologia na Educação, Ensino a Distância, e Aprendizagem Mediada pela Tecnologia: Conceituação Básica*. 1999. Disponível em <http://edutec.net/Textos/Self/EDTECH/EAD.htm>. Acesso 28/04/2012.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CORTELAZZO, Iolanda. B. C. *Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em EAD*. Curitiba: IBPEX, 2009.

COSTA, Marcos Munhoz. *A educação a Distância e a formação do sujeito: estudo realizado sobre o professor tutor nos cursos de graduação, na modalidade a distância Umesp pela ótica da multirreferencialidade*. São Bernardo do Campo, 2008. Disponível



em [http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/1/TDE-2008-05-29T170242Z-501/Publico/Marcos%20Munhoz%20da%20Costa.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2008-05-29T170242Z-501/Publico/Marcos%20Munhoz%20da%20Costa.pdf). Acesso em 10/01/2012.

CRUZ, Dulce Maria. *Aprendizagem por vídeo conferência*. In LITTO, Fredric M; DA SILVA, Marinilson Barbosa. *O processo de construção de identidades individuais e coletivas do 'ser-tutor' no contexto da educação a distância, hoje*. Porto Alegre, 2008.

Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15341/000671437.pdf?sequence=1>. Acesso em 23/03/2012.

DEL BIANCO, Nelia R. *Aprendizagem por rádio*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

DUARTE, Gilmar Pereira. *As funções do tutor on-line: análise da interatividade tutor/aluno no Projeto Piloto do Curso de Administração de Empresas na Universidade Federal do Piauí*. Brasília/DF, 2008. 120f Dissertação Mestrado em Educação Universidade federal do piaui Disponível em <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3506>. Acesso em 06/12/2011.

DIAS, Rosilâna Aparecida. *Educação a Distância: da legislação ao pedagógico*. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOTTA, Sílvia. *Aprendizagem dialógica em serviços de tutoria pela internet: estudo de caso de uma tutora em formação em uma disciplina a distância*. 2009. 211fls. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação. Área de concentração: Ensino e ciências de matemática. Faculdade de Educação se São Paulo. SP.

ESTEVES DE VASCONCELLOS, Maria José. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas:Papirus, 2010.

FORMIGA, Marcos. *A terminologia em EAD*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p.90- 49ª Reimpressão 2010.

FURQUIM, Leila Aparecida Corti Volpino. *O papel pedagógico do tutor de EAD: uma abordagem bibliométrica baseada no banco de teses da Capes*. São Carlos, 2010. 125f Dissertação de Mestrado Universidade Federal de São Carlos Disponível em [http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/8/TDE-2010-08-04T093021Z-3186/Publico/3125.pdf](http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/8/TDE-2010-08-04T093021Z-3186/Publico/3125.pdf). Acesso em 09/05/2012.

GONÇALVES, Marina de Castro Nascimento. *Vivências de tutor: estudo qualitativo na abordagem da psicologia analítica*. São Paulo, 2011. Dissertação de mestrado Faculdade de medicina da universidade de São Paulo Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-24052011-120039/pt-br.php>. Acesso em 16/04/2012.

GONZALEZ, Mathias. *Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância*. São Paulo: Avercamp, 1ª Edição, 2005; 1ª reimpressão, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011

LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LOPES, Emília Maria Martins; BESSA, Márcio Leite de. *EAD – Mudança de paradigmas pedagógicos*. TE em Revista, Brasília, v. 1, n. 1, p. 37-54, jan/dez. 2007.

MATTAR, João. *Interatividade e aprendizagem*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MENDONÇA, Fernanda de Freitas. *Formação de facilitadores de educação permanente em saúde: percepções de tutores e facilitadores*. Londrina, 2008.

Disponível em <http://www.uel.br/pos/saudecoletiva/Mestrado/diss/88.pdf>. Acesso em 30/12/2011.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas*. Em Aberto, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996. Disponível em

<http://twingo.ucb.br/jspui/bitstream/10869/530/1/O%20Paradigma%20Educativo%20Emergente%20Ante.pdf>. Acesso em 20/04/2012.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2011a.

\_\_\_\_\_ *A educação a distância como opção estratégica*. 2011b.

Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/estrategica.html>. Acesso em 20 de maio de 2012.

\_\_\_\_\_ *Modelos e avaliação do ensino superior a distância no Brasil*.

2009. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.54-70, jun.

2009 – ISSN: 1676-2592. Disponível em

<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2004/1833>

[Acesso em 13](#)

acesso em 10 de Junho de 2012.

\_\_\_\_\_ *Modelos e avaliação do ensino superior a distância no Brasil,*

2009. [ETD – Educação Temática Digital da Unicamp, Vol. 10, Nº 2,](#)

2009. Disponível em <http://www.eca.usp.br/moran/modelos1.htm>.

Acesso em 15 de Julho de 2012.

\_\_\_\_\_ *Para onde caminhamos na educação?.* 2005. Disponível em:

[http://www.microsoft.com/brasil/educacao/biblioteca/artigos/nov\\_05.msp](http://www.microsoft.com/brasil/educacao/biblioteca/artigos/nov_05.msp). Acesso em 20 e

maio de 2012.

MORIN, Edgar. *As duas Globalizações- Complexidade e comunicação uma pedagogia do presente.* Porto Alegre: Sulina, 2007a.

\_\_\_\_\_ *Introdução ao pensamento complexo.* Tradução de Elaine Lisboa.

Porto Alegre: Sulina, 2007b.

.\_\_\_\_\_ *O Método 2- a vida da vida.* Tradução de Marina Lobo. Porto

Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_ *O Método 5- A humanidade da humanidade.* Tradução de Juremir

Machado da Silv. Porto Alegre: Sulina, 2007c.

\_\_\_\_\_ *A cabeça Bem-Feita: Repensar a reforma Repensar o pensamento.*

Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_ *Educação e complexidade: Os sete saberes e outros ensaios.*

Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. *Educação a Distância: uma visão integrada.*

Tradução Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

NETO, Ruy Alberto de Assis Espinheira. *Arquitetura digital a realidade virtual, suas*

*aplicações e possibilidades.* 2004. Disponível em

[http://www.coc.ufrj.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=282&dir=ASC&order=name&limit=15&limitstart=15](http://www.coc.ufrj.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=282&dir=ASC&order=name&limit=15&limitstart=15)

Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/tutoria\\_ead.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/tutoria_ead.pdf). Último acesso 30 de abril de 2012.

NUNES, Ivônio Barros. *A história da EAD no mundo*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. *Sistemas, organizações e métodos: uma abordagem gerencial*. 13. ed. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Carmem Lúcia de Araújo. *Práticas docentes na educação on-line: a tutoria no programa de formação continuada em mídias na educação*. Maceió, 2009.

Disponível em [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/508/1/10\\_Dissertacao\\_CarmenLuciadeAraujoPaivaOliveira\\_2009.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/508/1/10_Dissertacao_CarmenLuciadeAraujoPaivaOliveira_2009.pdf). Acesso dia 12/05/2012.

OLIVEIRA, Gleyva Maria Simões de. *O sistema de tutoria na educação a distância*. Cuiabá, NEAD/UFMT – 2006.

Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/tutoria\\_ead.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/tutoria_ead.pdf). Acesso 30 de abril de 2012.

O'ROURKE, Jennifer. *Tutoria no EAD: Um manual para tutores*. 2003. Disponível em <http://www.abed.org.br/col/tutoriaead.pdf>. Acesso em 29/03/2012.

PALHARES, Roberto. *Aprendizagem por correspondência*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PEIXOTO, Joana. *A inovação como meta dos dispositivos de formação a distância*. Eccos- Revista científica, São Paulo, v.10, n. 1, p.39-54, jan/jun. 2008.

PEREIRA, Maria de Fatima Rodrigues; LOPES, Luiz Fernando. *A CONAE contra a EAD na formação inicial de professores – mas não de todo -*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 253-265, 2012. Disponível em [www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/.../3088](http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/.../3088).

PRETI, Oreste. *O estado da arte sobre “tutoria”: modelos e teorias em construção*. 2003. Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/tutoria\\_estado\\_arte.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/tutoria_estado_arte.pdf). Acesso em 30 de abril de 2012.

\_\_\_\_\_ *Avaliação da aprendizagem em cursos a distância: “delegando responsabilidade aos tutores”*. 2008. Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/avaliacao\\_aprendizagem.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/avaliacao_aprendizagem.pdf). Acesso em 30 de abril de 2012.

PETRAGLIA, Izabel. *“Olhar sobre o olhar que olha”: complexidade, holística e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

QUEIROZ, Eliane de Fátima Covem. *A formação de professores na ead online: um perfil interativo?*. Goiania, 2008. Disponível em <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Forma%C3%A7%C3%A3o-De-Professores-Na-Ead/65751.html>. Acesso em 08/12/2011.

SARAIVA, Terezinha. *Avaliação da Educação a Distância*. Boletim Técnico do Senac - v. 21, n. 3, set./dez., 1995. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/bts/213/2103032045.pdf>. Acesso em 12/03/2012.

SEVERINO, Joaquim Severino. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Beatriz Helena Pinho. *Tutorias e desafios de formação. Análise de Experiência do V curso de especialização em Educação a Distância*. Brasília, 2011. Disponível em [bdm.bce.unb.br](http://bdm.bce.unb.br), Acesso em 13/03/2012.

SIMÃO NETO, Antonio. *Cenários e modalidades de EAD*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

TELES, Lucio. *A aprendizagem por E-learning*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

TORRES,

VALENTE, José Armando Pinto. *Aprendizagem por computador sem ligação à rede*. In LITTO, Fredric M; FORMIGA, Marcos (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

#### **Outros Sites:**

<http://www.athabasca.ca>

<http://www.uvs.sld.cu/>

<http://moodle.uh.cu/>

<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=2469>.

<http://www.unigranet.com.br/japao/#polos-internacionais>

<http://www.catholicavirtual.br/?gclid=CKeTycub9q0CFcqf7QodihGzsA>

<http://ead.folhadirigida.com.br/?p=1713>.

<http://www.ntu.edu>

[www.cederj.edu.br](http://www.cederj.edu.br)

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>

[http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento\\_final\\_sl.pdf](http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final_sl.pdf)

## **7. ANEXOS**

---

Anexo 1

## DECLARAÇÃO

Eu Cristina Nascimento Cardoso, portador(a) do C.P.F. Nº 432.631.863/49, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

30 de Abril de 2012



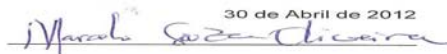
## Anexo 2

## DECLARAÇÃO

Eu MARCELO SOUZA OLIVEIRA, portador(a) do C.P.F. Nº - 402175582-91, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

30 de Abril de 2012



## Anexo 3



## DECLARAÇÃO

Eu Justino Tomus Martins, portador(a) do C.P.F. N° 342255088-70, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

30 de Abril de 2012

Justino Tomus Martins

Anexo 4

## LIBERAÇÃO DE DIREITOS DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ângelo Meirelles dos Reis, identificado com o RG 08559642-7 IFP, CPF 91086019768, disponibilizo a utilização de minha imagem e de minha voz, captadas durante entrevista concedida à mestrandia Nádia Rockenback, com finalidade de compor sua pesquisa acadêmica para obtenção do título.

Quaisquer dúvidas, disponho-me a esclarecê-las quanto à minha participação.

Ângelo Meirelles dos Reis

2191504067

Anexo 5

## DECLARAÇÃO

Eu Luísia Aparecida de Almeida e Sousa, portador(a) do C.P.F. Nº 086585477-79, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

05 de setembro de 2012

Luísia

Anexo 6

## DECLARAÇÃO

Eu, André da Costa Gonçalves, portador(a) do C.P.F. Nº 00561936706, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

03 de setembro de 2012

André da Costa Gonçalves


André da Costa Gonçalves

## Anexo 7

**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que concordei em participar de entrevista pelo *software Skype* concedida à Nadia Rockenback e gravada em 30 de julho de 2012 para sua pesquisa de Mestrado em Educação a Distância (EaD).

São Gonçalo/RJ, 03 de setembro de 2012



**Juliana Lobo do Amaral**  
Tutora de Inglês na modalidade a distância no Pré-Vestibular Social (PVS) da Fundação Cecierj, Consórcio Cederj

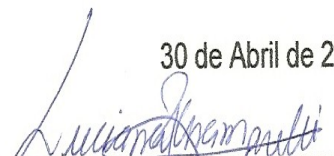
## Anexo 8

**DECLARAÇÃO**

Eu Luciana Jovina Chamaelli, portador(a) do C.P.F. Nº 098846447-98, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

30 de Abril de 2012



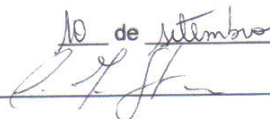
## Anexo 9

## DECLARAÇÃO

Eu Christiane Marceline Sant'anna, portador(a) do C.P.F. Nº 03809152781, declaro concordar para os devidos fins de direito com a gravação, via skype, e transcrição, parcial ou na íntegra, da entrevista realizada pela pesquisadora Nadia Josiane Rockenback de Almeida e com a utilização do conteúdo transcrito e analisado para elaboração da dissertação de mestrado e de produções textuais afins às temáticas analisadas no meu depoimento.

Por ser a expressão da verdade, firmo a presente.

10 de setembro de 2012

  
\_\_\_\_\_